

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL

GILCELIA LIMA DA SILVA REIS

HOMEM-PAI: DO CENÁRIO DA PROVISÃO MATERIAL À
CONSTRUÇÃO DO CUIDADO

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

SÃO PAULO

2016

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM SERVIÇO SOCIAL

GILCELIA LIMA DA SILVA REIS

**HOMEM-PAI: DO CENÁRIO DA PROVISÃO MATERIAL À
CONSTRUÇÃO DO CUIDADO**

MESTRADO EM SERVIÇO SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Carmelita Yazbek.

SÃO PAULO

2016

BANCA EXAMINADORA

*Em memória de meus queridos pais, Isabel e Eurípedes e de
Maria Dulce, querida mãe do coração, que tanto me amaram.
Tenho imensa gratidão por tudo que fizeram por mim.*

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradeço a Deus pela confiança e coragem de seguir a vida.

À Prof.^a Dr.^a Maria Carmelita Yazbek, orientadora deste trabalho, pelo carinho, confiança e respeito à minha trajetória de vida. Seu apoio, acompanhamento e sugestões durante o desenvolvimento desta pesquisa muito contribuíram para sua finalização.

À Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Martinelli que participou ativamente das orientações, transmitindo igualmente confiança, carinho e, acima de tudo, competência apontando caminhos para mim desconhecidos, mas cheios de significados e de possibilidades.

À Prof.^a Dr.^a Marta Bruno pelas valiosas sugestões, no Exame de Qualificação, que colaboraram de forma definitiva para a elaboração deste trabalho.

Aos professores e professoras da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) pelas contribuições teóricas nas disciplinas cursadas e nos núcleos, apontando perspectivas inovadoras de trabalho profissional.

À Coordenação do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUC-SP, pelo apoio e compreensão. Ao Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Identidade (NEPI) da PUC-SP, por todas as contribuições.

Ao CNPq, pelo significativo aporte financeiro recebido durante o período de realização deste estudo.

Ao Programa de Inclusão Musical Guri Santa Marcelina (GSM) pela receptividade e disponibilidade.

Aos sujeitos desta pesquisa pela confiança em compartilhar experiências do cuidado paterno.

Às amigas Keila, Fabiana, Ivonete, Gracielle e Neusa pela amizade e incentivo.

Às queridas amigas Mônica Vendrame, Sandra, Stella, Vanessa, Cristina, Marisa, Débora, Josie, Elsa, Fabiana, Maria do Carmo, Jovelina e querido Maikon, que muito me ajudaram. A vocês, meu amor e reconhecimento.

À Dr.^a Cláudia Hino, médica e amiga que me ensinou, sem medir esforços, a experiência e a profundidade do exercício do cuidado, para além das fronteiras da Medicina.

Agradeço aos meus irmãos Ailton, Hamilton, Davi, Sérgio, Claudenilton, Marilene, Paulo e Milene pelo compartilhamento da experiência familiar do cuidado paterno.

*... o mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não
estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão
sempre mudando. Afinam ou desafinam, verdade maior.
É o que a vida me ensinou. Isso que me alegra ...
Guimarães Rosa*

RESUMO

REIS, Gilcelia Lima da Silva. *Homem-pai: do cenário da provisão material à construção do cuidado*.

Esta pesquisa tem o objetivo de entender como os homens-pais, na dinâmica familiar da sociedade brasileira contemporânea, vivenciam o exercício do cuidado com os filhos. Assim, busca conhecer, descrever e analisar como as experiências do cuidado paterno vêm repercutindo nas condições materiais de vida: organização, rotina e ações cotidianas da casa, trabalho e lazer com seus filhos e avaliar motivações, dificuldades, consequências do cuidado e relação amorosa entre pais e filhos.

A metodologia consiste na abordagem qualitativa da realidade com base na História Oral Temática, a partir de três homens-pais com filhos inseridos no Programa de Inclusão Musical Guri Santa Marcelina (GSM).

Como resultados, é possível dizer que, na sociedade brasileira, surgem homens com escolaridade, faixas etárias e níveis sociais bastante distintos, que optam por fazer parte da criação dos filhos. O ato de cuidar dos filhos é tarefa difícil, mas prazerosa e não se restringe a suprir necessidades básicas materiais. Na visão dos homens-pais entrevistados, o cuidado é expressão do amor com comprometimento em todos os processos da vida humana.

Palavras-chave: Família; Gênero; Homem; Pai; Cuidado.

ABSTRACT

This research aims to understand how men-fathers, in the family dynamics of contemporary Brazilian society, experience the exercise of the care of children. Thus, it seeks to discover, describe and analyze how the experiences of parental care have repercussions in the material life conditions: organization, routine and daily home actions, work and play with their children and evaluate motivations, problems, care consequences and loving relationship between parents and sons.

The methodology is the qualitative approach to reality based on thematic oral history, from three men-parents with children that make part of the Musical Inclusion Program Guri Santa Marcelina (GSM).

As a result, it is possible to say that, in Brazilian society, there are men with very different education, age groups and social levels, who choose to be part of parenting. The act of caring for children is a difficult, but pleasant task, not restricted to supplying basic material needs. In the view of respondent parents-men, care is the expression of love with commitment in all processes of human life.

Keywords: Family; Gender; Man; Father; Care.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO, 10

CAPÍTULO 1 – CONSTRUÇÃO DO CUIDADO: INTERVENÇÃO PARA ALÉM DA PROVISÃO MATERIAL

- 1.1. O homem no processo de organização social: uma questão de gênero, 18
- 1.2. Gênese do cuidado, 24
- 1.3. Construção social da maternidade e paternidade, 27
 - 1.3.1. Processos sociais em diferentes períodos da história, 27
 - 1.3.2. Processos sociais em diferentes culturas, 32
- 1.4. Revendo os papéis, 38
- 1.5. De provedor a pai-cuidador, 44

CAPÍTULO 2 – CUIDADO PATERNO: A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SER PAI E SEUS NOVOS SIGNIFICADOS

- 2.1. Expressão da afetividade, 47
- 2.2. Pai-cuidador: uma identidade em construção, 52
- 2.3. Vínculo a partir do convívio, 55
- 2.4. Desafios para os homens na prática do cuidado paterno, 58
- 2.5. Condições reais para a concretização do cuidado, 60

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

- 3.1. Alguns aspectos do processo de trabalho, 63
- 3.2. Perfil dos sujeitos, 64
- 3.3. Análise das narrativas, 65

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 78

REFERÊNCIAS, 80

ANEXOS

ANEXO A – Roteiro da entrevista, 98

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), 99

ANEXO C – Homens que cuidam. *O Valente não é violento*. (POMBO, 2013), 100

INTRODUÇÃO

O presente estudo foi realizado no intuito de entender como os homens-pais se motivam, se organizam e vivenciam o exercício do cuidado com os filhos na dinâmica familiar da sociedade contemporânea brasileira¹.

A aproximação e envolvimento com o tema resultaram de minha história de vida e de lembranças da infância e parte da adolescência, amparadas pelo cuidado paterno; igualmente, no trabalho, inúmeras situações decorrentes dos atendimentos às famílias chamavam-me atenção. Eram casos nos quais a figura paterna, em relação ao cuidado, ganhavam contornos distintos, daqueles habitualmente destinados ao gênero homem²; por consequência, essas ações adquiriam sentidos igualmente diversos no contexto da família. Foi nesse caminho de reconstrução de memórias atrelado ao exercício da profissão, a decisão de aprofundar esta questão com afinco, transformada em proposta de Mestrado e apresentada por ocasião do Exame de Qualificação.

Trazer à discussão o homem-pai na perspectiva do cuidado, particularmente, entendido como afetividade, ligação, relacionamento e amor, de fato, é deslocá-lo do cenário da provisão material da família, no qual ele é percebido ou visto como sombra da mulher-mãe, para o lugar de cuidador e provedor de afeto, carinho no âmbito familiar, além dos vínculos que ele estabelece entre família e mundo externo.

É fundamental abordar este tema no entendimento de que a família, ao longo da história da humanidade, passou por significativas transformações, processo construído e desconstruído com o passar do tempo³.

A concepção de parentalidade entendida como a transformação em ser pai e ser mãe e o modo como se entende o núcleo familiar mudaram, principalmente, pelo questionamento

¹ O cuidado é um termo complexo repleto de significados e representações. Neste estudo, os termos cuidado e cuidar significam ocupar com atenção, zelo e responsabilidade de alguém, de si mesmo, da sociedade ou do meio ambiente, conforme Boff (1999).

² “Os movimentos feministas, na década 1980, passaram a empregar o termo gênero ao invés de sexo, reforçando a ideia de que as diferenças entre homens e mulheres não dependiam do sexo biológico, e sim dos fatores culturais nos quais as pessoas estavam inseridas. O emprego da palavra gênero facilitou a observação dos papéis sociais e das relações entre feminino e masculino e foi ponto de apoio na composição de subjetividades políticas, públicas e/ou relacionais. Há um consenso entre os historiadores de que as mudanças oriundas das guerras mundiais proporcionaram autonomia financeira e conquista de direitos políticos às mulheres, alterando a hierarquia entre elas e os homens” (SPIZZIRRI; PEREIRA; ABDO, 2014, p. 43).

³ O presente trabalho não pretende aprofundar essa questão de forma exaustiva, mas apenas apontar, no capítulo 1, algumas características do mundo medieval, sua transição para o capitalismo, a modernidade (do século XV ao fim do século XVIII e início do XIX) e a sociedade pós-moderna, contemporânea, que marcaram a evolução da família e o processo de construção da parentalidade.

dos papéis e das funções do homem-pai, da mulher-mãe e da família na sociedade contemporânea, na medida em que há um novo entendimento sobre as relações estabelecidas entre os membros familiares.

Zorning (2010) relata que foi, a partir dos anos 1960, na França, que o termo parentalidade começou a ser utilizado na literatura psicanalítica francesa por Rabamier, a partir de estudos com mães. Este psicanalista propôs a utilização dos termos paternidade e parentalidade para designar processos psicoafetivos que se desenvolvem por ocasião do nascimento de uma criança, relacionados às mudanças subjetivas produzidas nos pais, baseadas no desejo de ter filho. Todavia, 20 anos depois, no início da década 1980, o termo parentalidade ressurgiu quando René Clément (1985) desenvolveu estudos para entender a constituição desse processo.

No Brasil, passou-se a usar o neologismo do termo francês *parentalité*, nessa mesma década, em pesquisas que reconhecem o tornar-se mãe e/ou pai como processo de aprendizagem e de construção que envolve vários fatores, inclusive a participação da criança, independentemente de sua idade.

A família está presente desde os primórdios da civilização, e é marcada por fortes componentes culturais, emocionais, sociais e culturais que, de um modo ou de outro, estruturam de forma profunda a identidade de seus membros. Em Chaves (1994), o lar é o *locus* de construção de valores, é onde acontece a primeira identidade social. Como unidade dinâmica, a família vem passando por modificações significativas, na estrutura de funcionamento e de conceitos, repercutindo diretamente nas diversas formas que as relações de gênero se revelam na trama do cuidado cotidiano, a partir de contexto histórico e social.

Na contemporaneidade, as famílias possuem as mais diversas configurações. As figuras de pai e mãe, antes rigidamente demarcadas com papéis divididos de forma desigual, em que não cabia responsabilidade conjunta, vêm desaparecendo e dando lugar a uma forma mais flexível e, talvez, mais afetuosa de se relacionar. Assim, ser pai começa a ser visto de outra forma, pois tal papel se encontra em ampla transformação e construção dentro de novo conceito de família.

A expressiva presença da figura materna no cuidado e na divisão das tarefas domésticas deixa uma lacuna no desenvolvimento da paternidade. O enfraquecimento do papel masculino já vem de longa data, mas é fruto de falsa ideia, construída historicamente, de que o cuidado com os filhos só cabe à mãe. Na perspectiva de que a família é a base da sociedade, a mulher é uma cuidadora invicta e o homem, um provedor nato. Nessa direção,

surgem vários questionamentos e indagações sobre a relação pai e filho no quesito do cuidado, não somente no que se refere aos papéis e responsabilidades, mas na perspectiva da afetividade.

Para Miotto (1997), ao falarmos de famílias, devemos nos ater a sua especificidade e particularidade, uma vez que elas diferem significativamente entre si em diversos momentos da história humana. As relações estabelecidas entre os membros da família ocorrem em um processo circular, cujas trocas se fazem conforme padrões de relacionamento determinados na própria família.

Essa discussão traz igualmente o cenário dos desafios para os homens na prática do cuidado paterno que passa pela análise de necessidades, pois suscita o modo de como as pessoas se relacionam frente a bens materiais e não materiais, ou seja, necessidades objetivas e subjetivas. Assim, o cuidado, é tanto a expressão de um sentimento afetivo como de uma reflexão racional, lógica, ambas entendidas como determinantes da capacidade e potencialidade no plano das relações sociais. Nessa discussão, cabe a observação de Braunstein (2012), no sentido de que o cuidado é uma atividade ou atitude que envolve mecanismos psicológicos de natureza afetiva, racional e comportamental.

Objetivos

Ao buscar conhecer essa problemática e sua complexidade, tanto no tocante a papéis e responsabilidades, quanto a processos em construção, o presente trabalho tem como foco central a figura paterna na relação do cuidado entre pai(s) e filho(s) na perspectiva das atividades do lar e da afetividade.

Esta pesquisa busca dar continuidade e aprofundar a discussão já iniciada, em 2013, por ocasião da Especialização, e contribuir de forma significativa, espero, para a aproximação e o aprofundamento dessa problemática pouco discutida, mas presente nos espaços socioprofissionais do Serviço Social. São eles:

- Identificar como as experiências do cuidado paterno vêm repercutindo nas condições materiais de vida das famílias;
- Conhecer as rotinas de cuidado de homens com seus filhos;
- Entender como os pais percebem as consequências do cuidado para a vida dos filhos;
- Descrever e analisar as dificuldades que permeiam a relação de cuidado entre pais e filhos;

- Analisar e refletir sobre o que dificulta hoje a participação dos homens no exercício do cuidado e o que os encoraja.

Em síntese, este estudo busca conhecer, descrever e analisar como as experiências do cuidado paterno vêm repercutindo nas condições materiais de vida: organização, rotina e ações cotidianas da casa, no trabalho e no lazer com seus filhos e avaliar motivações, dificuldades, consequências do cuidado e relação amorosa entre pais e filhos.

Metodologia

Trata-se de pesquisa qualitativa, com abordagem da realidade com base na História Oral Temática, considerada uma das maiores fontes humanas de conservação e difusão do saber e de metodologia de pesquisa mais apropriada, tendo em vista a natureza e os objetivos deste estudo.

A História Oral é uma ciência e arte do indivíduo. Embora diga respeito – assim como a sociologia e antropologia – a padrões culturais, estruturais, sociais e processos históricos, visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma (PORTELLI, 1997, p. 15).

História Oral é o registro da história de vida de indivíduos que, focaliza suas memórias pessoais significativas, reconstrói a realidade a partir de vivências e emoções. A memória é uma construção psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado que nunca é somente aquela do indivíduo, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar e social.

Dentre essas questões, ocupa lugar a memória coletiva (HALBWACHS, 1990) como um fenômeno social, construído a partir da inserção no grupo social e elaborado pelo sujeito, que articula o acervo de lembranças enraizadas na rede de solidariedade de um grupo (HALBWACHS, 1990 apud CHIZZOTTI, 2008, p. 106).

A História Oral Temática, conforme Lozano (2000), mais precisamente, registra a história de vida de indivíduos que, ao focalizar suas memórias pessoais, constroem também uma visão mais concreta da dinâmica de funcionamento da trajetória do grupo social ao qual pertence⁴. A memória, como se sabe, é uma reconstrução do passado revelada com emoções e vivências dos fatos, em cujos relatos sobressaem memórias significativas pessoais e da sociedade. O uso da História Oral em pesquisa não significa descrever os fatos, mas sim a subjetividade do relato que revela os anseios e até mesmo os silêncios (POLLACK apud CHIZZOTTI, 2008, p. 106-107)⁵.

A oralidade não produz texto, mas performance, pois não estamos diante de um discurso concluído, mas em realização e que, ademais, não obedece a uma cronologia ou uma lógica do sujeito, é forma pela qual ele mobiliza sua memória, o que frequentemente ocorre através de fragmentos, ou melhor, de unidades de memória que não estão necessariamente conectadas em uma narração, em um relato cronológico ou em uma sequência lógica, contudo se associam, cada vez de maneira distinta, buscando uma relação entre eles na criação de sentido que todos estes fragmentos constroem juntos (MARTINELLI, 2014, p. 6).

Segundo Minayo (1993, p. 21), a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado.

Não existe um `continuum´ entre `qualitativo-quantitativo´, em que o primeiro termo seria o lugar da `intuição´, da `exploração´ e do `subjetivismo´; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido `objetivamente´ e em `dados matemáticos´. A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região `visível, ecológica, morfológica e concreta´, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas (MINAYO, 1993, p. 22).

⁴ “A História Oral, ainda que presente na antiguidade como um meio de preservar as tradições culturais, tornou-se uma relevante direção nos estudos históricos. Relegada no século XIX, quando se procurou dar um estatuto científico objetivo à história, foi retomada na segunda metade do século XX, não só como forma de dar voz aos excluídos da história oficial, mas também como resultante de uma nova compreensão da história [...] O historiador, em geral, distingue as fontes primárias – testemunhos orais ou registros (escritos, orais, sonoros ou imagéticos) de testemunhas oculares dos acontecimentos investigados que tenham tido relação direta com o evento – e as fontes secundárias, testemunhos orais e escritos de pessoas não imediatamente presentes ao evento, mas que analisem um acontecimento ou discorram sobre o acontecimento” (CHIZZOTTI, 2008, p. 106-107).

⁵ Ver Associação Internacional de História Oral (<http://www.bcn.es/tjssana/ihoae>). No Brasil, a Associação Brasileira de História Oral (ABHO), fundada em 1994, promove encontros, cursos e publicações sobre metodologias e pesquisas; edita a revista História Oral, com apoio do Núcleo de Estudos em História Oral, Departamento de História, FFLCH-USP (NEHO-USP).

Tendo em vista entender como os homens-pais, na dinâmica familiar da sociedade brasileira contemporânea, vivenciam o exercício do cuidado com os filhos, procedeu-se, inicialmente, a uma revisão da literatura a respeito dos trabalhos já publicados, isto é, uma análise bibliográfica, identificando autores e conceitos para inteirar-se do estado atual dos conhecimentos sobre esta área de estudo.

A pesquisa constituiu-se em três entrevistas de homens-pais com filhos inseridos no Programa de Inclusão Musical Guri Santa Marcelina (GSM), os quais atenderam aos seguintes critérios: compartilham o cuidado dos filhos com a presença das mães; promovem o cuidado aos filhos sem a presença das mães e estão em diferentes faixas etárias. Vale dizer que o intuito de termos sujeitos de diversas idades para melhor compreensão da questão do cuidado com o(s) filho(s) em contextos geracionais diversificados resultou na escolha de homens entre 27 e 46 anos com filhos entre oito e dezesseis anos.

É preciso destacar que a pesquisa foi realizada no Programa de Inclusão Musical Guri Santa Marcelina, da Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo gerido pela Santa Marcelina Organização Social de Cultura – Guri, que tem como missão a educação musical e a inclusão sociocultural de crianças e adolescentes da Grande São Paulo. Por meio da educação musical de qualidade, apoiada por um serviço de atendimento social, o Guri oferece a estudantes de 6 a 18 anos uma oportunidade real de crescimento cultural e de inclusão social. O trabalho social é realizado com os alunos e suas famílias, paralelamente ao ensino musical, buscando fortalecê-las, despertando potencialidades e sentimento de pertencimento nos territórios onde estão inseridas.

Para a realização das entrevistas, foram elaboradas questões norteadoras (ANEXO A); os sujeitos foram, também, estimulados a responder o que entendiam por cuidado.

A entrevista é mais um documento compatível com a busca de esclarecimentos e, por isso, o grau de atuação do entrevistador como condutor dos trabalhos fica mais explícito. Parte de um assunto específico e preestabelecido – a objetividade é direta, pois a temática gera em torno de um esclarecimento ou opiniões do entrevistador sobre algum evento definido. Desta forma pretende-se que na história oral temática tenha alguma versão, algum acontecimento que seja discutível ou contestatório (MEIHY apud CAPPELLE; BORGES; MIRANDA, 2010, p. 6-7).

As entrevistas ocorreram em apenas um encontro e duraram, em média, 1h10 cada uma, não ultrapassando esse tempo porque os pais combinaram por telefone que aproveitariam o momento de aula dos filhos para participar da pesquisa⁶. O Termo de

⁶ Foram feitos contatos telefônicos no intuito de combinar local e horário.

Consentimento (TCLE) foi trabalhado com os sujeitos 20 minutos antes do início das entrevistas (ANEXO B)⁷; elas foram gravadas em arquivos digitais MP3 e suas transcrições estão arquivadas e protegidas em segurança, e ficarão guardadas pelo pesquisador, por cinco anos. Para a análise dos resultados, as entrevistas foram organizadas de acordo com os conteúdos, identificando algumas questões centrais. A realização deste estudo tem como referência os princípios do Código de Ética Profissional dos Assistentes Sociais.

Art. 5º – São deveres do/a assistente social nas suas relações com os/as usuários: [...] b) garantir a plena informação e discussão sobre as possibilidades e consequências das situações apresentadas, respeitando democraticamente as decisões dos/as usuários/as, mesmo que sejam contrárias aos valores e às crenças individuais dos/as profissionais, resguardados os princípios deste Código; [...]

d) devolver as informações colhidas nos estudos e pesquisas aos/às usuários, no sentido de que estes possam usá-los para o fortalecimento dos seus interesses;

e) informar à população usuária sobre a utilização de materiais de registro audiovisual e pesquisas a elas referentes e a forma de sistematização dos dados obtidos;

f) fornecer à população usuária, quando solicitado, informações concernentes ao trabalho desenvolvido pelo Serviço Social e as suas conclusões, resguardado o sigilo profissional; [...]

h) esclarecer aos/às usuários, ao iniciar o trabalho, sobre os objetivos e a amplitude de sua atuação profissional; [...]

Art. 15 – Constitui direito do/a assistente social manter o sigilo profissional.

Art. 16 – O sigilo protegerá o/a usuário em tudo aquilo de que o/a assistente social tome conhecimento, como decorrência do exercício da atividade profissional. Parágrafo único – Em trabalho multidisciplinar só poderão ser prestadas informações dentro dos limites do estritamente necessário.

Art. 17 – É vedado ao/à assistente social revelar sigilo profissional.

Art. 18 – A quebra do sigilo só é admissível quando se tratarem de situações cuja gravidade possa, envolvendo ou não fato delituoso, trazer prejuízo aos interesses do/a usuário, de terceiros e da coletividade. Parágrafo único – A revelação será feita dentro do estritamente necessário, quer em relação ao assunto revelado, quer ao grau e número de pessoas que dele devam tomar conhecimento (BRASIL, 2011, p. 29-30; 35-36).

Estrutura do trabalho

A Introdução apresenta o tema em estudo, relevância, objetivos, perspectiva teórica e metodologia da pesquisa.

O Capítulo 1 aborda os principais conceitos e questões teóricas que fundamentam o presente estudo: a perspectiva de gênero, como elemento constitutivo das relações e processos

⁷ Após a assinatura do TCLE, as entrevistas foram realizadas em consonância com as diretrizes e normas de “pesquisas envolvendo seres humanos” (BRASIL, 2012).

sociais; a gênese do cuidado; a construção da paternidade e maternidade e a passagem de provedor a pai-cuidador.

O Capítulo 2 discute o cuidado paterno e a construção subjetiva do ser pai e seus novos significados com enfoque na afetividade, uma vez que o pai-cuidador é uma identidade em construção. Abordou-se também a importância do vínculo, a partir do convívio, os desafios para os homens na prática do cuidado paterno e as condições reais para a concretização do cuidado.

O Capítulo 3 apresenta o perfil dos homens-pais, descreve as questões mais significativas e analisa os resultados da pesquisa, levando em conta o referencial teórico e os dados advindos das narrativas.

Nas considerações finais, são apontados, de forma sintética e conclusiva, os elementos principais de reflexão em torno do processo de trabalho, dos objetivos e dos resultados obtidos neste estudo.

CAPÍTULO 1 – CONSTRUÇÃO DO CUIDADO: INTERVENÇÃO PARA ALÉM DA PROVISÃO MATERIAL

Este capítulo sintetiza os principais conceitos e questões teóricas que fundamentam o presente estudo: a perspectiva de gênero, como elemento constitutivo das relações e processos sociais; a gênese do cuidado; a construção da paternidade e maternidade e a passagem de pai-provedor a pai-cuidador. O homem na condição de pai, dentro desse novo contexto do cuidado, começa a trilhar um caminho, até então desconhecido, porém cheio de possibilidades.

1.1. O homem no processo de organização social: uma questão de gênero

Na contemporaneidade, o conceito de gênero refere-se ao sexo socialmente construído, o qual desnaturaliza prescrições práticas atribuídas e incorporadas por homens e mulheres. Do ponto de vista antropológico, algumas regras são observadas nas sociedades, e estão presentes na estruturação e organização das famílias, como a divisão do trabalho, a divisão interna de papéis e a questão da sexualidade.

A divisão sexual do trabalho estabelece uma diferenciação entre papéis masculinos e femininos, no exercício das atividades para sobrevivência e proteção de seus membros. Há variações em torno do que é considerado próprio do mundo masculino – atividades ligadas ao exterior, ao que é público – e ao que é considerado próprio do mundo feminino – atividades ligadas ao mundo doméstico, privado; variações na própria concepção de masculino e feminino nas diferentes sociedades. Essa divisão dicotômica aparece nas relações de poder do homem sobre a mulher, dos pais sobre os filhos, como também na busca de autonomia dos membros familiares. (DURHAN apud AUN; VASCONCELOS; COELHO, 2005, p. 155).

Os sistemas de sexo/gênero podem ser definidos como um conjunto de práticas, símbolos, representações, normas e valores que as sociedades elaboram a partir da diferença sexual anatomofisiológica, os quais dão sentido, entre outras coisas, à satisfação dos impulsos sexuais, à reprodução da esfera humana e ao relacionamento entre pessoas (BARBIERI, 1991 apud FONSECA, 1997, p. 29). Um estudo de gênero não pode pesquisar apenas mulheres, seja pela abundância de materiais e publicações, seja pela existência de fóruns de debates exclusivos para temáticas da mulher, mas é fundamental ampliar os estudos, insiste Barbieri (1991).

A historiadora Joan Scott (1989) relata que as feministas americanas começaram a usar o conceito gênero para se referir à organização social entre os sexos. No seu uso descritivo, gênero tem sido um conceito associado ao estudo das coisas relativas às mulheres. O gênero é um tema e campo novo de pesquisas históricas, mas ele não tem a força de análise suficiente para interrogar (e mudar) os paradigmas históricos existentes.

Com o passar do tempo, o olhar, até então, voltado para a mulher vem perdendo seu foco e apontando agora para as necessidades de estudos sobre as relações de gênero, acreditando que a história dos homens é tão importante e atraente quanto à da mulher, como são igualmente relevantes aspectos da relação entre eles.

Para Scott, a referência à palavra gênero no dicionário Aurélio é, ao mesmo tempo, explícita e cheia de possibilidades inexploradas: “Gênero: categoria que indica por meio de desinências uma divisão dos nomes baseada em critérios como sexo e associações psicológicas. Há gêneros masculino, feminino e neutro” (SCOTT, 1989, p. 2). A autora acredita, contudo, que o uso do termo gênero para designar relações sociais entre os sexos rejeita radicalmente explicações biológicas que encontram um denominador comum para definir várias formas de subordinação feminina. Para ela, gênero torna-se uma maneira de indicar construções culturais, isto é, a criação social das ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. Há uma imposição de lugares e funções, aos homens e às mulheres que resulta em fragilidades nos papéis desenvolvidos por homens em diversos aspectos da vida social e doméstica. Nesse sentido, gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e também um modo primordial de dar significados às relações de poder que se estabelecem.

Scott (1989) apoia-se nas ideias de Pierre Bourdieu, que entende que a divisão do mundo funda-se nas diferenças biológicas que dizem respeito à divisão sexual do trabalho, da procriação e da reprodução, cujas representações de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e subjetiva da vida social.

A diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, pode assim ser vista como justificativa natural das diferenças sexuais [...] da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho [...] dado o fato de que é o princípio divisão social que constrói a diferença anatômica e que é esta diferença socialmente construída e se torna fundamento e a caução aparentemente natural da visão social que alicerça [...] (BOURDIEU, 1999, p. 20).

A historiadora francesa Louise Tilly (1994), defensora do uso do gênero como categoria analítica, assim como Scott (1989), critica o caráter excessivamente descritivo dos estudos sobre a história das mulheres e defende a necessidade de se tomar o gênero como uma verdadeira categoria de análise, por meio de conceitualização que possa questionar categorias dominantes.

Contrapondo as ideias de Scott (1989) e de Louise Tilly (1994), Marilyn Strathern (1998), antropóloga britânica, recusa o estatuto analítico do gênero. Acredita que gênero é apenas um meio de aglutinar, em uma determinada sociedade, o modo como se organizam as práticas e as ideias em torno dos sexos e dos objetos sexuais. Dessa forma, é uma categoria empírica, que assinala uma descontinuidade entre corpos, objetos, eventos de uma determinada ordem simbólica particular.

Na tentativa de esclarecer o conceito de gênero, Saffioti (1999) tece algumas considerações.

Este conceito não se resume a uma categoria de análise, não obstante apresentar muita utilidade enquanto tal. Gênero também diz respeito a uma categoria histórica, cuja investigação tem demandado muito investimento, podendo ser concebido em várias instâncias, como aparelho semiótico (Lauretis, 1987); símbolos culturais evocadores de representações, conceitos normativos como grade de interpretação de significados, organizações e instituições sociais, identidade subjetiva (Scott, 1988); como divisões e atribuições assimétricas de características e potencialidades (Flax, 1987); como, numa certa instância, uma gramática sexual, regulando não apenas relações homem-mulher, mas também relações homem-homem e mulher-mulher (Saffioti, 1992, 1997b; Saffioti e Almeida, 1995); etc. Cada feminista enfatiza determinado aspecto do gênero, havendo um campo, ainda que limitado, de acordo: o gênero é a construção social do masculino e do feminino. O conceito de gênero não explicita, necessariamente, desigualdades entre homens e mulheres. Muitas vezes, a hierarquia é presumida. O uso deste conceito pode, segundo Scott (1988), revelar sua neutralidade, na medida em que não inclui, em certa instância, desigualdades e poder como necessários (SAFFIOTI, 1999, p. 1).

Para Flax (1991, p. 228), as relações de gênero têm sido definidas como relações de dominação controladas por um de seus aspectos inter-relacionados: o homem.

Na perspectiva das relações sociais, homens e mulheres são ambos prisioneiros do gênero, embora de modos altamente diferenciados mas inter-relacionados. Assim, a inter-relação entre homens e mulheres, sob a perspectiva de gênero, conduz a relações sociais relacionais e articuladas entre si (FLAX, 1991, p. 229).

É possível que determinadas relações reforcem aspectos que beneficiam tanto ao homem quanto à mulher, como por exemplo, humildade, respeito, cumplicidade e percepção do outro como de si mesmo, que os conduzem a relações sociais prescritas pela autora, possibilitando a igualdade em um mundo desigual.

Cuidar do outro *animus-anima* implica um esforço ingente de superar a dominação dos sexos, desmontar o patriarcalismo e o machismo, por um lado, e o matriarcalismo e o feminismo excludente, por outro. Exige inventar relações que propiciem a manifestação das diferenças não mais entendidas como desigualdades, mas como riqueza única e complexa substância humana (BOFF, 1999, p. 140).

Essa forma de o homem e a mulher se relacionarem é possível, desde que se reinventem, realinhem e evoluam para níveis mais significativos e que proporcione novas experiências, especialmente, o cuidado recíproco, ou seja, uma forma singela de enxergar e perceber o outro.

[...] a invenção da existência envolve, repita-se necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorreria e ocorre no domínio da vida, a `espiritualização´ do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfear o mundo e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. Capazes de intervir no mundo, de comparar, de ajuizar, de decidir, de romper, se escolher, capazes de grandes ações, de dignificantes testemunhos, mas capazes também de impensáveis exemplos de baixeza e de indignidade. Só seres que se tornaram éticos podem romper com a ética. Mas tudo isso nos remete ao entendimento de que o homem está num grande processo de transformação e que é possível intervir para possibilitar o processo que se coroa cheios de argumentos (FREIRE, 1996, p. 51).

Há alegações de que o gênero/sexo ainda é um elemento diferenciador e decisivo nas definições dos papéis desempenhados na construção do cuidado com o(s) filho(s). De fato, há um caminho a percorrer, paradigmas a serem quebrados ou rompidos, até porque no século XIX, o pai era a lei, a autoridade, mas isso mudou, as relações mudaram. Neste século, há um grande esforço de homens e mulheres para entrar em contato com a subjetividade e as emoções que esse processo lhes proporciona.

“Repensar o masculino supõe rever modelos de comportamentos, teorias e discursos que, ao longo da história, têm sido usados para explicar a masculinidade” (BADINTER, 1985, p. 11). Isso requer um novo posicionamento, o de romper com ideias moralistas que se expressam de forma intensa. Nesse sentido, vale a reflexão de Barroco.

A ruptura com costumes e valores de ordem moral é sempre relativa a condições históricas favorecendo questionamentos que remetem à vida cotidiana, explicitando conflitos e contradições e possibilitando novas alternativas e escolhas. Dada à dinâmica da sociedade, tais possibilidades estão potencialmente presentes na vida social; no entanto, determinados momentos históricos são particularmente propiciadores de sua expressão. A década de 1960 é um desses momentos. [...] No conjunto de reivindicações que assinalam a efervescente participação cívica e mobilização política desse período, ressaltam-se os movimentos desencadeados pelas mulheres, em que se gesta um novo *ethos* ampliador da consciência de gênero (BARROCO, 2010, p. 100).

O que se evidencia no decorrer da história é que a mulher foi imprimindo uma nova forma de ser e viver em família, assumindo, de uma maneira ou de outra, seu lugar no contexto do lar e na esfera social. Quando essa mulher-mãe se inseriu no mercado de trabalho, o homem passou a dividir com ela os trabalhos domésticos e a fazer parte da criação dos filhos. Isso favoreceu, portanto, a aproximação do homem no cuidado como pai.

Com efeito, a partir dos anos 1960, alargam-se as bases sociais de emancipação da mulher: sua inserção no trabalho, na educação superior, na vida pública e na defesa de direitos sociais e políticos. Configura-se uma determinada intervenção ético-moral, dada pela recusa dos papéis tradicionalmente definidos como 'femininos', o que implica a desvalorização da subalternidade e passividade imprimidas ao papel da mulher na sociedade. Criam-se novas alternativas e possibilidades de escolha, instaurando uma consciência cívica valorizadora da participação e da liberdade. Hobsbawm salienta um aspecto importante para a nossa reflexão: a relação entre a consciência de gênero e a oposição às instituições tradicionalmente veiculadoras do conservadorismo moral (BARROCO, 2010, p. 100-101).

Discutindo a década 1960, Barroco diz mais sobre suas características.

[...] É também um momento de explicitação de conflitos éticos, que ocorrem em situações de questionamento de valores morais, no âmbito da vida cotidiana. Por gerar uma atitude crítica são potencializadoras de uma ação prática superadora; logo, ela aponta ser possibilitadores de um enfrentamento crítico das contradições sociais permitindo a superação dos juízos provisórios típicos do moralismo e contribuindo para a articulação entre a moral e as demais esferas da vida social, entre a singularidade e o humano-genérico (BARROCO, 2010, p. 102).

A mulher conquista o espaço público ao se inserir no mercado de trabalho, até então reservado ao homem, enquanto este se volta para o privado, assumindo função antes exclusiva à mulher. Ramires (1997) ressalta a importância da influência dos meios de subsistência na

estruturação das famílias e, conseqüentemente, no arranjo dos papéis intra e extrafamiliar e dos micros e macropoderes presentes nas relações entre os gêneros.

As condições de vida dos indivíduos dependem, em grande parte, da inserção social do homem e da mulher no mercado de trabalho, quando não, de toda família; nela articulam-se as mais diversas alternativas para enfrentar as condições de precariedade e as exigências do mundo do trabalho. Há uma luta cotidiana para prover as necessidades básicas e a proteção da família.

O homem-pai sempre foi visto como provedor da família e afastado, de forma consciente ou não, do poder do afeto e da compreensão, cabendo somente à mulher-mãe este lugar. Sutter e Bucher-Maluschke (2008) fazem interessante revisão bibliográfica sobre o sentido da paternidade, a partir de pesquisa com homens que vivenciaram o cuidado próximo na criação dos filhos.

Segundo Flaquer (1999), a perda da legitimidade do patriarcado é uma das mudanças mais importantes que caracterizaram o fim do século XX, tendo como um de seus sinalizadores o aumento de famílias monoparentais chefiadas por mulheres e o ofuscamento da figura do pai na constelação familiar. O patriarcado, concebido por Kate Millet (1970) como uma política sexual presente nos atos mais privados e pessoais, ancora-se não só na dominação coletiva de homens sobre as mulheres, mas na separação entre mundo masculino e feminino, em decorrência do afastamento do mundo materno considerado inferior em relação ao paterno (Puleo, 1995). Neste sentido, o lar e a maternidade, pressupondo as tarefas domésticas e o cuidado infantil, não são esferas masculinas (Luz, 1982) e, portanto, campos possíveis para o exercício da paternidade. Entretanto, apesar da constatação de Flaquer, que pressupõe uma mudança no cenário doméstico, na direção do que ele mesmo chama de família pós-patriarcal, mais igualitária quanto à divisão sexual do trabalho, a grande maioria das famílias ainda se organiza sob as bases tradicionais da especialização e da complementaridade das funções. Com efeito, a maioria dos homens, conforme constata o relatório Hite sobre a família (1995), não participa dos serviços domésticos. Em consonância com esse fato, como muitas pesquisas indicam, a imagem do pai continua essencialmente associada às funções tradicionais, sobretudo à de provedor (Carvalho, 1990; Comel, 1998; Maciel, 1994; Palma e Quilodrán, 1997), percebida como modo de afirmação da masculinidade, em que o homem é aquele que garante o sustento de sua família (Villa, 1997). Tais imagens são até mesmo veiculadas pela mídia, como aponta Medrado (1998) ao analisar os comerciais de televisão –, de modo que o cenário social e familiar é muito mais o de um período de transição do que propriamente o de uma revolução definitiva das mentalidades e dos costumes (SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008, p. 75). (Grifos nossos)

Para Hirata e Kergoart (2007), as relações de gênero pressupõem processos históricos e sociais complexos e instáveis formados de partes inter-relacionadas presentes na estruturação da sociedade. As autoras sugerem a realização de pesquisa interdisciplinar para entender porque recai sobre as mulheres o encargo doméstico.

As razões dessa permanência da atribuição do trabalho doméstico às mulheres, mesmo no contexto da reconfiguração das relações sociais de sexo a que se assiste, hoje, continua sendo um dos problemas mais importantes na análise das relações sociais de sexo/gênero. E o que é mais espantoso é a maneira como as mulheres, mesmo plenamente conscientes da opressão, da desigualdade da divisão do trabalho doméstico, continuam a se incumbir do essencial desse trabalho doméstico, inclusive entre as militantes feministas, sindicalistas, políticas, plenamente conscientes dessa desigualdade. Mesmo que exista delegação, um de seus limites está na própria estrutura do trabalho doméstico e familiar: a gestão do conjunto do trabalho delegado é sempre da competência daquelas que delegam. É preciso refletir não apenas sobre o porquê dessa permanência, mas, principalmente, sobre como mudar essa situação. A nosso ver, é preciso questionar, sobretudo, os âmbitos psicológicos da dominação e a dimensão da afetividade (HIRATA; KERGOART, 2007, p. 607-608).

Segundo Telles (1996), na sociedade brasileira, caracterizada pela lógica da destituição e privação de direitos, a família é uma espécie de garantia ética, moral e material, caracterizada pela lógica da destituição e privação de direitos.

A subtração, mais do que evidência sociológica, vira fato bruto, sem mediação, dado da natureza desprovido por isso mesmo de algum sentido que pudesse fornecer a medida ou o parâmetro para avaliar em sentido crítico, ao menos abalar, as certezas acerca dos rumos da modernização brasileira. E esse é o outro lado do desmanche, pois nessa pobreza transformada em dado bruto da natureza há também o esvaziamento da função crítica das noções de igualdade e justiça (TELLES, 1996, p. 2).

Nesses termos, igualdade de gênero é um direito humano, portanto, trata-se de um princípio fundamental para toda a sociedade que se pretende livre, justa e igualitária.

1.2. Gênese do cuidado

Segundo Ferreira (2014, p. 408), o substantivo cuidado pode significar atenção, precaução, cautela, desvelo, zelo, ou responsabilidade com alguém ou alguma coisa; como adjetivo significa que algo foi pensado, imaginado, meditado, previsto ou calculado. Ambos os sentidos se relacionam com a atividade mental. Cuidado vem do termo latino *cogitare* que significa pensado, pensamento e reflexão ou desvelo, definido como o cuidado e vigilância

contínua, diligência, zelo, solicitude. O verbo cuidar, como verbo transitivo direto significa imaginar, pensar, meditar, cogitar, julgar e supor. Já como verbo transitivo indireto tem um sentido mais usual, ou seja, cuidar significa zelar por algo ou por alguém (FERREIRA, 2014).

Ao aproximar o termo cuidar do vocabulário latino *curare*, o sentido associa-se à ideia de tratar de e pôr o cuidado em (BOFF, 1999). Ter cuidado implica, portanto, estar atento, usar a atenção sobre algo ou alguém, que pode ser a própria pessoa. “O cuidado nasce do envolvimento afetivo que temos com a realidade [...] Tudo o que fazemos com cuidado é benfeito, dura mais e confere sossego e proteção à vida” (BOFF, 2014, p. 80).

O cuidado antecede toda atitude e situação humana, caracterizando-se como fenômeno antológico-existencial, portanto o cuidado está na essência da existência humana, sendo inerente ao homem. O cuidado somente surge quando a existência de alguém tem importância para mim, segundo Boff (1999).

Os dois significados básicos colhidos da filosofia (modos de ser-no-mundo⁸: o trabalho e o cuidado) nos confirmam a ideia de que cuidado é mais do que um ato singular ou uma virtude ao de outras. É um modo de ser, isto é, a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas (BOFF, 1999, p. 92).

A ética do cuidado parte da compreensão de uma ética revolucionária, ética da virtude, a ética do desenvolvimento e a ética da responsabilidade e por fim a ética do dever.

[...] a expressão mais direta da ética universal se dá pelo cuidado. Ele é inerente a toda a vida. O cuidado nasce do envolvimento afetivo que temos com a realidade. É uma relação amorosa e não destrutiva para com ela. [...] A ética da responsabilidade não leva em conta somente os comportamentos humanos, mas principalmente, as consequências das decisões e dos atos (BOFF, 2014, p. 80-81).

Trata-se de um modo de ser atraído pela necessidade do outro, pois cuidar do outro nos modifica, nos transforma e instiga a cuidar de nós mesmos. Dentro dessa expectativa, o modo de ser cuidado revela o envolvimento tanto feminino quanto masculino, apesar de a figura central da mulher ter dado significado a essa dinâmica, a matrifocalidade (grupo

⁸ “A noção de ser no mundo foi desenvolvida sistematicamente pelo filósofo alemão Martin Heidegger no tratado *Ser e Tempo (Sein und Zeit)*, de 1927. Na obra Heidegger se impõe a tarefa de recolocar a questão do "sentido do ser", que para ele foi esquecida pela metafísica tradicional. Esse esquecimento se deu em virtude do fato de a tradição metafísica ter se convertido numa ontologia da substância, aquela que visualiza o ser em geral a partir da primazia da "coisa", ou, dito de outro modo, que toma a "coisa", como paradigma de representação para tudo o que `é” (BARBOSA, 1998, p. 1). Esta noção foi amplamente difundida pelas ciências humanas.

doméstico centrado na mãe e pai ausente ou com papel secundário), ao longo da história. Nesse sentido, segundo Boff (1999), o cuidado foi assumindo uma direção feminina e uma dimensão considerada hegemônica histórico-social.

Na contemporaneidade, o homem começa a vislumbrar possibilidades de adentrar no campo do exercício do cuidado, até então completamente feminino, e esbarra no equívoco de entendê-lo como pertencente exclusivamente ao mundo das mulheres e difamado como feminilização. Quando ele se dispõe a cuidar de um filho, não está somente intervindo na vida da criança, mas abrindo portas para a dimensão relacional. O cuidar é procurar caminhos e desenvolver potenciais de equilíbrio entre trabalho, viver, cuidar de si e de outros, como fenômenos existenciais. Cuidar de si e dos outros é exercício afetivo, ato de liberdade e necessidade do ser humano de relacionar-se consigo e com os outros, porque durante a vida, cuidamos de coisas, de animais e de pessoas.

Ocorreu-me contextualizar o tema cuidado, a partir da narrativa apresentada na Fábula de Higino,⁹ escrita por Heidegger, que trata da criação do ser humano.

Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. De comum acordo, pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este tomou a seguinte decisão que pareceu justa: Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. Você, Terra, deu-lhe o corpo: receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil (BOFF, 1999, p. 46).

A Fábula por si só revela a beleza da criação dos seres humanos. Apesar de narrar conflitos existentes, não deixa de descrever a necessidade do exercício do cuidado. A Terra foi ousada em acreditar na sua capacidade de se doar, compondo assim o “corpo humano-Homem feito de húmus-terra-fertilidade”, conforme Boff (1999).

A criação do homem não foi realizada de forma solitária, mas teve a participação efetiva do Cuidado; de Júpiter, o idealista do projeto, o grande responsável por dar o espírito

⁹ Seu nome completo é Gaius Julius Hyginus. Segundo Boff (1999), os dados mais seguros sobre o Gaius Julius Hyginus estão em Paulys Realencyclopädie der classischen altertumswissenschaft, v. 19, Stuttgart, 1918, colunas 628-651.

(alma, emoções); da Terra, que forneceu a matéria-prima húmus e de Saturno, o grande mediador, já que ninguém queria abrir mão do seu trabalho, mas receber as honras merecidas.

A fábula se revela em uma significativa interação na formação do ser humano: corpo (composição da matéria) e espírito-ânima (alma) – a vida e a morte que finaliza o tempo de existência. Aqui fica registrada a manifestação do Cuidado, cuidado que nos acompanhará por rápido, curto, médio e longo tempo. Não importa o tempo, o tempo é o próprio cuidado. É o cuidado que faz sentido, e nos faz sentirmos cuidados.

1.3. Construção social da maternidade e paternidade

1.3.1. Processos sociais em diferentes períodos da história

A história da humanidade apresenta significativas transformações sociais, culturais, políticas e econômicas que indicam os diversos modos de viver das diferentes épocas que, por sua vez, determinam comportamentos e maneiras como as pessoas se relacionam: essas mudanças refletem também nas relações intrafamiliares.

A mulher e o homem têm desempenhado diferentes funções, ao longo da história, reduzindo as barreiras que operam na divisão do que cabe aos homens e às mulheres e agregando responsabilidades partilhadas entre eles. Todavia, embora as responsabilidades se modifiquem em função do novo contexto de paternidade, a mulher tem lugar exclusivo na família e na sociedade, apesar de o valor atribuído ao relacionamento entre pais, mães e filhos, nem sempre, ter sido o mesmo, ao longo da história.

Se pensarmos na família da Idade Média (séculos V ao XV), esta era uma realidade moral e social, sem função afetiva. A educação das crianças era única e exclusivamente assegurada nas atividades da comunidade, e “[...] o afeto se dava em um ambiente coletivo, algo fora da família, prática conhecida como sociabilidade” (ARIÈS, 2014, p. 191). O homem vivia da coleta de vegetais e da caça de pequenos animais. Na estrutura familiar não existia público e privado, era uma unidade regida pela lógica da partilha e da solidariedade. Não havia divisão de papéis entre homens e mulheres, ou seja, não eram hierarquizados (MURARO, 1992).

O homem por muito tempo não tinha consciência da sua condição de pai, estava sempre em busca da caça e participava das guerras, buscando assim a sobrevivência; destinava tempo para ensinar aos filhos as técnicas de caça, como se preparar para a guerra e de uma forma ou de outra tentavam envolvê-los, acreditando que esta era a forma correta de

desenvolver o valor do verdadeiro homem no filho. O poder era conquistado pela força e medido pela posse, sendo mais valorizado o poder masculino.

A procriação era a questão central da permanência da família, a mulher era socialmente valorizada em decorrência da maternidade e, assim, as famílias seguiam uma estrutura voltada para a mãe. Com o passar do tempo e frente às modificações ambientais, a atividade de coleta se tornou insuficiente, obrigando-os, então, a caçar animais de grande porte, a defender seu território e a garantir alimentos. A supremacia masculina acontece quando a atividade requer o uso da força física para subsistência (RAMIRES, 1997). Entende-se que esse homem caçador não tinha consciência de sua condição de pai, se ausentava para as caçadas e as lutas no intuito de garantir a sobrevivência. As instituições socioculturais começam a refletir a dominação masculina nos mitos, na religião, na moral, na família, por exemplo (DUPUIS, 1989).

Os deveres de um bom pai de família reduz-se a três pontos principais: o primeiro consiste em aprender a controlar a mulher. O segundo, em bem educar seus filhos, e o terceiro, em bem governar seus criados. Salomão dá-nos a esse respeito um conselho muito judicioso, que encerra todos os deveres de um senhor para com seus servidores. Há três coisas, diz ele, que não lhes devem faltar. São elas: pão, trabalho e reprimendas¹⁰ e castigos porque este é nosso interesse (ARIÈS, 2014, p. 183).

Essa ideia que restringe a paternidade às responsabilidades de protetor, guardiões da família alicerça o pai em um cubículo de masculinidade, vinculado à imagem daquele que tem força e provê o “pão de cada dia”.

O período seguinte, entre os séculos XVI e XVIII, é percebido genericamente como de transição da Idade Média para a Idade Moderna (que inclui o início do século XIX) e pode ser identificado como passagem progressiva do sistema feudal para o capitalista, período de muitas transformações. No entanto, permanecem ainda valores do feudalismo, da servidão e os privilégios da nobreza, influenciando mudanças nas relações sociais, nas famílias e nas concepções de mundo, dentre outros aspectos.

Durante o século XVII, o sentimento de família e de infância praticamente não existia. Nesse período, prevalecia uma cultura patriarcal, que defendia a superioridade masculina; no entanto, a mulher ocupava uma posição inferiorizada, equiparada a uma criança, sendo-lhe atribuída pouca ou nenhuma importância. Durante esse período, assim que as crianças

¹⁰ Forte reprovação, excesso de censura e/ou repreensão, reprovação. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br/reprimenda/>>. Acesso em: 4 jun 2016.

prescindissem dos cuidados maternos ou das amas, passavam à condição de adultos, misturando-se a eles em suas atividades (ARIÈS, 2014).

A descoberta da infância começou a desabrochar no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII (ARIÈS, 2014, p. 28).

As cerimônias de casamentos eram estabelecidas por contratos, baseando-se em interesses econômicos e em alianças políticas. Não existia qualquer manifestação de afetividade entre os casais, ou mesmo entre pais e filhos. O amor conjugal não era preservado, não se fazia necessário; para a época, o importante era ter o poder, obtido por meio de posses. Havia falta de apego aos filhos por parte das mães, justificado pela falta de tempo. As questões de saúde, educação e higiene eram desprezadas e as crianças eram acometidas de doenças graves, sendo que maioria sequer chegava à idade adulta, contribuindo assim para o alto índice de mortalidade infantil.

Somente no final do século XVII, ocorreram mudanças relacionadas ao sentimento de maternagem associado à infância. Já se percebia a preocupação com a educação da criança, pois o menino bem-educado elevaria os títulos da sua casa. Contudo, um desafio ainda estava por vir: a preocupação da mãe em garantir a sobrevivência de pelo menos um filho até a idade de se reproduzir, preservando, assim, a ancestralidade e a herança genética. Em contrapartida, o sentimento de infância beneficiou primeiro os meninos, enquanto que as meninas persistiram por mais tempo no modo de vida tradicional.

Somente por volta do ano de 1770, este cenário passa a definir o modo de ser meninas e meninos. Os meninos deixaram de usar o vestido com gola aos quatro-cinco anos. Antes dessa idade, porém, eles eram vestidos como meninas, e isso continuaria até o fim do século XIX: o hábito de efeminar os meninos só desapareceria após a Primeira Guerra Mundial, e seu abandono deve ser relacionado com o abandono do espartilho das mulheres: uma revolução do traje que traduz a mudança dos costumes. Havia uma preocupação em distinguir a criança se tenha limitado principalmente aos meninos: as meninas só foram distinguidas pelas mangas falsas abandonadas no século XVII, como se a infância separasse menos as meninas dos adultos do que os meninos. [...] O ensino das meninas começou apenas na época de Fénelon e de M^{me} de Maintenon, e só se desenvolveu tarde e lentamente. Sem uma escolaridade própria, as meninas eram muito cedo confundidas com as mulheres, como outrora os meninos eram confundidos com os homens, e ninguém pensava em tornar visível através do traje uma distinção que começava a existir concretamente para os meninos, mas que ainda continuava inútil no caso das meninas (ARIÈS, 2014, p. 39).

A paternidade começa a ser pensada e experimentada de outra forma, não só pelo fato de perpetuar a família, trazendo valorização e continuidade do nome, mas também pela dedicação ao(s) filho(s), assim como aderindo às mudanças nas práticas de divisão do trabalho entre os cônjuges.

Este período também se caracterizou pela divisão do trabalho entre o que era para os homens e o que era exclusivo para as mulheres, ficando estas restritas ao âmbito das atividades privadas e desvalorizadas. Exercendo o homem desta forma uma dominação econômica sobre a mulher, o que lhe garantia submissão desta aos seus desejos. Durante este período a mulher só era reconhecida e valorizada através da maternidade, sua função era fornecer o maior número possível de filhos para arar a terra e defender a terra e o estado (BOFF; MURARO, 2002, p. 62).

As questões relativas a afeto e cuidado eram menosprezadas em nome do poder social. A supremacia masculina estava associada às ideias de primazia, força, poder, dominação, agressividade, autoridade e submissão do outro, sobretudo, da esposa e filhos. O entendimento desse modelo é definido sobre um conjunto de princípios que passam pela manutenção da ordem, exercício da autoridade, justiça, governo do lar e provimento dos seus dependentes.

A criança tornou-se um elemento indispensável da vida cotidiana, e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, carreira e futuro. Ela não era ainda o pivô de todo o sistema, mas torna-se uma personagem muito mais consistente. Essa família do século XVII, entretanto, não era a família moderna: distinguia-se desta pela enorme massa de sociabilidade que conservavam. Onde ela existia, ou seja, nas grandes casas ela era centro de relações sociais, a capital de uma pequena sociedade complexa, hierarquizada, comandada pelo chefe de família (ARIÈS, 2014, p. 189).

Dá-se início aos primeiros sinais de sentimentos, intimidade, discrição e isolamento, os primeiros sinais da família nuclear moderna com função mais afetiva e mais protetora, em que os olhares para a educação e a saúde dos filhos passaram a adentrar na escala de valores.

Contudo, uma mudança significativa ocorreu a partir do século XIX, nesse meio-tempo: a ama passou a se deslocar, em lugar da criança, e passou a morar na casa da família, e a família passou a se recusar a separar-se dos bebês, quando os internatos começam a serem substituídos por externatos (ARIÈS, 2014, p. 163-164).

Olhando por esse ângulo, significa que houve progresso e a família começa a se aproximar dos tempos modernos, mas ainda cheia de receios.

Quanto mais o homem vive na rua ou no meio de comunidades de trabalho, de festas, de orações, mais essas comunidades monopolizam não apenas seu tempo, mas também seu espírito, e menor é o lugar da família em sua sensibilidade. Ao contrário, se as relações de trabalho, de vizinhança, se parentesco pesam menos em sua consciência, se elas deixam de aliená-lo, o sentimento familiar substitui os outros sentimentos de fidelidade, de serviço, e torna-se preponderante ou, às vezes, exclusivo. Os progressos do sentimento da família seguem os progressos da vida privada, da intimidade doméstica. O sentimento da família não se desenvolve quando a casa está muito aberta para o exterior [...] (ARIÈS, 2014, p. 164).

A família moderna começa a valorizar sentimentos, amor romântico, divisão das tarefas domésticas, as quais são de responsabilidade partilhada, restando a educação dos filhos ao Estado.

O século XVIII, portanto, surgiu cheio de transformação e com um novo sentido ao amor materno, mas também chama a atenção para a ideologia de separação de sexos e papéis. Com o desenvolvimento capitalista industrial, do liberalismo e do surgimento do socialismo, a estrutura familiar foi sendo modificada. Nesse momento, o lar deixou de possuir a dedicação exclusiva da mulher.

Badinter (1985) questiona a naturalização do amor materno, pensado como inato, inscrito na natureza feminina. O conceito de amor aqui considerado é o da `atenção bondosa para com os outros, que se exprime em pensamento e gestos´ (p. 14) e que a necessita ser exercitado no contato com o filho, pelo cuidado. Torna-se difícil para muitos aceitar que o amor da mãe pelo filho possa ser condicionado ao contexto de relações e às condições particulares da maternidade. Para essa autora, a invenção do amor materno data do século XVIII. (BADINTER, 1985 apud AUN; VASCONCELOS; COELHO, 2005, p. 217).

O século XIX e início do século XX são marcados por grandes transformações estruturais econômicas, culturais, que mudaram o ritmo e valores da sociedade, denominada pós-moderna ou contemporânea. Este período foi marcado por avanços científicos e tecnológicos, novos campos de exploração industrial, metalurgia, alumínio, por exemplo, além da área de medicamentos, diminuição da mortalidade, e aumento da natalidade; modificação no campo e nas cidades, bem como, novas ideias, revoltas, massacres e guerras.

No Brasil, houve abertura completa da economia para o capital estrangeiro, libertação de escravos, vinda de muitos imigrantes europeus ao Brasil e maior participação na esfera pública.

Chegando ao século XX, na atualidade, a mulher encontra-se devidamente inserida no mercado de trabalho, descobrindo sua realização através deste, passando a encontrar satisfação pessoal além da maternidade, a sociedade contemporânea está inevitavelmente marcada por uma ascensão da mulher no mercado de trabalho e na vida intelectual (GRANT, 2001, p. 2).

Ela passou a ganhar importância, como mulher e mãe, exigindo o desempenho simultâneo de tarefas antes reservada aos homens e trazendo para si a responsabilidade de criar os filhos; isso dificultou o estreitamento de vínculos entre os pais e filhos. Ficou para o homem a não participação em qualquer situação que exigisse cuidado. Seu papel, então, passa a ser quase unicamente o de produzir e administrar riquezas, garantindo a provisão de bens materiais para a família.

O pai toma para si a responsabilidade de sustentar a casa e passa a mãe o encargo das atividades de cuidado cotidianas que o filho exige, justificando que a mãe também possui tarefas específicas com a criança, e que ele é o único que ampara a casa financeiramente. É possível perceber que, ao mesmo tempo em que o pai deseja participar da vida do filho, ele se mostra excluído (GABRIEL; DIAS, 2011, p. 254).

É possível notar que, apesar dos esforços empreendidos por estudiosos e ativistas, o modelo matrifocal de família ainda está muito presente na sociedade contemporânea. Os anseios relacionados ao reconhecimento da dignidade e da igualdade entre homens e mulheres ainda merecem um olhar aprofundado.

1.3.2. Processos sociais em diferentes culturas

Ao longo dos tempos, a evolução da família ocorreu de forma contínua em distintas épocas históricas e a estrutura familiar está condicionada a fatores sociopolíticos, econômicos e/ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução de determinada cultura.

A família não é um conceito unívoco. Pode-se até afirmar, radicalizando, que a família não é uma expressão passível de conceituação, mas tão-somente de descrições; ou seja, é possível descrever as várias estruturas ou modalidades assumidas pela família através dos tempos, mas não defini-la ou encontrar algum elemento comum a todas as formas com que se apresenta este agrupamento humano (OSORIO, 1996, p. 14).

Osorio (1996) aponta também a contribuição da Antropologia, por meio de três correntes de pensamento para melhor entendimento da família como unidade básica da interação social.

Escardó observa-nos que `a palavra família não designa uma instituição padrão, fixa e invariável. Através dos tempos a família adota formas e mecanismos sumamente diversos e na atualidade coexistem no gênero humano tipos de famílias constituídos sobre princípios morais e psicológicos diferentes e ainda contraditórios e inconciliáveis´. A estrutura familiar varia, portanto, enormemente, conforme a latitude, as distintas épocas históricas e os fatores sócio-políticos, econômicos ou religiosos prevalentes num dado momento da evolução de determinada cultura. Segundo Pichon-Rivière `a família proporciona o marco adequado para a definição e conservação das diferenças humanas, dando forma objetiva aos papéis distintos, mas mutuamente vinculados, do pai, da mãe e dos filhos, que constituem os papéis básicos em todas as culturas´. Para Lévi-Strauss são três os tipos de relações pessoais que configuram a família: aliança (casal), filiação (pais e filhos) e consangüinidade (irmãos). Isso nos conduz a outro referencial intimamente vinculado à noção de família: o parentesco (OSORIO, 1996, p. 15). (Grifos nossos)

Do ponto de vista histórico, sabe-se que a autoridade sobre os filhos sempre coube à figura do homem. O ato de colocar em pauta a relação entre família e cuidado pode até parecer, no primeiro momento, uma discussão óbvia. No entanto, o papel do pai assume moldes distintos em diferentes culturas¹¹ e, em algumas delas, a figura do pai firma-se em um relacionamento fechado, sem nenhum espaço para interação entre ele e filho(s) e filha(s).

Na cultura judaica, a figura paterna é responsável pela educação dos filhos, ainda que, em alguns países judeus, isso corresponda à minoria. As famílias não se deixam influenciar pela cultura local e permanecem patriarcais ao extremo. Os filhos, portanto, devem total respeito e obediência ao pai.

Na cultura chinesa, por tradição, os pais chineses são merecedores de dedicação e reconhecimento dos filhos. Isso funciona como algo sagrado. Por meio deles, são repassados os costumes sociais e religiosos de geração a geração. Em contrapartida, como forma de agradecimento e respeito à hierarquia, os filhos têm a obrigação de sustentar o pai na velhice.

Na cultura indiana, o pai exerce função de criador de riquezas, garantindo o sustento familiar. Além disso, o pai é obrigado a repassar ao filho todos os ensinamentos necessários, perpetuando assim seu trabalho e o sustento da família.

Na cultura japonesa, a sociedade é guiada pela decisão unicamente do homem. As famílias, por sua vez, muito cultuadas no Japão, respeitam a vontade da figura paterna. O pai ainda é visto como grande responsável pela educação religiosa e moral do filho, sendo reverenciado também pela inteligência.

¹¹ Fonte das características da figura paterna nas diversas culturas: <<https://noticias.terra.com.br/mundo/figura-austera-dos-pais-ainda-predomina-em-variadas-culturas,2008243835e2d310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

Na cultura cigana, toda e qualquer decisão sobre o futuro do filho cigano cabe ao pai. Além de supervisionar a educação dada pela mãe às crianças, o pai ainda tem a obrigação de repassar a riqueza da cultura aos filhos mais velhos, encerrando essas transferências somente quando concretizam o casamento e estreitam laços com a nova família.

Nas tribos indígenas brasileiras, o pai é considerado responsável pela existência do filho. Por isso, o homem passa quase dois meses de resguardo juntamente com a mãe após dar a luz. Pela crença, durante toda a gestação, o bebê é fortalecido pelas relações sexuais que o “homem índio” mantém regularmente com a “mulher índia”. Por conta desse esforço, é o índio que merece descanso pós-parto, com direito inclusive a receber presentes dos companheiros de aldeia¹².

Nas sociedades contemporâneas, é preciso refletir sobre determinados padrões culturais, porque olhar a figura paterna de forma reducionista como mero reprodutor, provedor de bens materiais, ou mesmo dentro de um modelo patriarcal não cabe mais na sociedade contemporânea. Esse lugar da figura autoritária, daquele que detém o poder econômico sobre filhos e mulher, foi dando lugar a outro patamar mais igualitário, até porque, a mulher passa a disputar carreira e salário no mercado de trabalho.

O distanciamento entre o homem e os demais membros do núcleo familiar denuncia-se na fragilidade do vínculo estabelecido entre pai e filho, principalmente quando se trata de crianças do sexo masculino. Penetrar este silêncio e entender a questão do pai, tendo como eixo a identidade masculina, culturalmente determinada, tem sido tarefa de estudos, que colocam em perspectiva experiências contemporâneas de paternidade (RESENDE, 1997, p. 119).

Para Erikson (1987), faz-se necessária uma definição mais clara e consistente do que se entende por identidade, que o campo social não dá conta de explicar, porém este conceito possui dimensões no campo da Psicologia, que é seu objeto de investigação, e no social, plano no qual a identidade se edifica e também se realiza.

¹² Erik Erikson (1976) traz a temática do cuidado na linha da Psicanálise utilizando como instrumento o método antropológico, pesquisando o cuidado junto a povos indígenas (Sioux-Yurak), e chegou à conclusão que diversas práticas relacionadas ao nascimento, amamentação, higiene, brincadeiras definem construções sociais. Os processos sociais são, por excelência, os responsáveis pela manutenção dos níveis de desenvolvimento social, político e econômico que a humanidade conseguiu atingir.

[...] uma personalidade saudável domina ativamente seu meio, demonstra possuir uma certa unidade de personalidade [...]. De fato, podemos dizer que a infância se define pela ausência inicial desses critérios e de seu desenvolvimento gradual em passos complexos de crescente diferenciação. Como é, pois, que uma personalidade vital cresce ou, por assim dizer, advém das fases sucessivas da crescente capacidade de adaptação às necessidades da vida – com algumas sobras de entusiasmo vital? (ERIKSON, 1987, p. 91).

No contexto da identidade, Ciampa apresenta rica contribuição.

Dizer que a identidade é um fenômeno social é óbvio e aceitável por quase toda gente. Exatamente essa obviedade é que nos permitirá caminhar. [...] Não podemos isolar, de um lado, todo um conjunto de elementos (biológicos, psicológicos, sociais etc.) que podem caracterizar um indivíduo, identificando-o, e de outro lado, a representação desse indivíduo, como uma espécie de duplicação mental simbólica que expressaria a identidade do mesmo.[...]Um exemplo pode clarear essa noção de identidade pressuposta. Antes de nascer, o nascituro já é representado como filho de alguém e essa representação prévia o constitui efetivamente, objetivamente, como filho, membro de uma determinada família (CIAMPA, 2005, p. 166-167).

Para Ciampa (2005), um homem não é identificado como pai apenas pelo nascimento de uma criança, ou mesmo quando gerada por ele. No seu entender, esse evento é um fato físico e ser pai tem uma dimensão social.

Desta forma, a paternidade torna-se um fenômeno social quando aquele evento físico é classificado como tal, por ser considerado equivalente a outras paternidades (prévias). Ou seja, pai se identifica (e é identificado) como tal por se encontrar na situação equivalente de outros pais (afinal, ele também é filho de um pai). Se ele é pai (como algo já dado e não se dando), sua identidade de pai está constituída (é imutável) (CIAMPA, 2005, p. 177).

Badinter (1985) ressalta em seus estudos sobre identidade masculina que as diferenças entre homens e mulheres pareciam inscritas na própria natureza, e a masculinidade pretendia ser algo evidente entre si mesmo (BADINTER apud SILVA, 1999, p. 14). A paternidade passa a ser fenômeno social e código moral imposto pela sociedade que respalda as identidades pessoais e significa forte influência na decisão do cuidar.

A construção social do cuidado proporciona condições para o desenvolvimento do potencial humano. Por isso, ser pai no exercício do cuidado é um processo em construção, até porque o modelo que tínhamos era do sistema patriarcal que foi demarcado por lei, a autoridade à distância, com diferenciação hierárquica entre os sexos. Isso caracterizou o abandono dos bebês pelos homens que assim se tornaram, por força desse processo, pais distantes e filhos de propriedade exclusiva das mães.

Erikson (1987) compreende que identidade e ideologia são dois aspectos do mesmo processo: ambos fornecem a condição necessária para o crescimento e maturidade individual e, com ela, a forma de identificação mais inclusiva, na qual o homem-pai se sinta tão participante da vida de um filho como a mulher-mãe. Esta seria uma compreensão mais solidária, ligando identidades comuns em vida, ação e criação conjuntas e compartilhadas em todos os sentidos.

Da mesma forma, nota-se a construção da identidade frente a definições de papéis sociais e à aquisição de *status* na sociedade, no qual o homem, na sua maioria, detém o poder financeiro sobre mulher e filho. Vale a citação de Cuschnir.

O homem tem múltiplos papéis. Ele não é um peludo primitivo, nem é todo o tempo um trabalhador braçal. Não precisa ficar restrito como um `ser de escritório`, ou um `visitante da casa` ou `um pai de fim de semana`, ou um `garanhão`. Não é obrigado a responder por quaisquer papéis estereotipados, populares ou não. Pode resgatar os valores de potência, que todo ser humano tem e que são expressados de forma diferente por mulheres e homens (CUSHNIR, 1994, p. 21).

Na medida em que o indivíduo se socializa, ele vai desenvolvendo recursos internos de compreensão de si mesmo, do lugar que ocupa no núcleo familiar e na sociedade, podendo desfrutar dessa liberdade e buscar, por sua vez, emancipação de forma progressiva.

A política emancipatória como uma visão genérica interessada, acima de tudo, em libertar os indivíduos e grupos das limitações que afetam negativamente suas oportunidades de vida. Ela envolve dois elementos principais: o esforço por romper as algemas do passado, permitindo assim uma atitude transformadora em relação ao futuro; e o objetivo de superar a dominação ilegítima de alguns indivíduos e grupos por outros (GIDDENS, 2002, p. 194).

De acordo com pesquisas realizadas entre os homens, Sutter e Maluschke (2008) apontam que é fundamental fortalecer o significado atribuído à paternidade, pois os homens de hoje são os que se ressentem da falta de cuidado paterno na infância. Isso aponta a necessidade de trabalhar com esses homens no sentido de fortalecê-los para o exercício do cuidado com os filhos por meio de experiências no campo da afetividade. Brandão (1986) trabalha com a ideia de que pessoas e grupos sociais se tornam sujeitos, sociedades e nações por meio da experiência social.

Na medida em que pode ser um objeto para si, a pessoa é essencialmente uma estrutura social e surge da experiência social. Depois que surgiu, a pessoa proporciona a si mesma, de certo modo, as suas experiências sociais e assim podemos conceber uma pessoa absolutamente solitária. No entanto, é impossível imaginar uma pessoa surgida fora da experiência social (BRANDÃO, 1986, p. 176).

Dessa maneira, fortalece-se a concepção de que uma sociedade constrói suas pessoas como categoria de sujeitos postos em relação uns aos outros. A ideia é a de que cada um de nós constrói a sociedade, transmitindo valores e crenças, repletos, sobretudo de sentimentos, pensamentos e ação. Isso possibilita o entendimento de que a pessoa é, por si só, a expressão do mundo em que vive, que traz dentro e fora de si um arcabouço de informações que a define como ser social, devendo ser respeitada em todos os aspectos. Para Sennet (2004), o respeito¹³ é fundamental nas relações sociais.

A sociedade forma o caráter de três maneiras para que as pessoas ou conquistem respeito ou não consigam suscitá-lo. A primeira maneira ocorre através do autodesenvolvimento, particularmente pelo desenvolvimento de capacidade e habilidades. [...] o autodesenvolvimento torna-se uma fonte de estima social somente porque a própria sociedade condena o desperdício, valorizando o uso eficiente de recursos tanto na experiência pessoal quanto na economia. A segunda maneira está em cuidar de si mesmo. No mundo antigo, cuidar de alguém significava aprender a regular os prazeres e sofrimentos do corpo; Santo Agostinho acreditava que o Homem cuida de si aprendendo a admitir seu pecado a Deus; Maquiavel pensava que cuidar de si era sinônimo de proteger a si mesmo, provocando temor ou admiração nos outros (SENNET, 2004, p. 81-82).

As sociedades impõem a todos os membros uma ordem social por meio de um jogo de poder no qual se constroem relações possíveis entre categorias de indivíduos. Percebe-se, também, a força do imaginário na vida dos indivíduos. Os mundos real e ideal entrelaçam-se nos processos de produção da realidade social.

Por outro lado, há sociedades que trabalham na posição de *status* e de relações de papéis regida por princípios bastante rígidos quando se pensa em direitos e deveres, estabelecendo de forma rasa papéis a serem desenvolvidos por homens e por mulheres, sem levar em conta os objetivos emancipadores definidos pelo movimento de mulheres.

¹³ “A sociologia tem muitos sinônimos para os diferentes aspectos do ‘respeito’. Estes incluem ‘*status*’, ‘prestígio’, ‘reconhecer’, ‘honra’ e ‘dignidade’. Seria enfadonho apresentar uma lista destas definições, e elas ainda seriam meras abstrações; contudo, podemos fazer com que o vocabulário social do respeito torne-se interessante” [...] (SENNET, 2004, p. 67).

Quando o movimento das mulheres ganhou seu impulso inicial no século XIX, alguns indivíduos já diziam que o que estava em jogo era mais do que a pura emancipação. Seriam necessárias amplas mudanças na organização da vida social para poder fazer ouvida a voz das mulheres, diziam, mas ao mesmo tempo essa voz ajudaria a provocar essas mudanças. Quando as mulheres eventualmente chegassem aos setores da sociedade dominados pelos homens numa base de igualdade com eles, levariam com elas valores e atitudes que reformulariam profundamente esses domínios masculinos (GIDDENS, 2002, p. 210).

Norbert Elias (1994) chama a atenção para a importância das interações sociais.

[...] a cultura humana se concebe e se desenvolve na medida em que um ser humano aprende e apreende com outro ser humano, por meio da interação pela qual procede toda a herança sociocultural da humanidade. [...] cada pessoa singular está realmente presa; está por viver em permanente dependência funcional de outras; ela é um elo nas cadeias que ligam outras pessoas, assim como todas as demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que as prendem (ELIAS, 1994, p. 21).

“Conhecer é produzir luz à nossa consciência – significa estabelecer as conexões entre o desejo de compreender e de conhecer, mantendo como constantes o aprendizado, o cultivo de si mesmo, o desenvolvimento de interesse pelo outro” (DAMASIO, 2013). Frente à tomada de consciência crítica, os indivíduos dotados de capacidade passam a construir uma visão de mundo, na qual deixaria de assumir os valores da sociedade, tal qual ela se apresenta de forma mecânica, buscando a construção de novos valores e alicerces sociais, propondo assim uma nova sociedade.

1.4. Revendo os papéis

As transformações pelas quais a sociedade vem passando definem mudanças nas relações familiares, exigindo, por sua vez, novas práticas no cotidiano das famílias. Por consequência, novos significados vão se delineando, no que se refere à paternidade e maternidade, impondo revisão nas atitudes, sentimentos e posicionamentos. O novo pai começa a ter postura mais acolhedora, reinventando papéis e transitando por valores vindos da família e da sociedade, diferentes daqueles vivenciados quando criança.

Entre os autores que descrevem este fenômeno chamado de ‘nova paternidade’, não existe um consenso sobre o que deve ser considerado signo de emergência do novo pai. O que é novo não são os sentimentos, mas o modo como estes são manifestados, com pai fisicamente íntimo, buscando contato corporal com o filho, Com efeito, o pai embalando o bebê tem sido

uma imagem bastante explorada pela publicidade, o próprio símbolo de uma paternidade contemporânea que aponta uma grande novidade: a de que os homens são capazes de se interessar pelo filho recém-nascido (SUTTER; MALUSCHKE, 2008, p. 76).

A estrutura familiar vem passando igualmente por importantes mudanças, obrigando, ao homem-pai, novas posturas, nova maneira de cuidar, novo olhar em relação ao filho. Esse homem-pai passa a construir uma noção de paternidade mais voltada ao cuidado, com laços afetivos mais bem definidos e fortalecidos.

Na vivência da paternidade, os pais procuram aproximar-se afetivamente dos filhos, participando do cotidiano e dividindo os cuidados com a mãe da criança, além disso, os homens apresentam satisfação no seu desempenho como pais, mesmo que haja empecilhos na sua convivência com o filho, como a pesada carga horária de trabalho afastando o pai de um lugar ideal (SUTTER; MALUSCHKE, 2008, p. 254).

Começa a surgir um pai mais ativo, preocupado com o filho em vários aspectos, afastando-se cada vez mais da figura exclusivamente provedora de bens materiais. Isso significa um pai mais envolvido nos afazeres com a criança e aproximação com outras questões, como escola, futebol, dentista, pediatra, por exemplo. Com isso, os papéis vão se definindo aos poucos com maior visibilidade, respeito e reconhecimento social.

Não se espera jamais que esse novo pai assuma ou mesmo substitua o lugar da mãe, mas a discussão é que o cuidado seja igualmente compartilhado. É cuidar do seu jeito, estreitando por sua vez essa relação, sendo já possível vislumbrar a possibilidade da prática do cuidado. O ser pai e o ser mãe são identificados como seres sociais e psicossociais na construção do exercício de suas funções.

Assim, imagens sobre a paternidade e a maternidade remetem a um sistema simbólico de representações culturais, baseado na realidade biológica, se apresentando, portanto, como natural. [...] O estudo da paternidade, ou seja, do fenômeno de geração e educação dos filhos, implica considerar níveis diferentes de fenômenos, em relação às experiências subjetivas do homem e da mulher e às regras de relação entre eles, ao assumirem as funções específicas de pai e mãe, nos diferentes contextos culturais e sociais (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 211).

As autoras aprofundam essa questão fazendo uma crítica de como as sociedades ocidentais se comportam frente ao lugar ocupado por homens e mulheres na família e na vida dos filhos.

As sociedades ocidentais dão ênfase ao papel da mãe em detrimento do papel e da vivência do pai, privilegiando a concepção, o parto, a gravidez, a amamentação, a relação mãe-filho. Com as mudanças contemporâneas da família ocidental, abre-se um espaço para as novas concepções sobre a parentalidade, com suas novas práticas e novos significados (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 212).

Dados etnológicos apresentados por Parseval (1986) são apontados por Aun, Vasconcellos e Coelho (2005), em estudo que focaliza uma dimensão antropológica da paternidade, na utilização da divisão sexual do trabalho, afetada por diferentes culturas, e do simbolismo construído socialmente na atribuição do poder de procriação dos dois sexos.

Há estereótipos, na sociedade ocidental, sobre a imagem do pai ausente; o que está do outro lado; do trabalho; o que pode gerar, sendo o nascimento e o parto confirmações da capacidade de procriar, reafirmando a potência; o desajeitado, sem habilidade para cuidar; o que não deseja visceralmente o filho. Imagens criadas e mediatizadas pela relação com a maternidade (PARSEVAL apud AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 212).

Há significados culturais dados ao pai, em diferentes culturas, prosseguem as autoras.

Pode ser pai [...] toda uma série de pessoas ou personagens: o(os) genitor(es); o amante oficial; o protetor da mulher durante a gravidez; aquele que pratica o resguardo (pré ou pós-natal); aquele que desempenha um papel no parto ou no pós-parto (ainda que seja um papel de evitamento); aquele que realiza uma cerimônia oficial durante a gravidez ou pós-parto; o marido da mãe (principal ou secundário); o avô (pai do pai ou da mãe); um homem da mesma linhagem; um homem pertencente ao mesmo clã; aquele que cria a criança; aquele que lhe dá sobrenome ou a adota; aquele que cria a criança; aquele que lhe dá seu sobrenome; aquele que transmite uma semelhança; um velho considerado importante; um solteiro; uma mulher estéril; um homem considerado estéril [...] (PARSEVAL apud AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 212).

A noção de pais sociais, portanto, apresenta-se relacionada à figura do marido ou amante, no papel de procriador, pai fisiológico ou à do pai legal, que educa e ama, mesmo não tendo participado da educação ou legitimado pelo casamento, que possibilita a procriação ou pela concepção (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 212-213).

Parseval (1986) observa que a dimensão da construção social na revisão da paternidade surge com a “noção de reivindicar a propriedade da criança” por laços de sangue ou laços de leite e pela gestação. Entende que a paternidade não se restringe tão somente ao ato de gerar filho(s), mas perpassa os processos psicoafetivos, que surgem no período de se tornar pai, assim como as representações construídas nas relações entre os sexos, que fazem parte da forma de pensar da sociedade.

Cada sociedade tem teorias a respeito da concepção, o que mostra a artificialidade da figura de procriação, dos atributos dos eixos e do poder da procriação. Assim, as teorias da paternidade giram em torno da concepção, enquanto as da maternidade giram em torno do parto, gravidez e amamentação. Conhecendo o papel biológico da concepção, a parte do pai é valorizada. A representação ocidental do parto é que é uma ação evidente e naturalmente materna, o que fundamenta o apego, o amor, o instinto materno e paternal; mãe se separa do filho, cortando o cordão umbilical; o pai está excluído, afastado da mãe e do bebê. A amamentação, seja por seu valor nutriente, seja pelo que ela representa física e psicologicamente para a criança, dá significado específico à relação mãe-filho, variando nas sociedades e culturas (PARSEVAL, 1986, p. 213).

Essa valorização da representação acaba por fragilizar a figura paterna¹⁴, ocultando de forma objetiva e subjetiva a importância do pai para a formação da criança. No entanto, estudos revelam o mútuo benefício da relação pai e filho no processo de formação e desenvolvimento.

Pesquisas revelam que o exercício da paternidade contribui não só para o desenvolvimento da criança, bem como afeta os pais a nível neuronal, mexe com o comportamento do homem. Segundo a pesquisa, esses novos neurônios podem se desenvolver em resposta ao que os cientistas chamam de riqueza ambiental, ou seja, a nova dimensão que a criança traz para a vida de um pai, conforme estudos: o primeiro realizado com ratas que estavam com seus filhotes apresentaram maior crescimento celular na região do hipocampo do cérebro, que está ligada à memória e à navegação. Enquanto que o segundo foi realizado com camundongos e descobriram os novos neurônios nas regiões do cérebro permitem que os pais camundongos reconheçam seus filhotes. Mesmo pensando no instinto materno, conforme tratado por Parseval, o qual torna as mães supermulheres por entender na maioria das vezes o bebê, um estudo recente sugere que, de fato, os pais são tão bons e cuidadosos quanto às mães. A pesquisa compara o desempenho dos pais na detecção do choro do bebê, quando pesquisadores solicitaram a 27 pais e 29 mães que identificassem os gritos de seus bebês entre gritos de cinco crianças. Em média, em 90% das tentativas, os homens foram tão bem quanto as mulheres (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2015).

Nolasco (1993) aponta a trajetória do processo de mudança que vem caracterizando o lugar e o modelo deste novo pai, o qual busca igualdade de direito com as mães, deixando de ter receio de expor seus sentimentos, medos e mesmo limitação, até porque passa a adentrar

¹⁴ “Por muitos anos, os pais atuaram como coadjuvantes na educação dos filhos, assumindo a tarefa de prover o sustento, só cuidando diretamente deles em casos excepcionais, quando a mãe estava impossibilitada de dar conta dessa tarefa. Para o homem, trocar fraldas ou dar banho em seu bebê era algo atípico e até constrangedor. Mas, com as transformações sociais e culturais das últimas décadas, que tornaram a presença feminina no mercado de trabalho cada vez mais forte, a divisão de tarefas dentro de casa precisou ser revista. [...] Os homens ganharam o dever – mas também o direito – de acompanhar de perto cada etapa do desenvolvimento dos pequenos. Muitos que não tiveram um modelo paterno de maior proximidade física e afetiva precisaram descobrir (às vezes a duras penas) um novo jeito de ser pai. Os ganhos, porém, foram inegáveis, tanto para os adultos quanto para as crianças” (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2015).

um mundo para ele desconhecido, o mundo do cuidado paterno, mas busca exercê-lo de forma consciente e igualitária.

Hoje, a situação é bem diferente: poucos homens conseguem se manter no lugar de provedor exclusivo da família, que em geral não pode abrir mão do salário da mulher para custear boa parte das despesas com escola, planos de saúde, supermercado ou outros itens do orçamento doméstico, como no caso das classes médias urbanas. No trabalho, frequentemente, os homens disputam com as mulheres, que desempenham as mesmas tarefas e funções, tão bem ou até melhor do que eles (NOLASCO, 1993, p. 5).

A paternidade atravessou histórias, ainda assim o modelo de homem-pai existente em nossa cultura foi construído legitimando a ideia de autoridade e poder, que coloca o pai como essencialmente protetor moral e provedor, portanto, racional e objetivo e neutralizador dos conflitos familiares. Cabeça do lar, patrão, dono da casa, representante do pai-divino, pai-herói são imagens que dissociam a relação de autoridade da de afeto, isto é, a paternidade vista e percebida como identidade sexual, única e exclusivamente.

Hoje se sabe, por exemplo, que os homens influenciam as crianças de modo único: desempenham o papel de desafiá-las e instigá-las a desenvolver capacidades emocionais e cognitivas para enfrentar o mundo. Em um artigo de 1958, o psiquiatra britânico John Bowlby lançou uma ideia até então controversa, que ficou conhecida como teoria do apego: segundo ele, para se desenvolverem bem, todas as crianças necessitam de um relacionamento saudável e seguro com um adulto. Sua obra se atém à natureza do vínculo da criança com a mãe. No entanto, nos anos 1970, surgiram os primeiros estudos realmente voltados para os pais: eles são tão capazes quanto elas de cuidar dos filhos. `Homens estão igualmente aptos a compreender o choro de seus bebês como sinal de fome ou de cansaço e responder a essa demanda da criança´, reconhece Bowlby (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2015).

Por outro lado, pouco se pensou na figura paterna fora do papel de provedor, a postura mais ativa ficou para a mãe. Aquela que administra a casa, a educação, que acompanha de perto o desenvolvimento do filho. A maternidade é reconhecida e concebida como algo sagrado e o útero, um espaço acolhedor. Gerar um bebê é algo exclusivo da mulher. A maternidade passa a ser entendida como entrega, disposição sem reservas, que inspira sentimentos e afetividade.

O amor não pode ser naturalizado e confinado ao amor materno. É evidente que há e sempre houve um reforço psicossocial para se pensar e agir dessa forma. Reproduz-se o tempo inteiro a ideia de que mãe é a única que sabe e pode transmitir cuidados ao filho. Ao

socializar esse comportamento, engendram-se crenças, que reproduzem a ideologia da desigualdade entre os gêneros.

Os recursos de manutenção do mito: o da ‘ilusão da naturalidade’ estão ligados ao papel da mulher de ser mãe, e o amor materno pensado como uma necessidade para sobrevivência da mulher; ‘a ilusão da temporalidade’ está ligada ao pensamento de que a maternidade sempre foi assim, tornando as mudanças em relação à visão da infância, da mulher, da família e das condições sociais invisíveis. Por fim, a ‘ilusão da maternidade medida’ que refere-se à avaliação do amor em função do tempo de dedicação ao filho, é a supervalorização da maternidade, sendo vista como função principal da mulher. Podemos observar essa reafirmação em função do tempo estabelecido para licença maternidade, algo bem diferente em relação à paternidade (AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 217-218).

Outro aspecto destacado pela autora é o processo de transformação nos papéis da mulher, desde atividades domésticas na família, à entrada no mercado de trabalho, à busca pela formação superior e à liberação da sexualidade. O exercício da maternidade, assim entendido, marca a divisão de papéis sociais, segundo o gênero, e uma divisão entre espaço público e o doméstico como atributos masculinos e femininos respectivamente (MOREIRA apud AUN; VASCONCELLOS; COELHO, 2005, p. 216).

Há valores ideológicos permeando o mundo da maternidade e da paternidade, os quais fragilizam o exercício da paternidade e reforçam e elucidam a perspectiva de que carinho, cuidado e proteção estão no âmbito da maternidade. Carvalho (1999) pontua alternativas para modificar essa articulação tão rígida e imposta entre cuidado e feminilidade e propõe ampliar a inserção do homem nos espaços de cuidado. Para ela, isso favoreceria uma quebra de lógica da divisão sexual do trabalho.

A autora aponta a predominância de mulheres em determinadas profissões e como estão associadas à questão de gênero. “[...] a feminização da docência pode ser compreendida não apenas como crescimento numérico das mulheres empregadas como professoras, mas também como estabelecimento de características de gênero feminino para a ocupação, em processos articulados [...]”. (CARVALHO, 1999, p. 71). Essa realidade coloca limites, não apenas no desenvolvimento da paternidade, mas também reforça a ideia de que o homem está impossibilitado de assumir determinadas funções ou tarefas, culturalmente construídas, especificamente, para mulheres. No entanto, há espaços na sociedade que reforçam a ideia contrária de que o homem pode ampliar a consciência na direção de mudança do papel que a sociedade definiu *a priori*.

A psicóloga Anne E. Storey e seus colegas da Universidade Memorial de New-foundland, no Canadá, descobriram recentemente que o nível de testosterona dos pais diminuiu em um terço nas primeiras semanas após seus filhos terem nascido, uma mudança que sugere que o homem fica menos agressivo e mais acolhedor nesse período. Alguns representantes do sexo masculino podem até sofrer de depressão pós-parto: em uma avaliação de 2005 com 26 mil pais e mães, o psiquiatra Paul G. Ramchandani, da Universidade de Oxford, verificou que 4% dos homens apresentavam sintomas da patologia até oito semanas após o nascimento dos filhos. (SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL, 2015).

O essencial é a compreensão de que pai e mãe têm um projeto comum em relação ao cuidado dos filhos, partilhado cotidianamente, cabendo aos dois a responsabilidade familiar que exige compreensão recíproca em relação à história de cada um, do grupo social a que pertence e da sociedade na qual estão inseridos.

1. 5. De provedor a pai-cuidador

Para retomar apenas alguns aspectos já mencionados, os sistemas familiares tradicionais sempre apresentaram uma estrutura a ser pensada, preservada e seguida, sustentada pela divisão de trabalho e por papéis sociais culturalmente estabelecidos; o pai como único provedor e responsável pela manutenção da família e a mãe responsável pelos afazeres domésticos, educação e cuidado com os filhos. O homem tinha como alvo o trabalho, o mundo dos negócios, as conquistas e ocupava-se do espaço externo, enquanto a mulher voltava-se ao ambiente interno e ao cuidado do lar.

Pode-se direcionar a discussão para a identidade de gênero, abordada no início deste capítulo, ampliando um pouco para a identidade sexual. Esta imposta, desde cedo, até mesmo no período de gestação, por ocasião da preparação do enxoval voltado a meninos ou meninas. Ao nascer, logo se define o que são brincadeiras, tarefas e brinquedos de menino e de menina, os quais crescem e começam a representar um papel na vida cotidiana no qual acreditam.

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. [...] pode estar sinceramente convencido de que a impressão da realidade que encena é a verdade, é a verdadeira realidade (GOFFMAN, 2013, p. 29).

Por meio de aprendizado de papéis, o menino desde cedo aprende que as atividades que exigem esforço físico e força pertencem a ele, e as leves às meninas; essa postura é

transferida às brincadeiras, atitudes e posturas. O homem não pode demonstrar suas fraquezas, mas força, vitalidade, agressividade, e acima de tudo deve ser provedor.

Impactado com o Movimento Feminista, o homem-pai toma consciência de uma nova realidade na perspectiva política, econômica, psicológica, social e espiritual. Há uma mudança de cenário, os sentimentos para este homem-pai não mudam, o que muda é a forma como eles se manifestam. Como é de fato participar ativamente na e da vida de um filho? Como é fazer parte da sua história dentro dessa nova proposta política, dos apelos da mídia e de um cotidiano convidativo que se revela a todo instante?

No período mais recente, começam a surgir espaços de discussão de questões ligadas à masculinidade. Um exemplo é o Instituto PAPAÍ que desenvolve grupos de autoajuda e psicoterapia voltados ao atendimento dos homens¹⁵, com a seguinte missão.

Promover cidadania com justiça social, contribuindo para a garantia dos direitos humanos, em prol da eliminação de desigualdades e da afirmação e valorização da diversidade a partir da perspectiva feminista de gênero, atuando prioritariamente com homens e sobre masculinidades, contra todas as expressões do machismo (INSTITUTO PAPAÍ, 2016).

As atividades do cuidado revelam-se, nos tempos atuais, como processos importantes na vida da criança e no fortalecimento da paternidade.

Quanto à prática da paternidade cada um pode adotar diferentes maneiras de exercê-la, pois existem três tipos de paternidade: tradicional, moderna e emergente. A paternidade tradicional é aquela cujas atividades primárias do pai centram-se no trabalho, delegando o cuidado dos filhos para a mãe ou outras pessoas. Na paternidade moderna, o pai já percebe a importância do desenvolvimento da criança, principalmente na questão da identidade, do papel sexual, desempenho e desenvolvimento moral. Enquanto que na paternidade emergente o pai participa e compartilha muito mais da vida do filho (GABRIEL, 2012, p. 13).

¹⁵ “O Instituto PAPAÍ foi fundado no ano de 1997 com a proposta de refletir a invisibilidade da experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças. Iniciativa pioneira na América Latina, a instituição teve como base o modelo dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relações de gênero. Hoje, diversos campos de saber defendem que o envolvimento dos homens no contexto da saúde reprodutiva/saúde integral pode contribuir para gerar melhores condições de vida para os homens, para as mulheres e para as crianças. Porém, a nosso ver, isso não basta. É necessária uma leitura crítica, à luz do feminismo, sobre os processos de institucionalização que são construídos a partir da desigualdade de gênero. Neste sentido, ao longo dos anos, o Instituto PAPAÍ ampliou suas ações, constituindo uma equipe que vem produzindo conhecimentos, estabelecendo parcerias, integrando redes, articulações; concretizando produtos e processos. Atuando no campo da saúde pública, nos diversos contextos de socialização, educação e em instâncias de controle social, temos trabalhado com vistas a romper barreiras individuais, simbólicas, culturais e institucionais que criam obstáculos a uma maior participação masculina no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos e impedem uma transformação simbólica, política e prática mais profunda” (INSTITUTO PAPAÍ, 2016).

Percebe-se, então, que o homem investe para ampliação da postura de provedor e busca envolver-se afetivamente, promovendo segurança, provimento, carinho, afeto e comprometimento na vida cotidiana na família. Começa, então, a brotar a consciência de sua importância para além do suprimento das necessidades materiais, estando mais presente de forma afetiva na prática do cuidado.

Os homens têm sido vistos, cada vez mais, como plenamente capazes de desenvolver e exercer sentimentos relacionados ao cuidar. A paternidade pode ser vivida por homens que se emocionam, se sensibilizam, sofrem e sentem prazer na dimensão relacional, estabelecendo vínculos profundos e significativos com os filhos.

CAPÍTULO 2 – CUIDADO PATERNO: A CONSTRUÇÃO SUBJETIVA DO SER PAI E SEUS NOVOS SIGNIFICADOS

Este capítulo sintetiza o cuidado paterno e a construção subjetiva do ser pai e seus novos significados com enfoque na afetividade, uma vez que o pai-cuidador é uma identidade em construção. Aborda-se também a importância do vínculo a partir do convívio, os desafios para os homens na prática do cuidado paterno e as condições reais para a concretização do cuidado.

2.1. Expressão da afetividade

Para Braustein, cuidado é tanto expressão de um sentimento afetivo como reflexão racional, lógica, ambas entendidas como determinantes sobre a capacidade e potencialidade de estabelecer vínculos sociais.

Cuidado é uma atividade ou atitude que envolve mecanismos psicológicos (afetivo racional e comportamental) congruentes ou dissonantes, conflitantes, paradoxais, que envolvem concordância e contradições sociais [...], permeando a esfera da identidade do si mesmo, do mim mesmo e que se expressam enquanto configurações sociais nas dimensões qualitativas do campo de abrangência da conexão humana, e da empatia (BRAUNSTEIN, 2012, p. 25).

Tudo existe e coexiste na relação com o outro e com o mundo ao redor. Para Boff (2014, p. 181), essa vida é vida com outras vidas. A ética do respeito à vida sempre deverá ser um con-viver e um con-sofrer (miterlebem und miterleiden) com os outros. Cuidado é respeito, e respeito é vida.

[...] O cuidado está pautado na necessidade do outro. Isso significa que quem cuida não pode estar voltado para si mesmo, mas deve estar receptivo, aberto, atento e sensível para perceber aquilo de que o outro precisa. Para cuidar, é necessário um conhecimento daquele que necessita de cuidados, o que exige proximidade, tempo, entrega. (KRAMER, 2005, p. 82).

O cuidador humaniza-se a partir da compreensão do significado da vida e do entendimento de si mesmo e do outro, como sujeito de sua história, a qual é construída no cotidiano e se expressa na dialética da vida.

Uma criança desprovida de cuidados e de afetos no seu cotidiano está sujeita a vicissitudes e estas interferem no seu desenvolvimento. Donald Winnicott (2011) apresenta uma observação nesse aspecto.

[...] desde o início é possível a um observador perceber que a criança já é um ser humano, uma unidade. Com um ano, a maioria das crianças já adquiriu de fato o *status* de indivíduo. Em outras palavras, a personalidade tornou-se integrada [...] a integração manifesta-se gradualmente a partir de um estágio primário-não integrado [...] Essa integração parece estar ligada às experiências emocionais ou afetivas de caráter mais definido, como a raiva ou a excitação provocadas pelo oferecimento de comida (WINNICOTT, 2011, p. 6-7).

Logo no primeiro ano, acontece o desenvolvimento emocional permeado por acontecimentos significativos. Winnicott (2011) também descreve esse processo.

No universo psicológico, há uma tendência ao desenvolvimento que é inata e que corresponde ao crescimento do corpo e ao desenvolvimento gradual de certas funções. Assim, como o bebê geralmente senta por volta dos cinco ou seis meses e dá os primeiros passos na época de seu primeiro aniversário, quando talvez já terá aprendido a usar umas duas ou três palavras, assim também há um processo evolutivo no desenvolvimento emocional. Todavia, esse crescimento natural não se constata na ausência de condições suficientemente boas, e nossa dificuldade consiste em parte em estabelecer quais são essas condições (WINNICOTT, 2011, p. 5).

O autor observa também que tal mudança, que se testemunha no primeiro ano de vida, refere-se à aquisição de independência que se realiza a partir da dependência. A criança começa a se relacionar de forma gradual com o cuidador e a constituir vínculo. Entende-se que essa fase de integração ligada às experiências emocionais e afetivas, quando fragilizada é possível que provoque na criança certo grau de ansiedade.

Giddens sugere que a ansiedade seja vista em relação ao sistema total de segurança que o indivíduo desenvolve mais do que um fenômeno situacionalmente específico ligado a risco e a perigos particulares.

A ansiedade, praticamente todos os estudiosos do tema concordam, deve ser distinguida do medo. O medo é uma resposta a uma ameaça específica e, portanto, tem um objeto definido. Segundo Freud, a ansiedade, ao contrário do medo, `ignora o objeto` – em outras palavras, a ansiedade é um estado geral das emoções do indivíduo. Até que ponto a ansiedade será sentida em uma determinada situação, Freud chega a dizer, depende em grande medida do conhecimento e sensação de poder da pessoa em relação ao mundo exterior (GIDDENS, 2002, p. 46).

Para Giddens (2002, p. 44), “[...] o estabelecimento da confiança básica é a condição da elaboração tanto da autoidentidade quanto da identidade de outras pessoas e objetos”. Assim, a afetividade assume importância no desenvolvimento da criança, principalmente nos primeiros anos de vida, quando acontece a formação da personalidade, exigindo cuidado e atenção.

É importante perceber que as observações apontadas por Winnicott (2011) e Giddens (2002) tendem a mostrar que nos primeiros anos de vida de uma criança o que ela recebe ou deixa de receber promove, ou não, recursos internos que possivelmente influenciarão na saúde mental por toda a vida.

A análise da ansiedade desenvolvida por Harry Stack Sullivan, mais do que a de Freud, é muito útil aqui. Sullivan destaca que a necessidade de uma sensação de segurança surge muito cedo na vida da criança, e é `muito mais importante no ser humano do que os impulsos resultantes das sensações de fome ou sede´ (SULLIVAN apud GIDDENS, 2002, p. 47).

Para uma criança, a ansiedade é algo desconfortável e real e não está no campo do imaginário, mas decorre de algum tipo de insegurança ou, até mesmo, do medo em função da sensação da ausência do adulto.

Um aspecto fundamental da condição humana é que os seres humanos não podem tomar conta de si mesmos nos primeiros anos de vida. As rotinas de cuidados são parte elementar das circunstâncias da confiança na vida da criança; os adultos responsáveis são também os provedores. Modos de prover comida e outras necessidades orgânicas básicas podem ser mais bem vistas como regimes – a criança aprende cedo que a comida não vem quando reclama, mas periodicamente (GIDDENS, 2002, p. 62).

A sensação precoce de segurança da criança vem da criação que recebeu daqueles que cuidavam dela. Nesse sentido, é possível dizer que o homem constrói seu mundo psicológico, por meio de interações com o ambiente sociocultural; enquanto atua sobre o mundo, modifica não apenas a realidade externa, mas também constrói sua própria realidade psíquica.

A identidade pessoal e a identidade social de uma pessoa, antes de mais nada, dependem do cuidado que os outros têm de a definir. Quanto à identidade pessoal, é frequente que um tal cuidado se manifeste já antes do nascimento e perdure após sua morte; então, para essa pessoa, não se trata de sentimentos, de identidade ou outros. Em contrapartida, a identidade em si é, antes de tudo, uma realidade subjetiva, reflexiva, necessariamente experimentada pelo indivíduo em questão [...]. Certamente, o indivíduo se vale, para construir uma imagem de si mesmo, de materiais iguais aos utilizados pelos outros para construir-lhe uma identificação social e pessoal.

E ele não exerce nisso um grau menor de liberdade quanto ao estilo da construção (GOFFMAN apud PAUGAM, 2003, p. 61).

Dessa forma, entende-se que esse é um processo no qual o indivíduo objetiva sua subjetividade, ao mesmo tempo em que torna subjetiva a realidade objetiva, por meio da capacidade de registro cognitivo e afetivo de suas experiências.

Sawaia (2014) considera identidade uma categoria síntese da relação indivíduo e sociedade.

Identidade é conceito político ligado ao processo de inserção social em sociedades complexas, hierarquizadas e excludentes, bem como ao processo de inserção social nas relações internacionais. O clamor pela identidade, quer para negá-la, reforçá-la ou construí-la, é parte do confronto de poder na dialética da inclusão/exclusão e sua construção ocorre pela negação dos direitos e pela afirmação de privilégios. Ela exclui e inclui parcelas da população dos direitos de cidadania, sem prejuízo à ordem e harmonia social (SAWAIA, 2014, p. 126).

É importante entender como as diferentes fases da vida constituem-se em um cotidiano dialético, pois a identidade se transforma no decorrer do tempo, sendo o homem um ser temporal, um ser no mundo em constante metamorfose, ao mesmo tempo, um ser transformador.

A referência à identidade só pode ser usada quando se supera seu uso político para discriminar e explorar o outro, quando se reconhece a identidade com igualdade e diferença, fugindo da lógica da mesmidade, retratada no provérbio brasileiro ‘pau que nasce torto morre torto’. É preciso manter atenção entre os dois sentidos contidos na identidade – o de permanência e o de transformação, concebendo-a como processo de identificações em curso (SAWAIA, 2014, p. 127).

Ciampa entende que o desenvolvimento da identidade não depende apenas da subjetividade, mas também da objetividade, pois “[...] o indivíduo isolado é uma abstração. A identidade se concretiza na atividade social. O mundo, a criação humana é o lugar do homem. Uma identidade que não se realiza na relação com o próximo é fictícia, é abstrata, e falsa” (CIAMPA, 2005, p. 90). Nessa direção, o autor ressalta e reafirma a importância do envolvimento para a formação e o fortalecimento da identidade e a ela atribui uma definição.

[...] é a síntese de múltiplas e distintas determinações, o desenvolvimento da identidade de alguém é determinado pelas condições históricas, sociais, materiais dadas aí incluídas condições do próprio indivíduo [...] dessa maneira, a concretude da identidade é sua temporalidade: passado, presente e futuro (CIAMPA, 2005, p. 205-206).

Nessa perspectiva, é fundamental apontar o conceito de sofrimento ético-político de Sawaia (2014) para ampliar a compreensão da relação da subjetividade e sociedade.

[...] o sofrimento ético-político¹⁶ retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto (SAWAIA, 2014, p. 106).

É essencial destacar o significado da afetividade na vida do ser humano ou, em particular, do homem-pai e a forma pela qual ele se relaciona com a sociedade. Nesse processo, há uma dupla exigência: a de rever seu lugar na família e o de pai na perspectiva do cuidado nas dimensões objetivas e subjetivas.

A subjetividade não é o oposto do objetivo, é uma qualidade da objetividade nos sistemas humanos produzidos culturalmente. [...] a subjetividade permite uma reconstrução não só da psique individual, como também das várias formas de produção psíquica, próprias dos cenários sociais em que vive o homem, assim também como da própria cultura (GONZÁLEZ REY, 2012, p.125).

Vale dizer que o cuidado do(s) filho(s) na perspectiva do fortalecimento da relação afetiva é responsabilidade do homem e da mulher e ele consiste não apenas em satisfazer aos impulsos instintivos, mas também em atender às necessidades de afeto, segurança e outras essenciais à vida humana.

Assim, os relacionamentos advindos da base matrimonial, da união estável e das relações paterno-filiais passam a ter sustentação na afetividade. Como bem observa Souza e Benetti (2009), a evolução da família trouxe transformações que acabaram por valorizar as relações ancoradas nos sentimentos de amor familiar, felicidade e afeto; essas são as condições reais para o exercício do cuidado. Nessa perspectiva, a afetividade constitui-se elo do indivíduo com a sociedade.

¹⁶ Sofrimento ético-político é um conceito criado por Bader Sawaia que “[...] surgiu para colaborar com a introdução da contradição e dominação sociais nas reflexões e intervenções psicossociais. De acordo com Sawaia, nas discussões realizadas no NEXIN [Núcleo de Estudos Psicossociais da Dialética Exclusão/Inclusão Social (PUC-SP)], o sofrimento demarcado não é um sofrimento de ordem individual, proveniente de desajustamentos e desadaptações, mas um tipo de sofrimento determinado exclusivamente pela situação social da pessoa, impedindo-a de lutar contra os cerceamentos sociais” (BERTINI, 2014, p. 62).

No transitar de uma identidade em construção, o homem-pai começa a ter contato com as questões subjetivas do cuidado.

A afetividade é um meio de penetrar no que há de mais singular na vida social coletiva, pois ela constitui um universo peculiar da configuração subjetiva das relações sociais de dominação. É um fenômeno privado, mas cuja gênese e consequência são sociais, constituindo-se em ponto de tramitação do social e do psicológico, da mente e do corpo e, principalmente, da razão e da emoção (VYGOTSKY apud ACOSTA; VITALE, 2008, p. 40).

Assim, a afetividade se estabelece e se expressa nas relações duradouras, cuja eficiência depende da sensibilidade e da qualidade dos vínculos afetivos.

2.2. Pai cuidador: uma identidade em construção

É essencial retomar as contribuições de Ciampa (2005), no sentido de que o indivíduo isolado é uma abstração e a identidade se concretiza na atividade social, porque a criação humana é o lugar do homem. Historicamente, enquanto a autoridade moral coube ao homem, à mulher competiu a dimensão do cuidado. Se esse modelo de família que responsabiliza as mulheres pelo cuidado é uma construção histórica, o mesmo acontece com a ausência dos homens nas atividades domésticas e nas relações afetivas familiares.

Há muitas controvérsias sobre esse padrão de comportamento. Carvalho (2007) entende e argumenta que os homens teriam dificuldade de relação afetiva por terem fronteiras rígidas no ego. Fonseca (1997) observa que o cuidado deve ser pensado para ambos os sexos. Outros estudos apontam para o crescimento da participação do homem no exercício do cuidado, como Arilha, Ridenti e Medrado (1998); Braunstein (2012) e Winnicott (2011) e Giddens (2002), contradizendo a teoria de que cuidado é atributo feminino, Esses autores destacam que quando os pais cuidam, envolvem-se mais com atividades de alto nível de intimidade amorosa (incluindo brincadeiras e jogos físicos) e vínculo afetivo com seus filhos. No espaço da família, as crianças constroem a autoimagem e a imagem do mundo exterior, aprendem a falar e, por meio da linguagem, a ordenar e dar sentido às primeiras experiências de vida.

Independentemente de como está composta, vivida e organizada, a família é o filtro pelo qual a criança começa a ver e a significar o mundo. Este processo que se inicia ao nascer prolonga-se ao longo de toda a vida, a partir de diferentes lugares que se ocupa na família. As questões postas em seu cotidiano requerem solidariedade familiar para enfrentar as demandas

sociais e econômicas que a família enfrenta a todo instante, principalmente, no atual contexto social.

Vale apontar que, se de um lado membros da família podem exercer um papel de apoio em atividades complementares, no âmbito da responsabilidade dos pais (levando as crianças à escola ou ao médico, por exemplo), de outro, essa colaboração pode dificultar a proximidade do pai no cuidado dos filhos.

A transformação do ser pai deu-se por exigência de uma postura mais ativa, até porque o pai necessitava se legitimar como protagonista do processo de divisão de trabalho, especialmente após a entrada da mulher no mercado de trabalho. Novas representações construídas sobre os papéis feminino e masculino redimensionaram de forma significativa os acordos, as estruturas de poder, as formas de expressão da sexualidade, e dos afetos na família (GIDDENS apud FÁVERO, VITALE E BAPTISTA, 2008, p. 16). As autoras fazem referência à multiplicação das famílias monoparentais, ao aumento de mulheres chefes de família, de divórcios/separação e de recasamentos que fazem parte dos indicadores das alterações na vida familiar. Elas apontam que as mudanças que afetam a vida das famílias estão em forte vinculação com aquelas que ocorrem na esfera pública, e as condições sociais advindas da inserção das famílias na sociedade marcam suas histórias e trajetórias. Essas alterações vêm ganhando espaços também nas decisões jurisprudenciais que passam a questionar se o melhor para a criança é permanecer com a mãe ou não.

Hoje, embora ainda não sejam muitos, os casos de homens que ficam com a guarda dos filhos depois de uma separação, estão deixando de ser raridade, mesmo quando a guarda permanece com a mãe, a figura do 'pai de final de semana' vem dando lugar à de um pai mais participante, interessado em acompanhar de perto o dia-a-dia, a educação e o crescimento dos filhos (SILVA, 1999, p. 25).

“A lei não sobrevive senão na medida em que possa adaptar-se às novas necessidades sociais” (BITTENCOURT apud SILVA, 1999, p. 30), que começam a ser redefinidas e realinhadas quando, nas famílias, o homem se volta para o cuidado compartilhado, ocupando lugar expressivo na vida do(s) filho(s), mais especificamente, não aos pais que se separam e compartilham o cuidado, mas sim às famílias em que os pais vivem e convivem juntos.

Villela (1979) refere-se às mudanças no conceito de pai, localizando-o não como um fenômeno da natureza, mas como fato cultural, articulando assim às ideias de Lacan (1987), que entende que a família não é um elemento natural, mas cultural, e que o pai só se torna pai quando o homem ocupa o seu lugar de pai, sem que seja necessariamente o pai biológico.

Para Castro (1998), Karan (1998) e Brito (2005), a responsabilidade compartilhada propicia a divisão de tarefas entre pai e mãe e, principalmente, uma aproximação afetiva maior entre o pai separado e seus filhos. Os homens começam a ser compreendidos juridicamente como pais-cuidadores, embora ainda existam muitas resistências nos meios jurídicos a um compartilhamento da guarda entre pais e mães.

A nova versão do Código Civil traz modificações importantes na compreensão jurídica da guarda dos filhos, introduzindo alteração relativa ao poder familiar compartilhado, ao invés do pátrio poder. O Estatuto da Criança e do Adolescente (2012) também prevê que o poder da família deva ser exercido, em igualdade de condições, pelo pai e pela mãe, na forma do que dispuser a legislação civil, respeitando as recomendações internacionais de que as crianças recebam educação de pais e mães, ao longo da vida.

Carvalho (2007) aponta que, dentre as iniciativas no intuito de envolver os pais no cuidado com os filhos está a resolução municipal do Distrito Federal de que as escolas encaminhem os boletins escolares para os pais e para as mães separadamente. Outra iniciativa apontada pela autora é a do Programa Paternidade Responsável, de Lages, em Santa Catarina, que indica que os supostos pais que não morem com as gestantes, sejam contatados pelo Programa de Saúde da Família, estimulando e facilitando o vínculo com seus futuros filhos. Percebe-se o esforço para legitimar os pais na condição de cuidadores. A autora conclui que o desafio da inclusão dos homens nas tarefas de cuidado, não se refere unicamente às relações entre mulheres e homens, mas depende de uma ressignificação do valor da vida humana numa sociedade comprometida com a exploração da maioria em benefício do enriquecimento de poucos.

Pesquisas vêm revelando que no experimentar do cuidado paterno, no período da gravidez, o homem sente-se parte do processo. Essa atitude reflete-se na qualidade de vida do casal, proporcionando relação mais harmoniosa, ainda que, no período de gestação, o pai não saiba como se situar, cabendo-lhe o papel de observador passivo, como apontam Freitas, Coelho e Silva (2007). Diante dessa complexidade, a experiência da gravidez é vivida como um processo imaginário, no qual o parto representa a mudança radical: ser pai nasce com o(a) filho(a). As autoras acreditam que a dificuldade de o pai sentir a gravidez como experiência compartilhada com a mulher-filho(a) também pode ser relacionada à produção ideológica da noção de homem-pai e mulher-mãe, historicamente construída e culturalmente preservada.

Vale ressaltar que a vivência masculina no exercício do cuidado está em construção e é experiência singular.

[...] a construção da noção de cuidado no universo do discurso masculino é, portanto, uma forma de dinamizar as transformações das relações de gênero, visto que quebraria a dicotomia entre pai-provedor-protetor, ou líder instrumental, e mãe-cuidadora, ou líder expressiva-afetiva nas famílias. (TRINDADE, 1991; LYRA, 1997). Essa quebra promoveria, portanto, uma mudança revolucionária na história da humanidade, quando o eixo do cuidado com os filhos começaria a fazer parte da subjetividade masculina (ACOSTA; VITALE, 2008, p. 88).

Assim sendo, um dos aspectos primordiais que determinam o pai-cuidador é preencher espaço social deixado pelas construções culturais em relação ao cuidado paterno na organização social da família.

2.3. Vínculo a partir do convívio

Recorrendo ao dicionário *on-line*, entende-se por vínculo aquilo que ata, promove, liga e/ou vincula duas ou mais coisas. Vínculo do latim *vinculum* é uma união, relação ou ligação de uma pessoa ou coisa com outra. Por conseguinte, duas pessoas ou objetos vinculados estão unidos, encadeados ou atados, seja física ou simbolicamente.

Para Abigail Torres (2013), o ser humano tem necessidade natural de afirmação afetiva por parte de outros, de ser amado, de companhia humana. O dar e receber que as relações asseguram é uma das condições fundamentais da existência humana. Assim, “[...] a convivência não se estabelece de forma mágica, ela não nasce com as pessoas, ela é construída. Há convivências mais protetoras ou menos protetoras, que desenvolvem mais ou desenvolvem menos as habilidades e potencialidades” (ALBUQUERQUE apud TORRES, 2013, p. 33).

Bowlby (1981) ao referir-se ao primeiro amor, concebe a ideia de vínculo mãe-filho ou adulto-cuidador como *attachment* (apego), uma necessidade tão primária quanto à satisfação da fome ou mesmo da sede.

Um estudo muito cuidadoso do choro e do balbúcio dos bebês mostrou que os que se achavam num orfanato, desde o nascimento até os seis meses de idade, vocalizavam sempre menos do que os que viviam com famílias, podendo-se notar claramente a diferença já antes dos dois meses de idade. Este atraso na `fala` é especialmente característico da criança em instituição, em qualquer idade (BOWLBY, 1981, p. 22-23)

Esses vínculos teriam sido criados no decorrer da evolução humana, em função da importância da proximidade com o adulto para a proteção e o desenvolvimento da criança

que, reconhecidamente, e sem controvérsias entre as diferentes teorias da Psicologia, nasce em condições de absoluta dependência de cuidados do outro, segundo Bowlby (1981).

Vale a reflexão de Giddens no sentido de que “[...] os laços estabelecidos com os primeiros responsáveis, que deixam ressonâncias afetando todas as relações sociais próximas formadas na vida adulta, envolvem gestos emotivos de vários tipos” (GIDDENS, 2002, p. 65). Ainda, segundo o autor, é essencial entender que esses gestos envolvendo o choro e expressões faciais de alegria da criança, e expressões corporais de cuidado da parte dos que cuidam dela, são elementos integrantes dos laços sociais em desenvolvimento.

Badinter em um ensaio radical e bem conhecido, no qual ela questiona a universalidade do amor materno, parecendo implicar que o vínculo entre mãe-filho é culturalmente arbitrário. “[...] o `amor materno´ é de fato importante para a sobrevivência da espécie, porém, tal maternagem varia de acordo com a concepção de valores da mulher quanto ao amor maternal [...]” (BADINTER, 1985, p. 27). A autora acredita que em determinados contextos sócio-históricos, as mães não se expõem ao contato com os bebês, entregando-os para serem criados por outras mulheres. Isso decorre, conforme a autora, porque não existe um “instinto materno”, e a regra cultural é que prevalece.

Para Silva (1999), o vínculo do homem adulto com seu filho vem sendo questionado muito mais, nos tempos atuais, quando então, a relação do homem em sentido bem amplo vem procurando, também, o que Cushinir (1994) chama de “um novo estar juntos”.

Nessa direção, é possível pensar que, no convívio, o vínculo entre pai(s) e filho(s) se estabelece ou mesmo, desenvolve a capacidade de relação afetiva e de cuidado. Ainda dentro desse universo, o convívio atrelado ao vínculo se faz como elo de referência psíquica de extrema importância para as crianças, bem como, apontam para adultos mais saudáveis, pois essas relações tecem a trama da vida social.

Os sociólogos sabem que a vida em sociedade coloca todo ser humano desde o nascimento numa relação de interdependência com os outros e que a solidariedade constitui a todos os estados de socialização a base do que se poderia denominar homo sociologicus, o homem ligado aos outros e à sociedade, não somente para assegurar sua proteção face aos males da vida, mas também para satisfazer suas necessidades vitais de reconhecimento, fonte de sua identidade e de sua existência enquanto homem (PAUGAM, 2008, p. 4).

Para Serge Paugam, há quatro tipos de vínculos que asseguram a integração social dos indivíduos destacando: a afiliação, comum entre familiares; a participação eletiva, referente à convivência com pessoas e grupos escolhidos, como amigos, cônjuges e igreja; a participação

orgânica ligada ao universo do trabalho e ao sistema de proteção social do emprego; e a cidadania, relativa à sensação de pertencimento a uma nação. O autor faz uma analogia comparando esses vínculos como as quatro pernas de uma cadeira que garantiriam o equilíbrio necessário para a integração social. Cita a pobreza, como elemento de desestabilização por estar implicada no comprometimento de uma das bases da cadeira: a participação orgânica. É por meio desses vínculos que, segundo Paugam, o indivíduo se sente pertencente à sociedade, assegurando e definindo, por sua vez, a identidade e reforçando a lógica de interdependência entre os indivíduos. A importância de discutir os vínculos refere-se simultaneamente à capacidade de indicar condições de reconhecimento e de proteção social ou de desrespeito e de desproteção, quando esses vínculos não existem ou estão fragilizados (2008, p. 4).

Sem pretender explorar aqui os quatro vínculos tratados por Paugam (2008), mas citando-os, dá-se destaque aos vínculos de filiação os quais fazem parte da análise deste trabalho. Esses vínculos remetem-se àqueles estabelecidos nas relações primárias e familiares, por consanguinidade ou adoção, que na visão do autor entende serem os fundamentos absolutos do pertencimento social e que, no decorrer da história, cada sociedade foi atribuindo a esses vínculos sua importância.

Em cada sociedade, os quatro tipos de vínculos constituem a trama social que preexiste aos indivíduos e a partir dos quais eles são convocados a tecer seus pertencimentos ao corpo social para o processo de socialização. Se a intensidade desses vínculos sociais varia de um indivíduo para outro em função das condições particulares de socialização, eles dependem também da importância relativa que as sociedades lhes concedem. O papel que desempenha, por exemplo, a solidariedade familiar e as expectativas coletivas a seu respeito são variadas de uma sociedade para outra. As formas de sociabilidade que decorrem do vínculo de participação eletiva ou do vínculo de participação orgânica dependem, em grande parte, dos gêneros de vida e são múltiplas. A importância atribuída ao princípio de cidadania como fundamento da proteção e de reconhecimento não é o mesmo em todos os países (Livre tradução) (PAUGAM, 2008, p. 77).

Paugam, ao desenvolver a teoria dos vínculos, afirma que a dimensão afetiva reforça as interdependências humanas e transforma o “eu” em “nós”. Em síntese, a pessoa sabe que pode contar com o outro.

2.4. Desafios para homens na prática do cuidado paterno

É no dia a dia que os desafios do exercício do cuidado se apresentam como processo relacional complexo. Cuidar do outro sempre será um grande desafio, pois quem cuida está a todo tempo atento às necessidades do outro, que se expressam de forma distinta. É preciso entender que as tramas do cuidado paterno se dão no cotidiano, no qual as necessidades e um mundo ainda desconhecido se revelam para alguns homens.

Isa Guará (1998) esclarece a existência de dois patamares básicos de necessidades, cuja satisfação é indispensável: as necessidades naturais e as necessárias, que a sociedade entende como uma vida social normal.

As necessidades naturais como as que se referem à autoconservação da vida humana que vão além da manutenção puramente biológica e são também determinadas pelas condições sociais. Tais “necessidades naturais” são também necessidades necessárias, pois sua satisfação não há possibilidade de sobrevivência. [...] As necessidades necessárias são aquelas surgidas historicamente e não dirigidas à mera sobrevivência, nas quais o elemento cultural, a moral e o costume são decisivos e cuja satisfação é parte constitutiva da vida normal dos homens pertencentes a uma determinada classe, de uma determinada sociedade (GUARÁ, 1998, p. 184-185).

O homem é um ser de necessidades e está sempre em busca de supri-las. Todas as necessidades humanas devem ser aceitas como “necessidades reais” e elas são também necessidades verdadeiras (GUARÁ, 1998); a autora aponta que o conceito de necessidade social aparece na obra de Marx com vários sentidos.

As próprias necessidades naturais de alimentação, roupa, aquecimento, habitação etc. variam de acordo com as condições climáticas de outra natureza de cada país. Demais, a extensão das chamadas necessidades imprescindíveis e o modo de satisfazê-las são produtos históricos e dependem, por isso, de diversos fatores, em grande parte do grau de civilização de um país e, particularmente, das condições em que se formou (MARX, 2014, p. 201).

O conceito detalha-se em necessidade socialmente produzida, em necessidade do homem socializado ou também a média das necessidades dirigidas aos bens materiais de uma sociedade ou classe.

Este alargamento conceitual sobre as `necessidades necessárias´ inclui pois, um juízo de valor sobre o que cada sociedade entende como vida social normal e, nesse sentido, é também uma necessidade socialmente atribuída [...]. No entanto, não podem ser consideradas `verdadeiras´ as necessidades

que para sua satisfação, implicam usar outras pessoas como objeto, destruindo a autonomia individual. Necessidades sociais são aquelas cuja satisfação só pode ocorrer socialmente, exigindo quase sempre a criação de instituições sociais para atendê-las. É o caso específico das necessidades de educação, de cultura e seguridade social (GUARÁ, 1998, p.185 e 187).

Um importante desafio para o homem é o entendimento das necessidades da família e o exercício do cuidado compartilhado, na medida em que há um padrão hegemônico de masculinidade, que os caracteriza como fortes, e por isso não precisam de cuidados, tampouco cuidar do outro na dimensão do acolhimento, como por exemplo, no caso da criança, dar colo, trocar fralda, acalentar. Esse processo de identificação aos padrões tradicionais envolve acomodações e resistências, portanto, novas posturas exigem vontade, esforço e diálogo com os demais homens; esse exercício do cuidado praticado por homens na nossa sociedade ainda é um grande desafio, tanto em nível pessoal, como social.

Estudos apontam que inúmeros paradigmas precisam ser quebrados com relação à participação do pai frente às limitações institucionais ou familiares. Até meados dos anos 2000, por exemplo, ainda era comum o pai ser considerado acompanhante, nas maternidades brasileiras. Além disso, as transformações societárias e a entrada da mulher no mercado de trabalho, no século XX, quando teve acesso a direitos, até então, conferidos somente ao homem, impuseram desafios ao homem particularmente no âmbito familiar. Esse momento foi significativo, pois as funções e responsabilidades, antes exercidas pelas mulheres, foram repartidas dentro da própria casa e/ou com outras instituições, como por exemplo, escolas e creches, na socialização dos filhos, tendo maior participação do homem nos cuidados da casa e dos filhos (AUN; VASCONCELOS; COELHO, 2005, p. 190).

A paternidade, frente a essas transformações, deixou de ter o caráter unicamente de provedor para assumir também tarefas domésticas e estreitar o contato afetivo com o(s) filho(s), redesenhando, dessa forma, a relação familiar na perspectiva do cuidado. O objetivo é vencer esses estereótipos de pai ausente, incompetente, incapaz, desajeitado, quando não, desafeiçoado em relação aos cuidados com o filho.

No entanto, para Souza e Benetti (2009), mesmo que as representações sociais do novo pai incluam um papel mais participativo no cuidado dos filhos, ainda assim, tem-se a força do imaginário social, marcas da estrutura tradicional do pai provedor nato próprio da sociedade patriarcal e do distanciamento entre pai e o momento da gestação.

Segundo Souza e Benetti (2009), no que se refere ao gênero, o cuidado da criança sempre foi atribuído à mulher, e ao homem a restrição dessa vivência. Para muitos homens,

esse afastamento é visto com naturalidade, pois ele também acredita que o cuidado com a criança pertence à mulher e seu papel é secundário e de complementaridade. Prova disso são as falas de algumas mulheres ao se referir ao marido-pai nos espaços de atendimento à família: “Quando pode, ele me ajuda”. As autoras apontam ainda o tratamento desigual com relação à licença-maternidade. O tempo destinado ao convívio paterno é insuficiente, desde os primeiros dias de vida da criança, ausentando-se do contato físico. Isso representa outro desafio a ser vencido.

O homem precisa se preocupar com a criação de espaços coletivos para debater sobre a importância da figura paterna no exercício do cuidado. É preciso aprofundar e alargar a questão do acesso à informação, fazendo referência à importância do cuidado paterno na vida de uma criança.

Paulo Freire (1996) faz menção a uma sociedade opressora e propõe o diálogo como caminho no qual homens e mulheres compartilhem responsabilidades no cotidiano, além da participação de organizações, Estado e grupos sociais no enfrentamento dos desafios postos pelas mudanças na sociedade.

2.5. Condições reais para a concretização do cuidado

Hoje, as discussões em torno do cuidado paterno passam pela ideia do sofrimento vivenciado por alguns homens quando se veem questionados sobre o seu poder masculino.

O sofrimento de alguns homens seria mais agudo, ou intenso, ou generalizado neste momento atual de nossas sociedades quando o poder masculino se vê questionado. Para responder à intensidade deste sofrimento, alguns homens estão se mobilizando em grupos de reflexões, movimentos e organizações (FONSECA, 1997, p. 36).

Nesse sentido, é interessante ressaltar os trabalhos desenvolvidos pelo Promundo, organização que atua em diversos países, que incentiva a participação dos homens no cuidado paterno e a prevenção da violência, com foco no envolvimento de homens e mulheres na transformação de masculinidade, bem como o Instituto PAPAI – organizações que desenvolvem projetos pioneiros¹⁷.

¹⁷ O Promundo tem como missão trabalhar para promover a equidade de gênero e construir um mundo livre de violência envolvendo homens e meninos em parceria com mulheres e meninas. É financiado por governos nacionais e locais, fundações, organismos internacionais, grandes organizações não governamentais e por meio de doações individuais. (PROMUNDO, 2016). O Instituto Papai, criado em Pernambuco, em 1997, atua “no campo da saúde pública, nos diversos contextos de socialização, educação e em instâncias de controle social, temos trabalhado com vistas a romper barreiras individuais, simbólicas, culturais e institucionais que criam obstáculos

Em suas ações, o Promundo busca gerar intervenções em diversos níveis, como ações em grupos de homens e mulheres, campanhas, metodologias educativas e diálogo com instituições e governos no intuito de influenciar políticas e, ao mesmo tempo, ampliar programas que proporcionem mudanças sociais, além de pesquisas.

Segundo informações do Promundo (2016), atualmente, as mulheres representam 40% da força de trabalho remunerado, sendo que elas ainda passam de duas a dez vezes mais tempo no exercício do cuidado de uma criança do que os homens. Por outro lado, nos últimos 20 anos há uma tendência da participação do homem no cuidado e nos trabalhos domésticos não remunerados. Isso significa, conforme o Promundo, que o envolvimento de homens no exercício de cuidados está apenas começando a ser reconhecido, como forma de avançar na agenda da igualdade de gênero.

O Instituto PAPAÍ tem o objetivo de trazer ao debate a experiência masculina no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças, e vem ampliando suas ações com equipe que produz conhecimentos, estabelece parcerias, integra redes, realiza articulações e concretiza produtos e processos. É uma iniciativa pioneira na América Latina que tem como base o modelo dos núcleos acadêmicos de estudos sobre a mulher e relação de gênero e desenvolve os seguintes projetos: “Projeto Paternidade, cuidado e direito reprodutivo”; “Diversidade sexual como direito” e “Homens, Saúde e Violência de Gênero”, além de campanhas como: “Dá licença, eu sou pai”; “Mobilização da ampliação da licença paternidade”; “O lugar de pai na atenção básica” e “Pai não é visita! Pelo direito de ser acompanhante”. Essas ações têm o objetivo de contribuir para a revisão e ampliação das políticas públicas.

[...] enquanto nos envolvemos no ativismo social, necessitamos aprender a esquadriñar e questionar nosso comportamento. [...] compreender que nossa contribuição à mudança social será limitada se continuarmos interagindo com as mulheres com base na dominação. Será limitada se não desafiarmos ativamente a homofobia e o sexismo entre nossos amigos e companheiros de trabalho e em nós mesmos. A mudança será limitada se não começarmos a criar as condições imediatas para a transformação da vida social, especialmente esforçando-nos para atingir a unidade no trabalho doméstico e no cuidado para com as crianças (KAUFMAN, 1995, p. 144-145).

O Promundo e o Instituto PAPAÍ representam experiências inovadoras que incentivam a reflexão e a participação dos homens no cuidado paterno.

a uma maior participação masculina no contexto dos direitos sexuais e reprodutivos e impedem uma transformação simbólica, política e prática mais profunda” (Instituto PAPAÍ, 2016).

O Brasil começou a criar condições de implantação de políticas públicas, por meio do Projeto de Lei 6.998, de 2013, que, dentre outras coisas, insere dispositivos sobre a Primeira Infância na Lei 8.069, de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), e na Lei 11.770, de 2008, que criou o Programa Empresa Cidadã, prevendo a prorrogação da licença-paternidade e dando maior atenção às crianças de até seis anos. O tempo da licença paterna passa de cinco para vinte dias.

Nesse sentido, o princípio da afetividade não se restringe a um fato da vida, mas ganha significado em marcos legais, os quais dão direito à participação dos pais por mais tempo nos primeiros anos de vida, no desenvolvimento e na formação da criança. Assim, no período de prorrogação da licença, o empregado não poderá exercer qualquer outra atividade remunerada e a criança deverá ser mantida sob seus cuidados, sob pena de perder o direito à prorrogação. Trata-se de um grande avanço na legislação brasileira que beneficiará a família no início da vida de uma criança, momento indispensável de união dos pais.

Muito embora a redução do horário do trabalho e aumento de licença-paternidade possam ser um incentivo para os homens-pais para o exercício do cuidado, ainda há predominância das mulheres no desfrute desse direito.

Fonseca (1997) faz referência a países que têm feito grande esforço para proporcionar condições reais para a concretização do cuidado ao homem-pai. Na Suécia, segundo o autor, desde 1974, os homens e as mulheres dispõem igualmente da licença parental, a ser dividida e negociada entre o casal, que abrange 450 dias (quinze meses cobertos por seguro social), podendo ser usado ao longo dos primeiros oito meses da criança, distribuídos em dias inteiros, meio período ou em um quarto do dia (NÄSMAN,1990). A autora observou que, desde a implantação da licença parental, a proporção de homens que utilizam esse recurso aumentou de 3%, em 1974, para 24,5%, em 1987, e 43% das crianças em idade pré-escolar eram cuidadas por seu próprio pai, situação que pode ser atribuída às oportunidades oferecidas pela licença parental e pelo ajuste das horas de trabalho entre o pai e a mãe. Ainda de acordo com a pesquisa realizada por Näsman, os suecos que desejam se beneficiar de licença-paternidade para cuidar dos seus filhos enfermos enfrentam mais preconceitos que as mulheres em seus locais de trabalho.

Nessa perspectiva, é necessário rever a própria política ou linha de intervenção, abrindo canais para pensar a masculinidade, a paternidade e maneiras de encorajar e dar nova direção para os homens, no intuito de torná-los responsáveis por seus comportamentos sexuais, papéis sociais e familiares.

CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS RESULTADOS DA PESQUISA

É fundamental dizer, inicialmente, que a pesquisa qualitativa ofereceu a possibilidade de trabalhar com valores, significados e atitudes e estimulou o pensamento livre dos sujeitos, na abordagem do tema proposto neste estudo. De fato, a opção metodológica foi bastante adequada, pois em inúmeras situações emergiram aspectos subjetivos e sentimentos, de maneira espontânea e sem constrangimento, o que não ocorreria com perguntas fechadas e sem a liberdade de expressão que a história oral permite. Outra observação relevante é que a pesquisa qualitativa, ao invés de utilizar procedimentos metodológicos de comparação e generalização, ela permite analisar o significado que as pessoas dão aos fatos e fenômenos que descrevem e/ou vivenciam.

Para a sistematização dos dados, portanto, levou-se em conta basicamente a leitura do material bibliográfico e documental e os conteúdos das narrativas. Após a transcrição das entrevistas foram destacados dados relevantes de cada uma, identificando questões centrais em torno das quais a análise dos resultados da pesquisa foi se fazendo, tais como: o olhar dos sujeitos sobre o cuidado; convivência e concretização do cuidado: rotina e tarefas domésticas; responsabilidade compartilhada do casal; visão ampliada do cuidado com a sociedade e masculinidade e a nova paternidade.

3.1. Alguns aspectos do processo de trabalho

Antes de iniciar a pesquisa, a entrevista parecia de fácil realização, mas na realidade foi um momento de tensão de ambas as partes, pela delicadeza de se abrir ao outro em histórias marcantes de vida. Era como se estivéssemos sendo privados de uma faculdade que nos parecia totalmente segura e inalienável: a faculdade de trocar experiências e de ouvir o que o outro tinha a dizer. No intuito de facilitar o diálogo, passei a narrar um pouco de meu interesse pelo tema, procurando interromper o silêncio e enfrentar até mesmo a timidez. Tinha o objetivo de acolhê-los e deixá-los confortáveis; em seguida, os sujeitos começaram a narrar suas experiências, sem interrupção de minha parte, apenas em certos momentos para aprofundar determinados conteúdos.

Ao entrar em contato com os pais que apresentavam perfil para a pesquisa, convidando-os a participar da entrevista foi possível perceber a emoção manifestada em poder compartilhar, pela primeira vez, as experiências com a criação dos filhos. No decorrer das

narrativas, os sentimentos afloraram e as emoções foram inevitáveis. Ali estavam questões subjetivas, emoção com os filhos e memórias significativas do próprio passado e história de cuidado na infância.

3.2. Perfil dos sujeitos

Os três entrevistados são brasileiros e diferenciam-se quanto à naturalidade, sendo Gilson e José de São Paulo e Suedson é da Bahia; em relação ao estado civil, Gilson e Suedson são casados e moram com as respectivas esposas e filhos e José apresentou-se como solteiro e não mora com a mãe da filha e tem guarda compartilhada (em processo de guarda definitiva); e estão na faixa etária entre 27 e 46 anos de idade¹⁸.

TABELA 1 – PERFIL DOS SUJEITOS – 2016

Perfil	Nome		
	José	Gilson	Suedson
Nacionalidade	brasileiro	brasileiro	brasileiro
Naturalidade	São Paulo	São Paulo	Bahia
Estado civil	solteiro / descasado	casado	casado
Nº de filhos/idade	menina de 12 anos	menina de 7 anos	menino de 12 anos adolescente de 15 anos
Idade	43	27	46
Cor	branco	negro	branco
Instrução	superior completo e pós-graduação	ensino médio incompleto	ensino médio completo
Profissão	geógrafo	promotor de vendas	coordenador de atendimento
Religião	transição para o Budismo	não tem	budista

¹⁸ Na transcrição dos discursos narrados, foram mantidas as informações na íntegra, mas retirados os cacofonias e vícios de linguagem para facilitar a leitura, sem prejuízo dos conteúdos. Dos três sujeitos participantes da pesquisa somente um solicitou o uso de nome fictício; os outros dois pediram que os próprios nomes fossem mantidos. Os depoimentos foram acompanhados pela identificação do sujeito e os pedidos foram respeitados.

Observa-se que independente da geração, Gilson que começou o exercício do cuidado paterno aos 19 anos, acumulou, nesse tempo, experiência significativa maior que os demais pais. No entanto, é notável que as experiências de Suedson e José (pais aos 31 anos) se aproximam pelo fato de já terem filhos na puberdade e entrando na adolescência, requerendo destes um cuidado diferenciado.

Apesar das diferenças de escolaridade: José possui pós-graduação, Gilson, ensino médio incompleto e Suedson, ensino médio completo, o entendimento do cuidado como uma relação sujeito-sujeito dá igual sentido à paternidade desses homens.

Quanto à vida profissional dos sujeitos, os três desenvolveram suas tarefas ligadas ao público: Gilson, como promotor de vendas, Suedson trabalhou parte da sua vida na área da Saúde, como coordenador de equipe no Fleury (laboratório de análise clínica) e José é autônomo, experiências profissionais que exigiam, de forma direta ou indireta, a humanização do atendimento, além da competência técnica.

3.3. Análise das narrativas

A avaliação do material empírico possibilitou conhecer essa problemática e sua complexidade, tanto no tocante a papéis, quanto a responsabilidades e processos de construção do cuidado na perspectiva da afetividade.

Sem exceção os pais de uma forma simples, mas repleta de significados narraram suas experiências no cuidado com a casa e os filhos. Quando emocionados, todos pediram desculpas por não conseguirem conter o choro e as lágrimas, particularmente quando relatavam com riqueza de detalhes o nascimento dos filhos, doenças e ingresso na escola.

“Cada história é o ensejo de uma nova história, que desencadeia uma outra, que traz uma quarta, etc., essa dinâmica ilimitada da memória é a da constituição do relato, com cada texto chamando e suscitando outros textos” (BENJAMIN, 2012, p. 13). Ao entrar na sua história, ou mesmo em contato com a sua experiência como pai-cuidador o momento da narrativa ia se tornando mágico, perfeito para entender a importância de dar voz aos sujeitos.

Os relatos orais revelam, de forma significativa, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e aprofundam a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e grupos. Para Giddens (1989), o relato de uma pessoa sobre a própria vida, valores e cultura não pode deixar de conter dimensões subjetivas.

Os sujeitos da pesquisa reconhecem que os homens ainda ficam à sombra da mulher, mas fazem a crítica a esse comportamento e apontam a necessidade de quebrar paradigmas no

que se refere aos papéis sociais estabelecidos, culturalmente, em relação ao cuidado atribuídos aos homens e às mulheres.

— *Quebrei muitos paradigmas dessa coisa machista de que homem não tem jeito, não. Cuidei, dei banho na minha filha. Em vez de ser minha esposa a dar o primeiro banho, eu quis dar o primeiro banho na maternidade [...]. Suedson*

Em função da ênfase dada pelo conceito de gênero à constituição social das diferenças sexuais, alguns autores, como Bordo (1997), Connel (1995), Thorne (1993), Badinter (1993), Louro (1992) definem certas características que podemos tomar como hipóteses pertinentes às meninas: sensibilidade, afetividade e cuidado e aos meninos: agressividade, frieza e competição.

A fala do Suedson aproxima-se dessa ideia.

— *Eu me preocupei de ter uma menina, porque eu vejo que a menina é mais carinhosa, é mais atenciosa [...]. Suedson*

Destaca-se a narrativa de Gilson como oposição às características apontadas aos homens, percebendo expressão de amor e ternura por seus irmãos.

— *Sou mais velho, tenho mais três irmãos, então com os outros eu também tive aquele amor de cuidar deles, sabe, de não deixar bater, cair e se machucar, sempre estar ali, não meter a `porrada´ [...] um amor já desde criança. Gilson*

A seguir algumas categorias que sistematizam as informações para a análise da pesquisa.

Questão 1 – O olhar dos sujeitos sobre o cuidado

Cuidado na narrativa dos pais é a expressão e o compromisso com a vida humana. Cuidar de um filho é despertá-lo para experimentar e perpetuar o modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas, conforme Boff (1999).

O cuidado na visão dos sujeitos é mais que um ato e uma atitude entre pai e filho, é uma construção relacional, que se constrói na convivência, se fortalece na alma, se objetiva nas ações do cuidado do lar, no respeito entre os diferentes e se potencializa nas expressões subjetivas, tais como: amor, respeito, troca e afeto.

— *O cuidado pra mim é tudo, o cuidado envolve amor, o cuidado envolve comprometimento [...] é estar envolvido em todos os processos da vida de um filho [...] de uma família [...]. Suedson*

— [...] pra mim é se dedicar porque quando você tem um filho as coisas já mudam [...] eu me dedico bastante. Nossa! É um amor incondicional por uma criança. Não tem igual, é uma coisa que agradeço muito a Deus por ter mandando essa benção [...]. Gilson

— [...] não é só você garantir que ele vai comer e comer bem. É estar próximo, é conviver com o teu filho, é conviver com as dificuldades, ajudar nas pequenas coisas [...] ou responder aquelas perguntas que todos os filhos fazem pros pais [...] isso engrandece a gente. Cuidado assume um aspecto mais geral, passa pelo cotidiano, pela rotina que você tem com o seu filho [...]. José

— Cuidado é mais responsabilidade, mais atenção, mais amor, muito mais amor. [...] são três palavras que eu defino cuidado: responsabilidade, atenção e amor. Gilson.

Na contemporaneidade, em meio às transformações vividas pelas famílias, os homens-pais passam a fazer um movimento contrário, ou seja, buscam reorganizar e estruturar suas vidas para dar conta de tarefas ligadas ao cuidado, que até então eram exclusivas da mulher. Vislumbra-se uma nova paternidade, colocando os filhos como prioridade, mas entendem que cuidar de um filho não é tarefa fácil, tampouco difícil, tudo depende da forma como cada um estrutura o seu dia a dia. Somente José cuida da filha de uma forma um pouco mais solitária, enquanto que o Suedson e o Gilson partilham o cuidado com as mães.

— Cuidar de filho não é fácil! Mas cada pessoa tem um olhar de como que é esse cuidado [...] Você tem responsabilidade desde a gestação, a criança precisa de você, precisa dos pais, são as duas principais referências. Muitos pais que reclamam em função do tempo que ele tem que despender para o filho, para um terceiro. [...] a minha vida profissional e outras foram ajustadas pra garantir o cuidado da minha filha. A vida me traz outras dificuldades muito maiores do que [estar com ela], do que dedicar um tempo pra cuidar da minha filha. Então, é difícil e não é! [...] José.

— Não, não acho difícil, acho prazeroso, mas acho que tenho que estar junto, porque isso dá segurança pra criança, a criança se sente protegida. Suedson

— Ah, ah, difícil, eu não vou falar que é difícil cuidar, mas tem que se dedicar, organizar o tempo que você tem, o tempo que [...] não é que sobra, mas um tempo para estar junto. Pra mim, eu não acho difícil. Gilson.

O exercício do cuidado é uma prática inerente à vida desses homens-pais realizado de forma respeitosa e repleta de significados, na perspectiva apontada por Boff (2014, p. 118): “O cuidado-amoroso, o cuidado-preocupação e o cuidado-proteção-apoio são existenciais, vale dizer, dados objetivos da estrutura de nosso ser no tempo, no espaço e na história [...]”.

— A minha filha é uma dádiva, é um presente [...] (chora nesse momento)! José

— *Somos seres humanos, não tem diferença de um pai cuidar do seu filho e dar o amor que ele necessita, não tem diferença em chegar pro seu filho e falar eu te amo, porque o filho espera isso do pai, espera essa palavra. [...] acho que é isso: ser um pouquinho melhor como ser humano.* Suedson

Cuidar é mais que um ato, é uma atitude de enxergar o outro com o olhar da generosidade.

— *[...] defendo que o ser humano tem direito e deveres com o outro, já que eu coloquei no mundo, é responsabilidade minha, se eu tenho essa responsabilidade, porque não atuar no cuidar, e zelar [...].* Suedson

Questão 2 – Convivência e concretização do cuidado: rotina e tarefas domésticas

Os três entrevistados foram unânimes em afirmar a importância do cuidado paterno em relação aos filhos e como esse processo desenvolve na criança aspectos significativos para o seu desenvolvimento pessoal, bem como da sociedade e da humanidade como um todo.

— *[...] a minha vida profissional e outras dimensões da minha vida acabam sendo realmente, ajustadas pra garantir o cuidado da minha filha.* José

— *[...] quando eu fui ensinar o meu filho a andar de bicicleta eu não podia fazer esforço, por causa do problema de saúde que eu tenho de coluna, mas o fato de eu estar ali olhando ele e falando eu confio em você, você vai conseguir! Quando eu falei isso, ele teve determinação, motivei assim ele foi, pedalou e andou!* Suedson

Percebe-se que a nova paternidade não se restringe única e exclusivamente ao suporte econômico da família, às tarefas da casa, ou mesmo, ao lugar de vigilância, disciplina, educação e motivação, ao contrário, ela amplia o exercício do cuidado com os filhos na expressão do carinho, afeto e amor.

— *Minha esposa está trabalhando, então eu cuido, vou à escola, quero saber como estão os meus filhos, sou muito parceiro da escola [...] estou sempre contribuindo, em lavar uma louça, participo de uma reunião de pais [...] O galo só tem que cantar? Não, tem que fazer essa parte também (risos) [...].* Suedson

— *Minha mãe apoia bastante, mas eu que cuido da minha filha, isso está bem claro em casa, com os meus familiares, em geral [...] quando ela [filha] está comigo sou eu que cuido. Conto com a ajuda deles, mas faço comida pra ela, não vou dizer que eu faço 100%, mas 80% sou eu que estou fazendo, não tem jeito. Quando ela está comigo é para ficar com ela [...].* José

A convivência com o filho no cotidiano sintoniza-se com o sentido do cuidar, dá vida ao relacionamento, desperta o senso de responsabilidade e agrega o afeto, proporcionando saúde emocional para ambos, além de autoconfiança, alegria e amparo. Os “[...] seres humanos de todas as idades são mais felizes e mais capazes de exercitar melhor seus talentos, quando seguro de que atrás de si, há uma ou mais pessoas em quem confiar e que lhe darão ajuda em necessidade” (BOWLBY, 1981, p. 375).

Nesta pesquisa, buscou-se saber como os homens costumam cuidar ou cuidaram dos seus filhos e se tinham rotina diária estabelecida para entender a expressão do cuidado construído no cotidiano.

— *Levanto junto com minha esposa, ajudo a dar banho na minha filha, a organizar as coisas, levo-a na escola. Minha sogra pergunta: ‘Quer que eu vá buscar?’ Não, pode deixar que eu vou [...] Era fácil fazer assim: Ah, vai lá, buscar ela na escola. Não, eu sempre vou, levo, busco, e quando tem atividade com os pais no Guri, venho e vou às reuniões da escola [...] Gilson*

O homem-pai sempre foi visto como provedor por excelência da família e afastado, de forma consciente ou não, do poder do afeto e da compreensão, cabendo somente à mulher-mãe esse lugar. Na narrativa dos pais ainda vê-se a preocupação de preservar o papel de provedor de bens materiais, entretanto, essa não foi uma ideia unânime entre os entrevistados, cuja preocupação maior está voltada para cuidar dos filhos, no sentido de proporcionar felicidade, segurança e formá-los melhor para a vida.

— *Quando eu soube que seria pai já comecei a me virar, trabalhar, procurar a não esperar, sempre batalhando pra poder dar tudo de melhor, tudo de melhor que eu falo pra dar pra uma criança [...]. Gilson*

José faz referência à história familiar.

— *[...] pensando na minha família, fazendo a comparação, meu pai sempre foi, como a maioria dos pais, o provedor. É o que vai trabalhar, é o que ganha dinheiro, fica até mais tarde. Às vezes brinca com os filhos, mas assim, muito, muito distante [...] Atualmente, com toda essa mudança da sociedade, o homem acabou tendo mais a percepção de que , independente de sexo, de gênero, a criança precisa , não só os cuidados diários, ela precisa estar com as duas referências próximas [pai e mãe], são duas experiências de vida. [...] tem toda a questão ligada ao sexo, [porque] o pai tem mais responsabilidade [...] e eu faço parte disso [...]. José*

Os homens-pais começam a ter consciência de que são responsáveis, não apenas pela satisfação de necessidades materiais de seus filhos, mas também atentos e, prioritariamente preocupados com as necessidades no campo emocional e afetivo.

— [...] em vez de a minha esposa dar o primeiro banho, eu quis dar o primeiro banho na maternidade [...] tudo o que eles vão fazer eles me consultam, consultam a mãe, tem todo aquele carinho, amor maravilhoso pela mãe, a mãe é tudo pra eles [...]. Suedson

— Pelo menos da minha parte, a minha filha vai ter todas as referências que eu tiver capacidade de dar pra ela, não é só cuidar da rotina, mantê-la financeiramente, com essa sociedade consumista, aí a dificuldade! [risos] Comprar o telefonezinho, os Iphones e o Smartphone mais sofisticado é difícil porque é muito caro [risos], mas independentemente de tudo isso, a questão material, a convivência desde o nascimento vai te trazendo um senso de responsabilidade muito maior [...]. José

Pelas narrativas, vê-se o interesse, disposição e vontade dos pais na convivência com os filhos, apesar de um cotidiano exigente; os pais procuram se organizar para dar conta da convivência pois acreditam que ela seja fundamental nessa relação.

— [...] eu acho que a criança, você percebe isso, a criança precisa mesmo desse tempo [...] cheguei do trabalho, estou tão cansado, mas falo, vamos filha jogar vídeo game? Vou jogar com você durante meia-hora, porque eu tenho que correr, amanhã cinco horas eu tenho que acordar. Você percebe que sua filha precisa mesmo estar com você, é esse o tempo. José

Os pais entrevistados apontaram que o nascimento de um filho dá outra direção à família e um novo sentido à vida. Assim, descobrir a paternidade foi descobrir, de fato, o valor da vida e o medo da perda de um filho.

— Quando minha filha nasceu ela teve uma infecção decorrente de sepse neonatal¹⁹, uma infecção que não se sabe a origem, ela ficou dez dias internada no hospital; Isso já cria um vínculo forte com o teu filho, eu queria cuidar dela [...] você está lutando ali pra que ela, saia bem, fica na tua cabeça que teu filho pode morrer, então muita coisa acho que desde cedo acabou me aproximando muito dela [...]. José.

¹⁹ “A sepse neonatal precoce ocorre nos primeiros seis dias de vida, relacionada diretamente a fatores maternos gestacionais e periparto, o comprometimento é multissistêmico, e o germe, quando identificável, é do trato genital materno” (MIURA; SILVEIRA; PROCIANOY, 1999, p. 57).

Questão 3 – Responsabilidade compartilhada do casal

Os pais narraram o desenrolar do cuidado com ou sem a presença da mãe e foram unânimes em observar que é tarefa trabalhosa, mas prazerosa e difícil até certo ponto. Ainda há uma grande preocupação em “dar o melhor”, que passa pela provisão material, suprir aquilo que não consegue transmitir no dia a dia. Por outro lado, a mulher nessa nova sociedade também tem atuado como provedora, seja pela ausência do marido fortalecendo, por sua vez, a ideia de suprir necessidades materiais, seja como forma de diminuir a culpa por dividir o espaço privado (cuidados do lar) com o público (mercado de trabalho), lugar até pouco tempo ocupado exclusivamente pelos homens.

Ainda hoje os cuidados primários estão sobre a responsabilidade da mãe e o pai entra como aquele que ajuda nas horas vagas. No entanto, o movimento nos mostra que o pai quer ir além desse lugar de complementação, e vem experimentando o exercício do cuidado do seu jeito, de sua maneira.

As transformações pelas quais a sociedade vem passando definem as mudanças nas relações familiares, exigindo novas práticas no cotidiano das famílias.

— [...] *tanto o homem como a mulher são responsáveis, a mulher não fez sozinha [...] a participação nossa foi pouca, mas, teve uma participação, desde a hora que minha filha, meu filho foram fecundados, eu fiz parte dessa história. Então tive essa participação em tudo, tudo, tudo, escolha de enxoval, de pintar o quarto, então foi uma parceria do casal [...].*

Suedson

— *Vamos parar e falar assim: Oh! “Isso aqui, é pra fazer os dois juntos, não só você fala e eu falo, não, vamos falar e fazer as coisas juntos, vamos cuidar juntos isso levanta a autoestima da criança [...].* Gilson

A fala do Suedson entrelaça-se à perspectiva de revisão dos papéis ligados à paternidade e maternidade. Ficou claro que, no dia a dia, há divisão de tarefas, e o cuidado faz parte da vida tanto da mãe quanto do pai. No entanto, o cuidado com os filhos, no contexto da família atual, parece estar sob a responsabilidade do pai, que se percebe e se dedica a eles, mas também aponta para uma questão grandiosa.

— [...] *a gente não tem que questionar que mundo eu estou deixando para os meus filhos, mas que filhos eu estou deixando para o mundo [...].* Suedson

Os casais compartilham sustento e convívio.

— [...] a minha mulher também trabalha. [...] não faço por motivo de ela trabalhar, mas quando a gente está junto também é um apoiando o outro. Aí ficam os três, aí fica uma baderna só, a alegria já completa, entendeu? Gilson

A fala seguinte traz elementos que lançam luz à ideia do pai ser uma figura solidária, na medida em que disse se sentir grávido e intuiu o sexo da filha, durante o processo de gestação de sua esposa. Naquele momento, Suedson já se reconheceu como pai.

— [...] quando a minha esposa ficou grávida pela primeira vez, a gente fez o primeiro ultrassom. Falei pra médica conhecida nossa: [...] Dra. Sandra, é uma menina. Ela falou assim: `nossa, não precisa nem fazer o ultrassom, porque você acertou! [fala sorrindo e muda o tom da voz]. Senti isso, porque engravidei junto [...] Suedson

Os relatos dizem respeito a homens-pais que expressaram emoções e sentimentos carregados de significados, os quais começam a se descobrir como capazes de fazer parte da vida cotidiana de um filho, admitindo a importância da mãe e do pai nessa relação.

Quando o homem se dispõe a cuidar de um filho, ele não está somente intervindo materialmente na vida dessa criança, mas proporcionando convivência familiar, amor e segurança psíquica.

— [...] a mesma atenção que as mães podem dar realmente pros filhos, o pai também pode, basta ele querer também participar, basta ele estar sempre presente e querer [...] é não deixar as coisas somente pro lado da mulher. A questão é cuidar, a questão é o amor, é o amor mesmo do pai que sempre está ali [...] a criança vai crescendo com outro pensamento, vai ser uma pessoa melhor [...]. Gilson

Percebe-se com esse discurso, que o homem começa a ter compreensão maior do sentido do cuidado, com participação mais ativa, ainda que esse exercício esteja caracterizado como de transição. No entanto, já se vislumbra a renovação do entendimento sobre o cuidado na perspectiva da existência humana, na medida em que o indivíduo se encontra envolvido nessa prática no cotidiano. O cuidado é a sustentação do homem, que dá sentido à vida, é a concretude do amor.

Mesmo não possuindo a intenção de estar no lugar da mãe, o pai tem assumido tarefas cotidianas que o aproximam do papel socialmente atribuído às mulheres, principalmente no que se refere aos cuidados primários.

— [...] no dia a dia, então, como eu fazia? Ah! vou ficar dormindo? [...] eu não deixava tudo na responsabilidade dela (esposa). Gilson

O lugar do homem provedor que detém o poder econômico sobre os filhos e mulher vem se deslocando para um espaço de convivência de casais que se responsabilizam de forma compartilhada pela família, carreira profissional e possuem renda própria.

[...] faço a comparação com os meus pais, com a minha família, com o meu pai, o cuidado que hoje eu tenho com a minha filha. [...]. É muita dedicação é muito maior do que a dedicação que o meu pai tinha quando eu era criança, então tem uma mudança. [...] Ela é muito clara, hoje [...]. Ah a sociedade ainda é machista, a mulher tem que conquistar seu espaço, a mulher já está no mercado de trabalho aí ativamente e hoje as coisas estão aí, as divisões, as tarefas estão um pouco mais igualitárias [...]. José

Questão 4 – Visão ampliada do cuidado com a sociedade

Reconhecer o lugar do outro numa sociedade desigual é um ato de respeito e isso requer consciência. Um dos sujeitos pesquisados aponta essa questão.

— [...] tudo no nosso País tem que ser baseado na Educação e na Cultura, é o que enriquece o ser humano, acho que é isso que vai quebrar toda essa coisa de feminismo ou masculinismo [...] Não, homem não pode fazer isso porque é coisa de mulher, ou mulher não pode fazer isso porque é coisa de homem, e induzir as pessoas a agir assim, mas nós somos seres humanos, e estamos aqui pra cumprir uma missão e essa missão é respeitar um ao outro [...]. Suedson

Na narrativa dos sujeitos, o interesse maior e preocupação são com outro e, nesse contexto, o outro é a família.

— No Dia das Mães, minha esposa foi fazer um concurso, eu fiquei com eles. A gente foi almoçar na casa da avó e eu recebi meus parabéns pelo Dia das Mães. Eles falam: 'Pai, você é um paizão'! Suedson

As experiências narradas revelaram a possibilidade do cuidado paterno com práticas conscientes que merecem um olhar diferenciado.

— Esse cuidar, do homem estar envolvido, o cuidado com a família é muito importante, dá uma segurança. É pensar em uma sociedade um pouquinho melhor, porque até então fica tudo nas costas da mulher, a educação. É uma parceria em tudo, tanto do homem como da mulher [...]. Gilson

O cuidado ocupa um lugar especial no cotidiano e na atitude desses homens, porque faz parte da essência e promoção da vida humana. Não é cuidar por cuidar, representa uma

atitude de amor, compromisso, responsabilidade e partilha. É olhar para o outro e enxergar a possibilidade de materializar o cuidado de forma diferenciada.

— [...] *compreender um ao outro e poder fazer parte de uma nova civilização, zelando e protegendo [...].* Suedson

É possível também perceber que os sujeitos reconhecem que, por muito tempo, o homem ocupou lugar exclusivo de provedor, protetor e guardião da família. Os sujeitos também chamam atenção para o lugar do cuidado em suas vidas. Em suas narrativas, vê-se o encantamento por essa nova forma de cuidar dos filhos.

Um fato interessante apontado na pesquisa é como os sujeitos observam a necessidade de formar filhos para um mundo melhor.

— [...] *penso que somos seres humanos em primeira instância então, como seres humanos, temos que cuidar do outro, zelar pelo outro, prezar o outro [...].* Suedson

Questão 5 – Masculinidade e a nova paternidade

Cuidado paterno está atrelado ao amor, afeto e rompe fronteiras do campo da ajuda. Ao narrarem suas experiências com os filhos, desde o primeiro banho na maternidade à compra do primeiro absorvente para a filha, percebe-se como esse exercício se ampara em atitudes que antes eram de exclusividade feminina. No entanto, o papel de pai veiculado atualmente exige um personagem ativo.

— [...] *falam que o homem demora mais pra amadurecer do que a mulher, então tem essa coisa ainda meio primitiva, mas eu me lapido, sou pai! Quando a minha filha ficou menstruada a primeira vez, eu estava junto, ela ficou mocinha, então tudo isso eu acompanhei. Eu sei quando ela não está bem, coisas que muitos pais não sabem.* Suedson

— *Então se a gente está sempre presente, falando, dialogando as coisas ficam mais fáceis. A minha filha começou a namorar agora, imagina o ciúme! (risos) E eu sou muito ciumento mesmo, porque é a minha princesinha e eu fico preocupado, porque o homem ainda está naquele lance de machismo demais, sabe aquela coisa, é [...] primitivo no tratar com a mulher [...] homem conhece homem, tem o faro [...].* Suedson

O estado civil de descasado começa a fazer parte de um contexto social cada vez mais amplo.

Dentro dessa ótica, salientamos um aspecto desse ex-casal, que embora desvinculados enquanto cônjuges carregarão eternamente o vínculo entre si de pai e mãe dos filhos resultantes do casamento. A relação consigo próprio e com a prole, além da visão de mundo certamente altera-se nesses

indivíduos. O ser descasado não significa voltar a ser solteiro, principalmente quando se tem filhos. A paternidade e a maternidade passam a ser revistas, consciente ou inconscientemente, seja pelo cônjuge que ficou com a guarda dos filhos, seja por aquele que não a tem (SILVA, 1999, p. 7).

De uma forma ou de outra, há um sofrimento inquietante, ainda muito presente nos homens que se dispõem a desconstruir o modelo patriarcal, não somente em pensamento, mas em atitudes. O José tem essa preocupação em relação a sua filha, torná-la protagonista da sua própria história. A sua atitude com a filha, já que a mesma está no momento da guarda compartilhada, é preservar o respeito mútuo entre os pais.

Tudo o que este respeito mútuo requer dos ouvintes de uma narrativa é que eles ouçam – como soldados em uma trincheira á noite, contando-lhe histórias de suas famílias: isto todo este vínculo mútuo requer que cada um sinta que o outro está prestando atenção no escuro. O conteúdo tem menos importância (SENNET, 2004, p. 277).

— [...] *sempre evitei e nunca a cobrei também pra ficar falando sobre a mãe, vamos dizer, o que ela acha de cada um dos pais, pra não fazer ela se sentir pressionada, mas eu acho que ela está mesmo, vivendo numa fase da vida em que ela vai tomar uma decisão, talvez mais veemente [...] ela não vai deixar de conviver com a mãe, mas vai ter talvez um poder decisório um pouco maior, no final ela, a voz dela vai ser respeitada mesmo, é a que, que vai determinar.* José

Os homens-pais desta pesquisa, por não terem recebido orientação específica sobre a importância do cuidado paterno na vida de um filho (a maioria dos programas é voltada para o universo feminino) estão buscando conhecer espaços possíveis de discussão. Ao tomarem conhecimento do Instituto PAPAI e do Promundo, por meio da pesquisadora, todos manifestaram o desejo de conhecer e de provavelmente participar de projetos que os direcionem para este futuro de homens-pais cuidadores²⁰.

— [...] *ser homem não é bater no peito, ou gritar, ou ir fazer na força bruta, ser homem é ser na atitude, nos pensamentos, nas suas ações, ser homem é você zelar pelos seus filhos, pela sua família, ser homem é ser acima de tudo um verdadeiro ser humano, e olhar que o outro também tem esse potencial, olhar para o outro e respeitar as suas diferenças, e compreender que o outro é ser humano, que você também é ser humano, que você pode errar,*

²⁰ Ler o Anexo C, que conta a história de um homem consciente da nova paternidade e das dificuldades da sociedade contemporânea.

que o outro também pode errar, e que nós somos iguais perante a esse universo, não tem diferença. Suedson

A fala do pai recusa a ideia de que cuidar coloca em xeque sua masculinidade, bem como, valoriza a experiência familiar anterior.

— [...] *somos quatro, éramos cinco irmãos, mas um faleceu, e uma única menina na família, é a minha filha, imagina* (fala sorrindo, muda o tom da voz). *Era pra ser uma família de machistas, porque a maioria era homem, então, não perdemos a nossa masculinidade por causa disso, de estar brigando [...]. Hoje, sou uma pessoa que está afastada do trabalho, devido ao meu problema de saúde (cirurgia de coluna) [...]. Minha esposa está trabalhando, então eu cuido, vou à escola, quero saber como estão os meus filhos, sou muito parceiro da escola.* Suedson

— [...] *vim de uma estrutura que o meu pai saía pra trabalhar e, muitas vezes, minha mãe ficava com a gente, cuidando da gente, e é sempre via meu pai quando chegava em casa, lavava uma louça, ou então passava um pano na cozinha* (fala sorrindo, muda o tom da voz) [...] *sempre ajudava de alguma forma, ia fazer uma feira, e minha mãe sempre nos treinou, mas chegou um momento que minha mãe teve que sair de casa pra poder trabalhar pra ajudar no sustento da família, e minha mãe começou a ensinar, os filhos a cuidar de tudo.* [...] Suedson

Cumprе enfatizar que os homens estão chamando para si mesmo a responsabilidade do cuidado com (s) filho(s):

— [...] *a gente consegue cuidar dos nossos filhos. Se acontecesse alguma coisa entre eu e minha esposa, e que nos afaste, eu consigo cuidar dela, falo isso pra minha esposa, às vezes brincando, mas também é uma coisa séria, não acho que somente ela que pode cuidar, assim, eu falo, também consigo, também consigo, Pode deixar, hoje, vou levando muito bem o cuidado com ela [...].* Gilson

O cuidado com o(s) filho(s) pode estar presente no cotidiano de um homem, de um jeito diferente, quebrando resistência e abrindo um novo modo de cuidar, homens se colocando dentro de um projeto mais amplo de cuidado com a família e com a sociedade.

— *Sabe, já não sou aquele moleque de antigamente, [...], comecei a ser um homem a partir do nascimento da minha filha. Passei a me dedicar, a cuidar, tive o apoio da minha mãe, e me espelhei muito na relação dela com a minha avó, relação de amor, conselhos [...].* Gilson

De acordo com Badinter (1993), Almeida (1996) e Nolasco (1995), a masculinidade contemporânea está em crise em função dos movimentos feministas, ocorrido no final da

década 1960. Após esse período, os homens foram motivados a buscar expressões da subjetividade.

Após a análise nas cinco questões centrais da pesquisa, é possível afirmar que as atividades do cuidado se revelam, nos tempos atuais, como processos importantes na vida do homem e no fortalecimento da paternidade. Percebem-se, então, homens participando de forma efetiva na vida familiar, homens-cuidadores, principalmente, na prática do cuidado com os(as) filhos(as), revelando e apontando caminhos para uma nova paternidade, que não anula o poder do afeto da mãe, mas que compartilha também com essa possibilidade. No entanto, nessa nova direção do cuidar, os homens ocupam esse lugar de afeto, que há tanto tempo ficou socialmente construído e ocupado pela figura materna.

Os pais apontaram caminhos por onde passa o cuidado: satisfazer as necessidades básicas dos filhos, pois ainda se percebem como provedores também de necessidades materiais; participar ativamente de suas vidas de forma efetiva; satisfazer as necessidades afetivas dos filhos e proporcionar saúde mental e desenvolvimento psíquico por entender que agindo, dessa forma, estão promovendo cuidado humano.

Assim, a expressão do cuidado paterno se concretiza em um pai muito mais presente nas atividades da casa, na vida dos filhos e nas relações afetivas na família, além de provedor de necessidades materiais, ao mesmo tempo sintonizado com a complexidade e as exigências da sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realização deste estudo, a escolha do caminho metodológico contribuiu de forma significativa para a compreensão do cuidado dos homens-pais dispensado aos filhos. As narrativas dos três pais deram visibilidade às possibilidades para o exercício do cuidado paterno e propiciaram aos sujeitos expor e ressignificar experiências.

O cuidado desenvolvido pelos sujeitos da pesquisa precisa ser entendido como possibilidade de uma nova paternidade, no sentido de que o cuidar não se limite à provisão material, mas se amplia na construção do afeto. Assim, pensar em cuidado paterno, é pensar em envolvimento, em uma relação entre sujeitos, é possibilitar o fortalecimento de vínculos.

A pesquisa buscou captar a percepção dos homens-pais na sociedade contemporânea na relação com os filhos no dia a dia. Nessa trajetória, procurou-se também aprofundar o sentido do cuidado, na direção de como os pais se veem nessa relação, tanto no tocante a papéis, quanto a responsabilidades e processos sociais.

O mais importante nessa discussão foi ampliar a compreensão de igualdade de direitos e deveres que o homem-pai tem nas relações de cuidado com filho(a) e filhos(as), responsabilizando-se de forma compartilhada com a mulher a provisão material da família, as tarefas da casa, além da educação, segurança e relação amorosa com os filhos.

Assim, legitimar a ideia da capacidade da mulher em detrimento à do homem no aspecto do cuidado familiar significa uma atitude equivocada, pois pesquisas apontam que os homens têm se mostrado tão capazes quanto as mulheres no quesito cuidado com os filhos – aspecto vista nesta pesquisa.

É evidente que se descobrir como pai na perspectiva do cuidado não é nada fácil, é uma prática complexa cheia de preconceitos a serem enfrentados, até porque o que está em discussão é a revisão de papéis, e o sentido de ser pai aponta para novos significados.

Como foco central, buscou-se entender a figura paterna na relação do cuidado entre pai(s) e filho(s), no cuidado do lar e na construção do cuidado na perspectiva da afetividade. Os homens no sentido do cuidar vislumbram essa possibilidade, mas esperam agregar outros homens, o Estado, a escola e a sociedade no intuito de compor essa nova paternidade. Assim, considera-se que cuidado paterno emerge da convivência e se fundamenta no vínculo.

O exercício do cuidado paterno imprimiu marcas significativas na vida desses homens, traduzindo o convívio em solidariedade, ternura, carinho e a compaixão, conteúdo expressivo da relação pai e filho(s).

Os pais que dedicaram parte do seu tempo para contribuir com este trabalho trouxeram narrativas carregadas de emoções e de subjetividades, e para “[...] quem escuta uma história está em companhia do narrador; mesmo quem a lê partilha dessa companhia” (BENJAMIN, 2012, p. 15).

Pesquisar a história dos homens no exercício do cuidado utilizando métodos e técnicas que dão significado à voz do sujeito, memórias e experiências é procurar entender que o que comanda a narrativa não é apenas a voz, mas também a escuta, conforme palavras da Prof.^a Maria Lúcia Martinelli. A escolha da História Oral, tendo os sujeitos pesquisados como protagonistas de suas histórias deram um significado a esta pesquisa com a conclusão de que a vida cotidiana desafia a vida acadêmica.

Por fim, fica a reflexão de que o cuidado com respeito, igualdade e solidariedade prevaleça na família e na sociedade. Esses são os principais aspectos do cuidar por inteiro, além dos sentimentos, emoções, tristezas, sonhos e de tudo aquilo que está escondido no imaginário que só o amor revela.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). *Famílias: redes, laços e políticas públicas*. 4. ed. São Paulo: Cortez/Instituto de Estudos Especiais (PUC-SP), 2008.
- AGUIAR, Wanda M. Junqueira. Convivência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça M.; FURTADO, Odair (Orgs.). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. 3. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007. p. 95-110.
- ALMEIDA, Maria Isabel Mendes. *Masculino/Feminino: tensão insolúvel – sociedade brasileira e organização da subjetividade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- ANSART-DOURLEN, Michèle. Sentimento de humilhação e modos de defesa do eu. Narcisismo, masoquismo, fanatismo. In: MARSON, Isabel; NAXARA, Márcia. (Orgs.). *Sobre a Humilhação: sentimentos, gestos, palavras*. Uberlândia: EDUFU, 2005, p. 85-104
- ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. 2. ed. Rio de Janeiro: CLT, 2014.
- ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehauum; MEDRADO, Benedito. (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998.
- AUN, Juliana Gotijo; VASCONCELLOS, Maria José Esteves; COELHO Sonia Vieira. *Atendimento Sistêmico de Famílias e Redes Sociais*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte e Prosa, 2005.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. Sujeito, intersubjetividade e práticas de saúde. *Ciência e Saúde Coletiva*, Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, v. 6, n. 1, p. 63-72, 2001.
- _____. Cuidado: tecnologia ou sabedoria prática? *Interface – Comunicação, Saúde, Educação*. São Paulo, v. 6, n. 1, p. 117-120, 2000.
- BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- _____. *XY: Sobre a Identidade Masculina*. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BARBIERI, Teresita de. Sobre la categoria gênero: una introducción teórica metodológica. In: AZEREDO, Sandra; STOLCKE, Verena (Coords.). *Direitos reprodutivos*. São Paulo: FCC/DPE, 1991. p. 25-45.
- BARBOSA, Márcio F. A noção de ser no mundo em Heidegger e sua aplicação na psicopatologia. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 18, n. 3, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931998000300002. Acesso em: 4 jun. 2016.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edição 70, 1977.

BARROCO, Maria Lucia Silva. *Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos*. 8. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

BENJAMIN, Walter. 1892-1940. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. 8. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras escolhidas v.1)

BERTINI, Fatima Maria Araujo. Sofrimento ético-político: uma análise do estado da arte. *Psicologia & Sociedade*, v. 26, n. spe. 2, p. 60-69, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v26nspe2/a07v26nspe2.pdf>>. Acesso em: 16 jul. 2016.

BHERING, Elaine Rossetti; DE NEZ, Tatiane Bombardelli. Envolvimento de pais em creche: possibilidades e dificuldades de parceria. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.18, n. 1, p. 63-73, jan./abr. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v18n1/a08v18n1.pdf>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar. Ética do humano: compaixão pela Terra*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

_____. *A grande transformação: na economia, na política e na ecologia*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

BOFF, Leonardo; MURARO, Rose Marie. *Feminino e masculino: uma nova consciência para o encontro das diferenças*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminilidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JACAR, Alison; BORDO, Suzan, R. *Gênero, corpo e conhecimento*. Tradução Britta Lemos de Freitas. Rio de Janeiro: Record e Roda dos Tempos, 1997. p. 19-41 (Coleção Gênero, v.1)

BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BOWLBY, John. *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Identidade e etnia: construção da pessoa e resistência cultural*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRANDÃO, Hortensia Maria Dantas. *A lei em nome do pai: impasses no exercício da paternidade na contemporaneidade*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Psicologia do Desenvolvimento Humano, Universidade Federal da Bahia (UFBA), 2005.

BRASIL. Conselho Federal de Serviço Social (CFESS). *Código de Ética do assistente social*. Lei n. 8662/93 de Regulamentação da Profissão. 10. ed. rev. e atual. Brasília: CFESS, 2011. Disponível em: <http://www.cfess.org.br/arquivos/CEP2011_CFESS.pdf>. Acesso em: 21 mai. 2016.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde (CNS). *Resolução 466, de 12 de dezembro de 2012*. Aprova diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Trata de pesquisas e testes em seres humanos. Aprovada no Plenário do Conselho Nacional de Saúde (CNS). 240ª. Reunião Ordinária, em dezembro de 2012. Brasília: Diário Oficial da União em 13 de junho. 2012. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2014.

_____. Senado Federal. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1>. Acesso em: 21 mai. 2016.

BRAUNSTEIN, Hélio Roberto. *Ética do cuidado: das instituições de cuidado e pseudo cuidado*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012.

BRITO, Leila Maria Torraca (2005). *Guarda Compartilhada: um passaporte para a convivência familiar*. In APASE – Associação de pais e mães separados (Orgs.), *Guarda Compartilhada: aspectos psicológicos e jurídicos* (pp. 53-69). Porto Alegre: Equilíbrio.

CABRAL, Francisco; DÍAZ, Margarita. *Relações de gênero*. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE BELO HORIZONTE; FUNDAÇÃO ODEBRECHT. *Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar*. Belo Horizonte: Gráfica Editora Rona Ltda., 1998. p.142-150. Disponível em: <http://adolescencia.org.br/upl/ckfinder/files/pdf/Relacoes_Genero.pdf>. Acesso em: 19 mai. 2016.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves; BORGES, Ceyça Lia Palerosi; MIRANDA, Adílio Rene Almeida. Um exemplo do uso da História Oral como técnica complementar de pesquisa em administração. In: *Anais*. VI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPA, Florianópolis (SC), 2010.

CAPELLE, Mônica Carvalho Alves; MELO, Marlene Catarina de Oliveira Lopes. *Mulheres policiais, relações de poder e de gênero na Polícia Militar de Minas Gerais*. *Revista de Administração Mackenzie*, v. 11, n. 3, p. 71-99, 2010.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; POLITANO, Isabella; FRANCO, Anamélia Lins. Vínculo interpessoal: uma reflexão sobre diversidade e universalidade do conceito na teorização da Psicologia. *Estudos de Psicologia*, Campinas, v. 25, n. 2, p. 233-240, abr./jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2008000200008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 8 jul. 2016.

CARVALHO, Lilian Adeodato. *Reflexões sobre o pai: um estudo sobre a construção da paternidade na história de vida e no desenvolvimento do sujeito*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1989.

CARVALHO, Maria do Carmo Brant. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, Maria do Carmo Brant. (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: EDUC/Cortez, 2002. p. 14-22.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. *Cuidado, sociedade e gênero: um estudo sobre pais cuidadores*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2007. v. 1.

CARVALHO, Marília. *No coração da sala de aula: gênero e trabalho docente nas séries iniciais*. São Paulo: Xamã, 1999.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto III: O mundo fragmentado*. Tradução de Maria Rosa Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *As encruzilhadas do labirinto V: Feito e a ser feito*. Tradução Lílian do Vale. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1999.

CASTRO, Lucia Rabello (Org.). *Infância e adolescência na cultura do consumo*. Rio de Janeiro: Editora Nau, 1998.

CFESS. CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. *Código de Ética do Assistente Social*. Resolução CFESS n. 273, de 13 de março de 1993. In: *Legislação brasileira para o Serviço Social*. São Paulo: CRESS-SP, 2006, p. 42-68.

CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

CHAVES, Antonio. *Direito à vida e ao próprio corpo*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1994.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008.

CIAMPA, Antonio da Costa. *A Estória do Severino e a História da Severina: Um ensaio de Psicologia Social*. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CLEMENT, René. Parentalité et dysparentalité. *Le groupe familial*. Paris: Éditions Fédération Nationale des Écoles des Parents et des Educateurs (FNEPE), 1985.

COMEL, Nelsina Elizena Damo. *Paternidade responsável: o papel do pai na sociedade brasileira e na educação familiar*. Curitiba: Juruá, 1998.

CONNEL, Robert et al. *Estabelecendo a diferença: escolas, famílias e divisão social*. 7. ed. Tradução Ruy Dias Pereira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.

CUSCHNIR, Luiz. *Masculino, como ele se vê / Feminino, como o homem vê a mulher*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1994.

DAMÁSIO, António. *O sentimento de si*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

DEBERT, Guita Grin. Violência e Gênero: Novas propostas, velhos dilemas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, v. 23 n.66, fev. 2008.

DEBERT, Guita Grin; GREGORI, Maria Filomena; OLIVEIRA, Marcella Beraldo de (Orgs.). *Gênero, família e gerações: Juizado Especial Criminal e Tribunal do Júri*. Campinas (SP): Núcleo de Estudos de Gênero Pagu/Unicamp, 2008.

DUPUIS, Jacques. *Uma nova ferramenta para avaliar a qualidade de vida: a qualidade do inventário da vida sistêmica*. Assis: Cittadela, 1989.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

_____. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ERIKSON Erik. *Infância e Sociedade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Tradução Joaquim de Carvalho; Joaquim Ferreira Gomes e António Simões. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1992.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. São Paulo: Condeca/Governo do Estado de São Paulo, ed. rev. e atual, 2012.

FALEIROS, Vicente de Paula. *Estratégias em Serviço Social*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. Desafios de cuidar em Serviço Social: uma perspectiva crítica. *Revista Katálisis*, Florianópolis, v. 16, n. esp., p. 83-91, 2013.

FÁVERO, Eunice Teresinha; VITALE, Maria Amália Faller; BAPTISTA, Mirian Veras. (Orgs.) *Famílias de crianças e adolescentes abrigados: quem são, como vivem, o que pensam, o que desejam*. São Paulo: Paulus, 2008.

FERREIRA, Fernando Henrique. *Dialogando sobre a paternidade e cuidado em saúde: a perspectiva comunicativa crítica*. São Carlos: UFSCAR, 2014.

FLAQUER, Lluís. Famílias monoparentais em Espanha e na Europa: dinâmicas internas. In: *Anais*. Simpósio Internacional sobre a “figura do pai na família das sociedades desenvolvidas”. Las Palmas, 1995, p. 319-341.

_____. *La Estrella Menguante Del Padre*. Barcelona: Ariel, 1999.

FLAX, Jane. Pós-modernismo e as relações de gênero na teoria feminista. In: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (Org.). *Pós-modernismo e política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991. p. 217-250.

FONSECA, Jorge Luiz Cardoso Lyra da. Por acaso... pai! In: *Anais*. XXIV Reunião Anual de Psicologia da Sociedade Brasileira de Psicologia. Simpósio anual da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP), Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto (SP), 1994.

_____. *Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção*. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1997.

_____. Paternidade adolescente: da investigação à intervenção. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito (Orgs.). *Homens e masculinidades: outras palavras*. 1. ed. São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998. p. 185-214.

FOUCAULT, Michel. *A História da Sexualidade II: O Uso dos Prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *Microfísica do Poder*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FRANK, Leopoldo. *Existência e Subjetividade em Sartre: Sursis, caminhos da liberdade*. 17/07/2008. Disponível em: <<http://logistikon.blogspot.com.br/2008/07/existencia-e-subjetividade-em-sartre.html>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREITAS, Waglânia de Mendonça Faustino et al. (Orgs.) Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Revista de Saúde Pública*, São Paulo, v. 43, n.1, p.85-90, 2009. Disponível em: http://www.producao.usp.br/bitstream/handle/BDPI/4233/art_GUEDES_Paternidade_responsabilidade_social_do_homem_no_papel_2009.pdf?sequence=1. Acesso em: 17 jun. 2016.

FREITAS, Waglânia Mendonça Faustino; COELHO, Edméia de Almeida Cardoso; SILVA, Ana Tereza Medeiros Cavalcanti da (Orgs.). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cad. Saúde Pública*, v. 23, n. 1, 137-145, jan. 2007.

FROMM, Erich. *A Arte de Amar*. 1. ed. Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GABRIEL, Marília Reginato. *Transformações no envolvimento paterno ao longo dos seis primeiros meses do bebê na creche*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

GABRIEL, Marília Reginato; DIAS, Ana Cristina Garcia. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos e Psicologia*, Rio Grande do Sul, v. 16, n. 3, p. 253-261, set./dez., 2011.

GAMA, Andréa de Souza. *Trabalho, família e gênero impactos dos direitos do trabalho e da educação infantil*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do Gênero e para além do Gênero. In: ARILHA, Margareth; RIDENTI, Sandra G. Unbehaum; MEDRADO, Benedito. *Homens e masculinidades: outras palavras*. São Paulo: ECOS/Editora 34, 1998. p. 31-50.

GIDDENS, Anthony. *A constituição da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

_____. *As consequências da Modernidade*. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo: Editora da UNESP, 1993.

_____. *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GILLIGAN, Carol. *Uma voz diferente*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

GOFFMAN, Erving. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Tradução Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. *A representação do eu na vida cotidiana*. 19. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; REZENDE, Vera da Rocha. O Pai Presente: o desvelar da Paternidade em uma Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 20, n. 2, p. 119-125, mai./ago., 2004.

GOMES, Romeu. As Questões de Gênero e o Exercício da Paternidade. In: SILVEIRA, Paulo. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 175-182.

GOMIERO, Aline. Cresce o número de maridos que ficam em casa cuidando dos filhos. *Revista Claudia*. São Paulo: Editora Abril, 4 nov. 2014. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/familia/claudia/cresce-o-numero-de-maridos-que-ficam-em-casa-cuidando-dos-filhos>>. Acesso em: 26 mai. 2016.

GONÇALVES, Maria da Graça Marquina; BOCK, Mercês Bahia. A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais. In: GONÇALVES, Maria da Graça Marquina; BOCK, Mercês Bahia. *A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 116-157.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luis. *O social na Psicologia e a Psicologia no Social: A emergência do sujeito*. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. 3. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

GRANT, Walkiria Helena. A Maternidade, o Trabalho e a Mulher. In: *Colóquio do LEPSIIP/FE-USP*, São Paulo, Ano 3, 2001. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000032001000300008&script=sci_arttext. Acesso em: 2 jul. 2016.

GUARÁ, Isa Maria Ferreira da Rosa. Introdução à Teoria das Necessidades. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, Ano XIX, n. 57, jul. 1998.

GUERRA, Yolanda. *A Instrumentalidade do Serviço Social*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GUTIERREZ, Denise Machado Duran; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Produção de conhecimento sobre cuidados da saúde no âmbito da família. *Ciências & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1497-1508, jun. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232010000700062&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 mai. 2016.

HABERMAS, Jürgen. *Teoria e práxis: estudos de filosofia social*. 1. ed. Tradução Rúrion Melo. São Paulo: Editora UNESP, 2013.

HEIDEGGER, Martin. Carta sobre o humanismo. 2. ed. rev. Tradução Rubens Eduardo Frias. São Paulo: Centauro, 2005.

HELLER, Agnes. *Sociologia de la vida cotidiana*. 4. ed. Barcelona: Península, 1994.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho?: um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

HIRATA, Helena; GUIMARÃES, Nadya Araujo (Orgs.). *Cuidado e Cuidadoras: as várias faces do trabalho do Care*. São Paulo: Editora Atlas, 2012.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, p. 595-609, set./dez. 2007. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

HIRATA, Helena; SEGNINI, Liliana (Orgs.). *Organização, trabalho e gênero*. São Paulo: Editora Senac, 2007. (Série Trabalho e Sociedade)

HITE, Shere. *Relatório Hite sobre a Família: crescendo sob o domínio do patriarcado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

IANNI, Octavio. *A ideia de Brasil moderno*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

INSTITUTO PAPAI. Disponível em: <<http://institutopapai.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 9 jul. 2016.

KALOUSTIAN, Silvio Manoug; FERRARI, Mário (Org.). *Família Brasileira: a base de tudo*. São Paulo: Cortez/Brasília: UNICEF, 2000.

KARAN, Maria Lúcia. A superação da ideologia patriarcal e as relações familiares. In: SILVEIRA, P. (Org.). *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998, p. 185-192.

KAUFMAN, Michael. Los Hombres, el feminismo y las experiencias contradictorias del poder entre los hombres. In: ARANGO, Luz G.; LEÓN, Magdalena; VIVEROS, Mara. *Género e identidad. Ensayos sobre lo femenino y lo masculino*. Bogotá: T. M./ Uniandes/ UN. 1995. p. 123-146.

KRAMER, Sonia. *Profissionais de Educação Infantil: gestão e formação*. São Paulo: Ática, 2005.

LACAN, Jacques-Marie Émile. *A família*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1987.

LANE, Silvia. A mediação do emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Silvia; SAWAIA, Bader Burihan. (Orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo, 1995, p. 55-66.

LANE, Sílvia; SAWAIA, Bader Burihan. (Orgs.). *Novas veredas da Psicologia Social*. São Paulo: EDUC/ Brasiliense, 1995a.

_____. La Psicologia Social Comunitária en Brasil. In: WIESENFELD, E.; SÁNCHEZ, E (Eds.). *Psicologia Social Comunitaria: contribuciones Latinoame-ricanas*. Caracas: Fondo Tropykos, 1995b. p. 69-116.

LEWIS, Clive Staples. *Os quatro amores*. Tradução Paulo Salle. 2. ed. São Paulo: Editora WMF/Martins Fontes, 2009.

LÉVI-STRAUSS, Claude. A família. In: LE,OVIS-STRAUSS, Claude. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edição 70, 1986, p. 69-98.

LOURO, Guacira Lopes. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva de gênero. *Teoria e Educação*, Porto Alegre, n. 6, p. 53-67, 1992.

_____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1997.

LOZANO, José Eduardo Aceves. Prática e estilos de pesquisa em história oral contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Orgs.). *Usos e Abusos da História Oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 15-25.

LUZ, Madel Therezinha. O Lar e a Maternidade: instituições políticas. In: LUZ, Madel Therezinha (Org.). *O Lugar da Mulher: estudos sobre a condição feminina na sociedade atual*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1982. p. 9-31.

_____. Fragilidade Social e Busca de Cuidado na Sociedade Civil de Hoje. In: PINHEIRO, Roseni; MATTOS, Ruben Araújo de (Orgs.). *Cuidado: as fronteiras da integralidade*. São Paulo: Rio de Janeiro: IMS/UERJ; Cepesc; Abrasco, 2005. p. 205-219.

MACIEL, Alexandrina Aparecida. *Ser/estar pai: uma figura de identidade*. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, 1994.

MARTINELLI, Maria Lúcia. *Pesquisa qualitativa: um instigante desafio*. São Paulo: Editora Veras, 1999.

_____. *Serviço Social: identidade e alienação*. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *História Oral: Exercício democrático da palavra*. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2014. (Texto didático)

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política: Livro I*. Tradução Reginaldo Sant'Anna. 33. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

MEDRADO, Benedito. Homens na Arena do Cuidado Infantil: Imagens veiculadas pela mídia. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S. G. U.; MEDRADO, B. (Org.). *Homens e Masculinidades: outras palavras*. São Paulo: Editora 34, 1998. p.145-161.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de história oral*. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

MILLET, Kate. *Política Sexual*. México: Aguilar, 1970.

MILLS, Charles Wright. *A Imaginação Sociológica*. 4. ed. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde*. 2. Ed. São Paulo: Hucitec/Abrasco, 1993.

_____. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (Orgs.). *Textos em representações sociais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 89-111.

MIOTO, Regina Célia Tamasso. Família e serviço social. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, v. 17, n. 55, p. 114-130, nov. 1997.

_____. Cuidados sociais dirigidos à família e segmentos sociais vulneráveis. *Cadernos CEAD*, Brasília, mod. 4, 2000.

MIOTO, Regina Célia Tamasso; STAMM, Maristela. Família e Cuidado: uma leitura para além do óbvio. *Ciência, Cuidado e Saúde Maringá*, v. 2, n. 2, p. 161-168, jul./dez. 2003.

MIURA, Ernani, SILVEIRA, Rita de Cássia; PROCIANOY, Renato S. Sepsis neonatal: diagnóstico e tratamento. *Jornal de Pediatria*, Sociedade Brasileira de Pediatria, v. 75, supl. 1, 1999. (Artigo de Revisão). Disponível em: <<http://www.jpmed.com.br/conteudo/99-75-s57/port.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2016.

MORIN, Edgar. *Em busca dos fundamentos perdidos: textos sobre o marxismo*. Tradução Maria Lúcia Rodrigues e Salma Tannus. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. Tradução Eliane Lisboa. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MURARO, Rose Marie. *A Mulher no Terceiro Milênio: Uma história da mulher através dos tempos e suas perspectivas para o futuro*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

NÄSMAN, Elizabeth. The importance of family policy for father' care of children. In: European Commission childcare network. Report on Childcare network technical seminar. Glasgow: cap. 2, p. 1-19, may. 1990.

NOLASCO, Sócrates (Org.). *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

_____. (Org.) *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

NORA, Pierre. *Les lieux de Mémoire*. Paris, Gallimard, 1984.

OMS. ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Diminuindo diferenças: a prática das políticas sobre determinantes sociais da saúde. In: Conferência Mundial sobre Determinantes Sociais da Saúde. Rio de Janeiro, 19 a 21 de outubro de 2011. (Documento de Discussão – Todos pela Equidade). Disponível em:

<http://www.who.int/sdhconference/discussion_paper/Discussion_Paper_PT.pdf>. Acesso em: 20 mai. 2016.

OSORIO, Luiz Carlos. *Família hoje*. Porto Alegre: Artes médicas, 1996.

PALMA, Irma; QUILODRÁN, Cecilia. Opções masculinas: Jovens diante da gravidez. In: COSTA, Albertina de Oliveira (Org.). *Direitos tardios: saúde, sexualidade e reprodução na América Latina*. São Paulo: Ed. 34/Fundação Carlos Chagas, 1997. p. 141-174.

PARSEVAL, Geneviève. D. de. *A parte do pai*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PAUGAM, Serge. *A desqualificação social: ensaios sobre a nova pobreza*. Tradução Camila Giorgetti. São Paulo: Educ/Cortez, 2003.

_____. O enfraquecimento e a ruptura dos vínculos sociais: uma dimensão essencial do processo de desqualificação social. In: SAWAIA, Bader Burihan. (Org.) *As artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. São Paulo: Vozes, 2004.

_____. *O laço social*. Paris: Presses Universitaires de France, 2008. (Collection "O que eu sei?")

_____. Protección y reconocimiento: por una sociología de los vínculos sociales. *Papeles del CEIC – Centro de Estudios sobre la Identidad Colectiva*, Universidad del País Vasco, v. 2, n. 82, sep. 2012.

PEREIRA, Potyara Amazoneida Pereira. Desafios contemporâneos para a sociedade e a família. *Serviço Social & Sociedade*, São Paulo, n. 48, p.103-114, ago. 1995.

_____. *Necessidades humanas: subsídios á crítica dos mínimos sociais*. São Paulo: Cortez, 2000.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Ciladas da diferença. *Tempo Social – Revista de Sociologia da USP*, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 7-33, 2º sem.1990. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v2n2/0103-2070-ts-02-02-0007.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2016.

POMBO, Carolina. Homens que cuidam. *O Valente não é Violento*. 2013. Disponível em: <<http://www.ovalentenaovievolento.org.br/artigo/77/Homens-que-cuidam>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

PORTELLI, Alessandro. Tentando Aprender um Pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. *Projeto História*, São Paulo, v. 15, p.13-49, abr.1997. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>>. Acesso em: 19 mai. 2016.

PROMUNDO. Campanha ressalta importância do cuidado paterno para prevenir a violência. *Childhood Brasil*: pela proteção da criança 6 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.childhood.org.br/campanha-ressalta-importancia-do-cuidado-paterno-para-prevenir-a-violencia>>. Acesso em: 9 dez. 2015.

PROMUNDO. *Paternidade e Cuidado*: Promovendo o envolvimento dos homens no cuidado e na paternidade. 2016. Disponível em: <<http://promundo.org.br/trabalho/?programa=paternidade-e-cuidado>>. Acesso em: 17 jun. 2016.

PULEO, Alicia. *Patriarcado*. In: AMORÓS, Celia. *10 Palavras Clave sobre Mujer*. Madrid: EVD, 1995. p. 221-225.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 1997.

_____. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 9, n. 2, p. 183-193, mai./ago. 2004.

REIS, Gilcelia Lima da S. Reis. *Homem-pai*: Do Cenário da ajuda para a construção do cuidado. Especialização (Trabalho Social com Família) São Paulo: UniFMU, 2013.

RESENDE, Vera Rocha; GOMES, Aguinaldo José da Silva. A paternidade e o resgate da experiência humana do homem. [Resumo (p. 46)]. In: *Anais*. III Fórum de Debates em Extensão Universitária e Assuntos Comunitários. Bauru: UNESP, 1997.

RIBEIRO, Fabiano. *Paternidade bem resolvida*. São José dos Campos: Inspire, 2012.

ROLNIK, Sueli. Toxicômanos de identidade: Subjetividade em tempo de globalização. In: LINS, Daniel (Org.). *Cultura e subjetividade*: saberes nômades. Campinas: Papirus, 1997. p.19-24.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Já se mete a colher em briga de marido e mulher. *São Paulo em Perspectiva*, v. 13, n. 4, out./dez. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88391999000400009>. Acesso em: 30 jun. 2016.

SALES, Mione Apolinario; MATOS, Maurílio Castro de Matos; LEAL, Maria Cristina (Orgs.). *Política Social, Família e juventude*: uma questão de direito. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTA MARCELINA ORGANIZAÇÃO SOCIAL DE CULTURA. Guri Santa Marcelina (GSM). Disponível em: <<http://santamarcelinacultura.org.br/>>. Acesso em: 20 mai. 2016.

SARTI, Cynthia Andersen. A família como ordem moral. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 91, p. 46-53, nov. 1994.

SARTRE, Jean Paul. *A grande Transformação*: Na economia, na política e na ecologia. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014a.

_____. *O Ser e o Nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Tradução Paulo Perdiggão. 23. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014b.

SAWAIA, Bader Burihan. O ofício da psicologia social à luz da ideia reguladora de sujeito: da eficácia da ação à estética da existência. In: ZANELLA, Andréia Vieira et al. (Orgs.). *Psicologia e práticas sociais*. Porto Alegre (RS): ABRAPSO, 1997. p. 67-79.

_____. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. In: *Psicologia & Sociedade*, v. 21, n. 3, p. 364-372, 2009.

_____. (Org.) *As Artimanhas da Exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. 14. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014

SCIENTIFIC AMERICAN BRASIL A paternidade muda o cérebro: Homens ficam mais atentos e acolhedores com a chegada do bebê. *Mente e Cérebro*. Revista da Editora Segmento, n. 227, 2015.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução Christine Rufino e Maria Betânia Ávila. New York: Columbia University Press, 1989.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SENNETT, Richard. *Respeito: a formação do caráter em um mundo desigual*. Tradução Rytta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SHIMIZU, Helena Eri; LIMA, Maria Goreti. As dimensões do cuidado pré-natal na consulta de enfermagem. *Rev. Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 62, n. 3, mai./jun. 2009.

SILVA, Alaide Maria Morita Fernandes da. *Produção do cuidado em Saúde e o Serviço Social*. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

SILVA, Evani Zambon Marques da. *Paternidade ativa na separação conjugal*. São Paulo: Editora Juarez de Oliveira, 1999.

SILVEIRA, Paulo. *Exercício da Paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOARES, Ana Cristina Nassif. *Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2001.

SOUZA, Carmem Lucia Carvalho de; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paideia*, Ribeirão Preto, v. 19, n. 42, p. 97-106, jan./abr. 2009.

SOUZA, Francisco Saraiva. *Psiquiatria Interpessoal. Antropologia Médica Biociência Social CyberPsicologia Psiquiatria Saúde Teoria Médica*, São Paulo, agosto, 2008. Disponível em: <<http://cyberbiologiaecybermedicina.blogspot.com.br/2008/08/harry-stack-sullivan-psiQUIATRIA.html>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social*, Rev. Sociologia USP, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 31-52, 1993 (editado em nov. 1994).

SPIZZIRRI, Giancarlo; PEREIRA, Carla Maria de Abreu; ABDO, Carmita Helena Najjar. O termo gênero e suas contextualizações. *Diagn Tratamento*. Programa de Estudos em Sexualidade (ProSex) do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, v. 19, n. 1, p. 42-44, 2014. Disponível em: <<http://files.bvs.br/upload/S/1413-9979/2014/v19n1/a3969.pdf>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

STRATHERN, Marilyn. *O Gênero da Dádiva*. Campinas: Ed. Unicamp, 1998.

SUTTER, Christina; BUCHER-MALUSCHKE Júlia Susis Nobre Ferro. *Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina na paternidade participativa*. *Psico*, Porto Alegre, v. 39, n. 1, p. 74-82, jan./mar. 2008.

TELLES, Vera da Silva. Questão social: afinal do que se trata? *São Paulo em Perspectiva*, Fundação Seade, São Paulo, v. 10, n.4, out./dez. 1996.

THORNE, Barrie. *Gender play: Girls and boys in school*. New Jersey: Rutgers University Press, 1993.

TILLY, Louise. Gênero, História das Mulheres e História Social. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 3, p. 29-62, 1994.

TORRES, Abigail Silvestre. Segurança de convívio e de convivência: direito de proteção na Assistência Social. Tese (Doutorado em Serviço Social) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

TRINDADE, Zeide A. *As representações sociais da paternidade e da maternidade: implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese (Doutoramento em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo (IPUSP), São Paulo, 1991.

VALENTE, Jane. *Família acolhedora: as relações de cuidado e de proteção no serviço de acolhimento*. São Paulo: Paulus, 2013.

VALE, Thiago Gandra do. A potencialidade dos afetos na natureza humana. *Pensamento Extemporâneo: Filosofia a qualquer tempo*. Faculdade Arquidiocesana de Mariana (MG), 9 de abril de 2011. Disponível em: <<http://pensamentoextemporaneo.com.br/?p=1357>>. Acesso em: 8 jul. 2016.

VALLADARES, Blanca. Revisión Teórica de los Mitos de la Maternidade. In: *Anais*. 5º Congresso Internacional e Interdisciplinario de la Mujer. Universidad de Costa Rica, FEB. 1993.

VALORONLINE. Homens que cuidam da casa e filhos são discriminados no trabalho. *G1 Concursos e Empregos*, 23 jul.2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/concursos-e-emprego/noticia/2013/07/homens-que-cuidam-da-casa-e-filhos-sao-discriminados-no-trabalho.html>>. Acesso em: 8 mai. 2016.

VILLELA, João Baptista. Desbiologização da paternidade. *Revista da Faculdade de Direito da UFG*, v. 27, n. 21, p. 415, mai. 1979.

VILLA, Alejandro Marcelo. *Fecundidad y masculinidad: algunos dilemas subjetivos en la construcción de gênero de los varones*. Buenos Ayres, 1996. (Mimeografado)

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Imagination and creativity in childhood. *Soviet Psychology*, v. 28, p. 84-96, 1990.

_____. História do Desenvolvimento das Funções Psíquicas Superiores. In: *Obras Escogidas III*. Madrid: Visor Distribuciones, 1995.

_____. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____. *O Desenvolvimento Psicológico na Infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

WINNICOTT, Donald Woods. *A família e o desenvolvimento individual*. Tradução Marcelo Brandão Cipolla. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

ZORNING, Silvia Maria Abu-jamra. Tornar-se pai, tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 2, p. 453-470, 2010.

ANEXOS

ANEXO A – Questões norteadoras das entrevistas

A presente pesquisa destina-se ao desenvolvimento de um estudo, integrado numa dissertação de Mestrado em Serviço Social, em que se pretende conhecer as opiniões do envolvimento dos homens no exercício do cuidado paterno com filhos inseridos no **Programa de Inclusão Musical da Organização de Cultura Santa Marcelina – Guri Santa Marcelina**, situado na região central de São Paulo, no Polo Júlio Prestes e na Zona Leste de São Paulo no Polo Jambeiro, considerando: Pais que convivem com os filhos e participam do cuidado no dia-a-dia, podendo ser este; Pais que cuidam dos filhos juntamente com as mães; Pais que cuidam sozinhos dos filhos

Os dados coletados nesta pesquisa serão exclusivamente para o uso desta dissertação de mestrado. Sendo assim, gostaria de pedir a sua ajuda respondendo as perguntas que se seguem. Precisa-se disponibilizar aproximadamente 10 minutos para responder às questões com informações pessoais e mais 50 minutos para compartilhar sua experiência de cuidado. Não existem respostas certas ou erradas. A informação dada será confidencial. Para tanto, comprometemo-nos a respeitar o anonimato, confidencialidade e privacidade dos dados. Muito obrigada (a) pela sua colaboração.

Questões norteadoras das entrevistas

- 1) O que é cuidado pra você?
- 2) Tenho interesse em saber, ou seja, entender como os pais cuidam de seus filhos nos dias atuais.
- 3) Por que você acha que homens também devem cuidar dos filhos?
- 4) Como você costuma cuidar, ou mesmo, cuidou dos seus filhos? Você segue uma rotina, ou cuida quando dá?
- 5) Você acha difícil cuidar sozinho de uma criança?
- 6) O que te levou a assumir o cuidado com seu filho (a)?

ANEXO B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidado a participar deste estudo intitulado *HOMEM-PAI: DO CENÁRIO DA PROVISÃO MATERIAL À CONSTRUÇÃO O CUIDADO*. Este estudo tem por objetivo geral entender como os homens na dinâmica familiar na sociedade ocidental contemporânea, se motivam, se organizam, agem, reagem e vivenciam o exercício do cuidado com os filhos.

Dessa forma, acreditamos que você tem perfil e preenche os critérios para respondente desta pesquisa. No caso deste estudo você será submetido, exclusivamente, a uma entrevista aonde irá narrar sua experiência sobre seu envolvimento no cuidado com seu(s) filho(s) e o objetivo é de fornecer informações para o melhor entendimento do assunto, em questão, sendo assim, terá toda autonomia para decidir entrar ou não na pesquisa. Também, você terá toda liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento, sem prejuízo de qualquer natureza.

Tanto você quanto os dados por você fornecidos serão mantidos sob absoluta confidencialidade e, portanto, ninguém mais terá conhecimento sobre sua participação. Sempre que for necessário esclarecer alguma dúvida sobre o estudo, você deverá buscar contato com o *coordenador da pesquisa Gilcelia Lima da Silva Reis* no endereço eletrônico gilreisreis@hotmail.com ou através do telefone que segue: 11-97534-7341. Para quaisquer informações, fica disponibilizado o endereço da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). No Programa de Pós-Graduados em Serviço Social situado na Rua Ministro de Godói, 969 - 4º andar - Perdizes - São Paulo-SP Tel. (11) 3670-8512. Email sssocial@pucsp.br www.pucsp.br/pos. Este documento será emitido em duas vias que serão ambas assinadas pelo participante da pesquisa e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós. Sendo assim, eu concordo voluntariamente em participar deste estudo.

Consentimento

Li, tomei conhecimento, entendi os aspectos da pesquisa e, voluntariamente, concordo em participar do estudo.

Assinatura ou impressão datiloscópica do participante da pesquisa.

Endereço: _____ Fone(s): _____

RG nº: _____

Assinatura do Pesquisador responsável/ RG

Data: 16 de maio de 2016.

ANEXO C – Homens que cuidam. *O Valente não é violento.* (POMBO, 2013)

João está deprimido. Fez uma consulta com um psiquiatra antes de chegar em casa com a cabeça girando e os ombros como pregadores rígidos que sustentam os braços sem força, cansados. Depois de nove horas no escritório, de frente para o computador e uma pilha enorme de documentos para revisar e assinar, ainda pegou um trânsito de uma hora para chegar ao consultório, esperar meia hora e ser atendido por um senhor muito simpático e apressado. E agora pensa em como contar para a ex-mulher a “novidade”. Finalmente, recebera um diagnóstico que o fizera compreender por que vinha sentindo aquelas palpitações repentinas, a vontade de chorar ao acordar, a insônia. O pouco tempo que conseguisse ficar fora do trabalho teria que ser ocupado então pelas idas à terapia e as caminhadas ao longo da Lagoa Rodrigo de Freitas, como recomendado pelo médico, para acompanhar o tratamento medicamentoso.

É difícil contar a novidade para a ex porque finalmente ela tinha concordado em deixá-lo visitar o filho um dia a mais na semana, além dos fins de semana quinzenais, e agora, não sabia se conseguiria encaixá-lo na agenda. Ironicamente, o maior motivo identificável de seu sofrimento nos últimos dois anos não fora incluído no diagnóstico ou no tratamento psiquiátrico. O médico afirmou com bastante segurança que o problema de João é estresse: muito trabalho, pouco exercício físico, quase nenhuma folga nos últimos meses. O doutor não considerou relevante o fato de suas horas de dedicação ao trabalho terem aumentado muito desde que fora morar longe do filho. Detesta ficar no apartamento sozinho e encarar o quarto do moleque vazio durante a semana... Prefere ser o primeiro a chegar e o último a sair do escritório. Isso lhe valera uma promoção e um bônus anual considerável.

Mas, ainda caminha a passos largos para o fundo do poço, pensa alto e lembra: depois do bônus anunciado e da comemoração dos colegas, tomou um porre de tristeza. Sentiu-se um inútil, um pai ausente, um egoísta. Pensou em se matar. Talvez assim, o moleque o valorizasse... Talvez ficasse como um mártir. Ri de si mesmo, e continua deprimido. Sabe que trabalha muito, e tem pouco contato com o filho. Mas, pediu recentemente para a ex dar uma trégua nas brigas e permitir um encontro por semana além dos quinzenais. Contara a história na consulta, mas o psiquiatra muito apressado folheava um livro intitulado *Diagnóstico diferencial de doenças do trabalho*.

Refletindo sobre esses últimos acontecimentos, sozinho e cansado, João encontra forças para se sentar mais uma vez na frente do computador. Pensa em mandar um e-

mail para a ex, pedindo um tempo para reorganizar a agenda até poder encaixar o moleque. Antes de ter coragem para cometer mais essa gafe familiar, navega na internet, lê umas notícias, brinca de procurar coisas bizarras no Google, digita: depressão paterna ri novamente de si. Encontra sites e blogs de pais, como ele, inconformados com a “desigualdade parental”, uma forma de desigualdade de gênero que penaliza muito mulheres e homens.

Por acaso, esbarra com um movimento: “Homens que Cuidam”. Eles se manifestam por uma sociedade mais justa que permita maior intimidade entre os homens e seus filhos, uma sociedade que os estimule a cuidar dos pequenos, que não os condene por sair mais cedo do escritório para buscá-los na escola, levá-los no pediatra, e todas essas pequenas grandes tarefas que as mães costumam fazer. Eles sonham com uma cultura na qual não se sintam constrangidos por chorar de amor ou de saudade, por expressar seus afetos de forma clara e carinhosa.

Ao ler essas reivindicações estranhas e ambiciosas, João tem um estalo! Como ficou tanto tempo alheio ao mundo, nesses anos, enfiado no trabalho, sofrendo sozinho! O movimento HQC parece grande, articulado, e bastante acolhedor. Num dos sites, dizem até ter conseguido aprovar uma lei de licença parental prolongada numa cidade paulista na qual os homens já conseguem participar de 50% do tempo de cuidado e educação das crianças. Nela há até mesmo uma quantidade proporcional de homens como cuidadores e professores em pré-escolas. “Que avanço!” pensou.

Dar-se conta de seu alheamento e das possibilidades de um movimento social como esse foi constrangedor e ao mesmo tempo libertador. Percebeu o quanto se submeteu a essa lógica massacrante de supervalorização do homem-alfa, do homem-dominador, ao qual não é permitida a humildade, o zelo pelo próximo, a demonstração rasgada de amor, do qual é exigida uma competitividade desenfreada – como se vivessem ainda no tempo das cavernas...

Percebe o quanto fora ausente nos primeiros anos da vida do filho, porque aceitava as afirmações recorrentes de que cuidar do bebê é papel da mãe. Sente-se responsável em consentir nessa violência simbólica, e compreende o quanto ela o fizera mal. O amor que explodira ao ver o rostinho de seu bebê depois do parto ficara trancado no peito, reprimido, emoldurado por um semblante sempre sério, agressivo e distante. Diziam-lhe que, como pai, deveria ser um exemplo de “homem”, e assim foi. Mas o moleque jamais saberia do enorme amor que sentia, se ele nunca lhe contasse, não apenas em palavras, mas em gestos, em atitudes, no dia a dia. A ex bem que tentou lhe avisar, disse que, desse jeito, o filho iria se afastar espontaneamente. Até que se separaram e a criança não titubeou quando

o juiz perguntou sobre a guarda: com sete anos já sabia com toda certeza que queria morar com a mãe.

Agora, João percebe-se empolgado, lembrando e relatando a história de sua paternidade para outras pessoas num fórum da internet. Chega a chorar, lembrando-se de momentos nos quais sentiu uma vontade enorme de pegar o filho, ninar, banhar, alimentar, e foi reprimido por essa lógica patriarcal sufocante. Agora compreende”!

Foi assim, recontando sua história, que ele conseguiu compreender a necessidade de um movimento solidário dos próprios homens contra esse patriarcado! Assumiu o controle de seus braços, jogou o remédio para o fundo de uma gaveta, enxugou as lágrimas, e telefonou para o moleque: na quinta feira, meu querido, papai vai buscá-lo, e vamos viver como se não houvesse amanhã! Desliga, com o coração aliviado, o semblante leve, e cantarola Legião Urbana, sem ligar para o clichê, “é preciso amaaaar as pessoas como se...” (Carolina Pombo, 2013).

Pais e Filhos – Legião Urbana

Estátuas e cofres e paredes pintadas
Ninguém sabe o que aconteceu
Ela se jogou da janela do quinto andar
Nada é fácil de entender

Dorme agora
É só o vento lá fora

Quero colo! Vou fugir de casa
Posso dormir aqui com vocês?
Estou com medo, tive um pesadelo
Só vou voltar depois das três
Meu filho vai ter nome de santo
Quero o nome mais bonito
É preciso amar as pessoas
Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há
Me diz, por que que o céu é azul?
Explica a grande fúria do mundo
São meus filhos
Que tomam conta de mim
Eu moro com a minha mãe
Mas meu pai vem me visitar
Eu moro na rua, não tenho ninguém
Eu moro em qualquer lugar
Já morei em tanta casa
Que nem me lembro mais
Eu moro com os meus pais
É preciso amar as pessoas

Como se não houvesse amanhã
Porque se você parar pra pensar
Na verdade não há
Sou uma gota d'água
Sou um grão de areia
Você me diz que seus pais não te entendem
Mas você não entende seus pais

Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo
São crianças como você
O que você vai ser
Quando você crescer